



# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

## A REPRESENTAÇÃO DOS IMIGRANTES E DOS REFUGIADOS NAS NOTÍCIAS TELEVISIVAS E A RESPECTIVA INTEGRAÇÃO DESTES GRUPOS NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Universidade Católica  
Portuguesa para obtenção do grau de mestre em  
Ciências da Comunicação - Jornalismo

Por

Filipa Marques Pereira Rio Maior

Faculdade de Ciências Humanas

Setembro, 2024



# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

A REPRESENTAÇÃO DOS IMIGRANTES E DOS REFUGIADOS NAS  
NOTÍCIAS TELEVISIVAS E A RESPECTIVA INTEGRAÇÃO DESTES  
GRUPOS NA SOCIEDADE PORTUGUESA

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa  
para obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação –  
Jornalismo

Por

Filipa Marques Pereira Rio Maior

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação de Professora Doutora Catarina Valdigem

Setembro, 2024

## RESUMO

Com o aumento significativo da imigração em Portugal, os imigrantes começam a ganhar cada vez mais destaque nas notícias. Também os refugiados, que fogem da guerra e de conflitos de ordem política, são já uma realidade incontornável da sociedade portuguesa. A representação mediática da imigração é complexa e multifacetada e tem sido alvo de estudo de diversos autores na área da comunicação ao longo dos anos. Essa representação pode, por vezes, estimular narrativas negativas que associam o fenómeno da imigração a problemas sociais. A televisão, enquanto meio de comunicação social que chega a uma audiência de larga escala, tem um papel crucial na formação de opinião pública e na perpetuação de estereótipos que não captam a complexidade das experiências dos imigrantes e dos refugiados. O presente trabalho propõe assim estudar a forma como a imigração é representada nas notícias televisivas em Portugal em horário nobre e como essas representações impactam a integração de imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa. Para responder a esses objetivos, recorreremos a uma metodologia mista que combinou uma análise de conteúdo de notícias dos canais de sinal aberto RTP e SIC, exibidas em horário nobre durante o mês de março de 2023, com oito entrevistas semiestruturadas a imigrantes e refugiados. O trabalho conclui, por exemplo, que existem diferenças na forma como os meios de comunicação portugueses representam estes grupos, destacando que os imigrantes e refugiados provenientes de países europeus são os que menos sofrem com questões de discriminação e de representação na televisão portuguesa. Além disso, também coloca em evidência narrativas negativas que associam a imigração a problemas sociais como criminalidade e delinquência, fomentando assim barreiras à integração destes grupos. Pretende-se que este trabalho contribua para a promoção da compreensão, inclusão e respeito pela diversidade a fim de se construir uma sociedade mais inclusiva e acolhedora para todos.

**Palavras-chave:** representação, televisão, imigração, imigrantes, refugiados, Portugal.

## ABSTRACT

With the significant increase of immigration in Portugal, immigrants are beginning to gain more and more prominence in the news. Refugees, who run away from war and political conflicts, are also an unavoidable reality of the portuguese society. The media representation of immigration is complex and multifaceted and has been a subject of study by several authors in the field of communication over the years. This representation can, at times, encourage negative narratives that associate immigration with social problems. The television, which reaches a large audience, plays a crucial role in shaping public opinion and perpetuating stereotypes that do not capture the complexity of the experiences of immigrants and refugees. This work thus proposes to study the way in which immigration is represented on portuguese television during prime-time and how these representations impact the integration of immigrants and refugees into the portuguese society. To achieve these goals, we used a mixed-methods research methodology that combined the analysis of news from the portuguese open television channels RTP and SIC, aired in prime-time during march 2023, with eight semi-structured interviews with immigrants and refugees. The study concludes, for example, that there are differences in the way the portuguese media represent these groups, highlighting that immigrants and refugees from european countries are the least affected by issues of discrimination and representation on television. Furthermore, it also emphasizes negative narratives that associate immigration with social problems such as crime and delinquency, fostering barriers to the integration of these groups. This work aims to contribute to the promotion of understanding, inclusion, and respect for diversity in order to build a more inclusive and welcoming society for all.

**Keywords:** representation, television, immigration, immigrants, refugees, Portugal.

Aos meus pais,  
ao meu irmão,  
aos meus avós paternos  
e aos meus avós  
maternos

# Índice

Introdução .....	1
CAPÍTULO 1: O estágio .....	3
1.1    Diário de uma estagiária na SIC .....	3
CAPÍTULO 2: Desconstruindo os sentidos das migrações nas representações mediáticas: definição de conceitos e do problema de pesquisa .....	10
2.1 As teorias da Representação e da Identidade e Diferença em (des)construção.....	10
2.2. A (des)construção da imigração .....	17
2.2.1 Os imigrantes e refugiados na televisão .....	22
CAPÍTULO 3: A Televisão e as mediações culturais e históricas, e a reconstrução das identidades.....	27
3.1 Dos efeitos diretos aos efeitos a longo prazo.....	27
3.2 Teoria da Enculturação .....	35
3.3 Uma análise dos estudos de receção: Dos Usos e Gratificações aos Estudos Culturais britânicos .....	38
CAPÍTULO 4: A mediatização da imigração: um olhar sobre Portugal e a União Europeia.....	49
4.1 Breve contextualização dos processos migratórios em Portugal.....	49
4.2 Políticas da representação da Identidade e Diferença nos Media (UE).....	62
4.3 Representações mediáticas da diferença e negociações identitárias na investigação em Portugal .....	67
CAPÍTULO 5: Estudo de caso.....	73
5.1 Objetivo e pertinência.....	73
5.2 Questão de investigação.....	73
5.3 Metodologia.....	73
5.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	76
5.4.1 Análise quantitativa .....	76
5.4.2 Análise qualitativa .....	78
CAPÍTULO 6: Análise e discussão de resultados .....	82
6.1 Análise de notícias .....	82
a)    Variável: Estatuto do sujeito representado .....	82
b)    Variável: Género jornalístico .....	85
c)    Variável: Temáticas de Agenda .....	88
d)    Variável: Identidade do sujeito representado .....	89
e)    Variável: Papel do imigrante ou refugiado .....	90
f)    Variável: Tipo de representação do imigrante ou refugiado .....	91

g) Variável: Intervenientes .....	92
h) Variável: Palco da ação .....	93
i) Variável: Temáticas agregadas .....	94
j) Variável: Tom e linguagem por peça.....	96
6.2 Entrevistas .....	97
a) Integração de imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa .....	98
b) A representação dos imigrantes e refugiados na televisão portuguesa .....	104
c) O papel do Governo e do Estado português.....	111
Conclusão.....	113
Bibliografia.....	118
ANEXOS .....	131
Entrevista 1 - imigrante .....	132
Entrevista 2 - imigrante .....	135
Entrevista 3 - imigrante .....	140
Entrevista 4 - imigrante .....	143
Entrevista 5 - refugiado .....	147
Entrevista 6 – refugiado .....	152
Entrevista 7 - imigrante .....	156
Entrevista 8 - refugiado .....	162

## Índice de gráficos

Gráfico 1 .....	53
Gráfico 2 .....	54
Gráfico 3 .....	55
Gráfico 4 .....	56
Gráfico 5 .....	60
Gráfico 6 .....	61
Gráfico 7 .....	83
Gráfico 8 .....	84
Gráfico 9 .....	85
Gráfico 10 .....	86
Gráfico 11 .....	88
Gráfico 12 .....	89
Gráfico 13 .....	90
Gráfico 14 .....	91
Gráfico 15 .....	92
Gráfico 16 .....	93
Gráfico 17 .....	95
Gráfico 18 .....	96

## Índice de tabelas

Tabela 1 .....	87
----------------	----

## **Lista de acrónimos**

**AIMA** – Agência para a Integração Migrações e Asilo

**ACNUR** - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

**EC** – Estudos Culturais

**OIM**- Organização Internacional para as Migrações

**OM** – Observatório das Migrações

**ONU** – Organização das Nações Unidas

**PALOP** – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

**RIFA** - Relatório de Imigração Fronteira e Asilo (RIFA)

**SEF** – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

**TFUE** - Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia

**UE** – União Europeia

## Introdução

Portugal sempre foi marcado pela emigração. Hoje, é acima de tudo, um país de forte imigração. Aos imigrantes que procuram melhores condições de vida, somam-se também os refugiados que fogem da guerra e conflitos de ordem política. O mais recente *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* disponibilizado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) – que antecedeu a Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) - refere que em 2022 se verificou, pelo sétimo ano consecutivo, um aumento das comunidades estrangeiras em Portugal. Se em 2012 o mesmo organismo dava conta de 401 320 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência em território português, em 2022 esse número cresceu para 781 915, o que significa um aumento de quase 95%. Esse crescimento tem um impacto expressivo e profundo na diversidade cultural do país e na forma como as comunidades se relacionam e interagem. Se, por um lado, oferece oportunidades de enriquecimento mútuo, por outro, a imigração acarreta alguns desafios de integração.

Em *Country Report: Portugal* (2024), Fernando Correia e Carla Martins destacam como a televisão é percebida como o meio de comunicação mais confiável entre os cidadãos portugueses. Por ser vista como uma fonte de informação credível, especialmente em comparação com outros meios, tem um impacto significativo na formação de opinião pública. Nesse sentido, torna-se imperativo compreender como é feita representação mediática da imigração na televisão em Portugal. De acordo com o novo Código Deontológico dos Jornalistas (2017), o jornalista deve "rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da ascendência, cor, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social, idade, sexo, género ou orientação sexual." Posto isto, é crucial uma cobertura mediática da imigração justa, equilibrada e respeitadora, não só para proteger os direitos e dignidade dos imigrantes e refugiados, mas também para contribuir para uma sociedade mais informada e coesa.

Tendo um particular interesse nesta temática enquanto licenciada em Ciência Política, proponho assim analisar a forma como os imigrantes e refugiados são representados nas notícias televisivas em Portugal em horário nobre e como é que essas representações afetam a sua integração na sociedade portuguesa. Nesse sentido, a nossa

questão de partida é: “Como é que os canais de sinal aberto RTP e SIC representam os imigrantes e os refugiados?”; e a nossa subquestão de investigação é: “Como é que a integração destes grupos na sociedade portuguesa vai ser influenciada por tais representações?”. Para responder a essas questões, analisamos o conteúdo noticioso de dois canais de sinal aberto portugueses, RTP e SIC, e procedemos à realização de entrevistas semiestruturadas a imigrantes e refugiados. Isso significa que utilizamos uma técnica de metodologia mista que agrega a análise quantitativa e a análise qualitativa de forma a conseguirmos aproveitar os pontos fortes de ambas as abordagens e obter resultados mais holísticos para a nossa investigação.

O presente trabalho de investigação, submetido na modalidade de dissertação, é composto por um primeiro capítulo onde discuto aquilo que foi o meu estágio realizado na redação da SIC e da SIC NOTÍCIAS entre os dias 26 de setembro de 2022 e 26 de março de 2023, bem como as razões que me motivaram a escolher este tema ainda no decorrer do estágio. A seguir, o enquadramento teórico é composto por três capítulos. O segundo capítulo, intitulado de “Desconstruindo os sentidos das migrações nas representações mediáticas: definição de conceitos e do problema de pesquisa” aborda as teorias da Identidade e Diferença nas discussões contemporâneas do campo da comunicação e analisa alguns conceitos importantes para o entendimento da temática desta investigação. O segundo capítulo, "A Televisão e as mediações culturais e históricas, e a reconstrução das identidades", compreende os efeitos dos meios de comunicação de massa, abordando os principais modelos teóricos desde a perspectiva dos efeitos diretos aos efeitos a longo prazo. Por último, o capítulo " A mediatização da imigração: um olhar sobre Portugal e a União Europeia" está dividido em três subcapítulos. O primeiro faz uma breve descrição dos processos migratórios em Portugal. O segundo analisa as políticas de Identidade e Diferença nos media em Portugal e na União Europeia e o terceiro aborda a forma como imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação, e mais especificamente na televisão, em Portugal.

# CAPÍTULO 1: O estágio

## 1.1 Diário de uma estagiária na SIC

Ao integrar o mestrado em Ciências da Comunicação, vertente jornalismo, da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica, tive a oportunidade de realizar um estágio de seis meses na redação da Sociedade Independente de Comunicação (SIC). Uma experiência que teve início em setembro de 2022 e que se prolongou até março de 2023. Recordo-me de aguardar o primeiro dia de estágio com algum nervosismo, mas também com muito entusiasmo. No dia 26 de setembro, segunda-feira, por volta das 10 horas, dirigi-me ao hall de entrada da SIC juntamente com outras cinco estagiárias que estariam também nessa manhã a iniciar os seus estágios. De seguida, realizámos uma visita à redação, às salas de reuniões, aos estúdios, às salas de acústica e às editorias. Os novos colegas receberam-nos com alegria e explicaram-nos como funcionavam os programas da redação e a dinâmica das equipas. Foi nesse dia que fiquei a conhecer qual seria o meu percurso pela SIC: nos dois primeiros meses de estágio estaria na equipa da manhã da SIC Notícias; no terceiro e quarto mês juntar-me-ia à equipa do Primeiro Jornal e nos últimos dois meses de estágio estaria a trabalhar na área de Desporto. Depois da azáfama do primeiro dia de estágio, era altura de me habituar à nova rotina e dar início à nova etapa que se avizinhava. O meu despertador passou a tocar às três da madrugada pois entrava ao serviço às quatro da manhã em Paço de Arcos. Foi difícil habituar-me a um horário tão diferente daquele a que estava habituada, principalmente porque continuava a frequentar as aulas de mestrado em pós-laboral. Conciliar o estágio com a vida académica e o tempo de família tornou-se um enorme desafio. No entanto, a equipa que me acompanhou na SIC NOTÍCIAS tornava as minhas madrugadas mais animadas e produtivas. Recordo-me que a primeira semana de estágio ainda foi de adaptação.

Tive a oportunidade de acompanhar várias vezes diferentes jornalistas que saíam em reportagem ou em direto. Comecei por observar com atenção por detrás da câmara e do repórter de imagem as expressões e a postura dos jornalistas e ouvia ao pormenor cada uma das palavras utilizadas pelos meus colegas. À medida que fui ganhando a confiança dos meus colegas e coordenadores comecei também a ter mais responsabilidades dentro da equipa. Nessa altura, trabalhava com o coordenador Miguel Veiga e com os pivôs João Moleira, Paulo Nogueira, Cláudio França e Mónica Martins. A restante equipa, que tanto

trabalhava a partir da redação como podia sair em reportagem, era formada pelos jornalistas Amanda Martins, Ana Alvarinho, Andreia Melo, Diana Pinheiro, Marta Sobral e Sérgio Aleluia. A partir da segunda semana de estágio comecei a desenvolver tarefas de forma mais independente: passei a acompanhar os *feeds* das agências noticiosas internacionais e a cortar segmentos de entrevistas em *close-up*, os chamados *Talking Heads*. Tornei-me autónoma o suficiente para começar a ensaiar falsos diretos e para sair sozinha para cobertura de eventos e entrevistas. Na equipa da manhã da SIC NOTÍCIAS acompanhei greves de professores e dos transportes públicos, acompanhei os estragos do mau tempo em Lisboa e as cheias de norte a sul do país... acompanhei as eleições presidenciais dos Estados Unidos e o internamento do jogador de futebol Pelé. Foram semanas de muito crescimento e superação. Deixei-me levar pela experiência e envolvi-me de corpo e alma e, quando dei conta, chegava ao fim a minha jornada na equipa da manhã da SIC NOTÍCIAS. Para se fazer face à falta de recursos humanos, a redação teve de se reorganizar e recebi ordens superiores para integrar a equipa do Primeiro Jornal (PJ) mais cedo do que estava estipulado. Era altura de partir para outra aventura. Em novembro de 2022 comecei então a trabalhar no Primeiro Jornal com um horário mais confortável, das 09:00 às 17:00. Nesta fase do estágio tinha de ser capaz de realizar, de forma autónoma, reportagens de qualidade que pudessem passar no telejornal das 13 horas. Era necessário, contudo, encontrar um jornalista experiente que estivesse disponível para rever os textos dos estagiários e dar voz às nossas peças. Essa foi uma das tarefas mais complicadas dentro da redação. A maior parte dos jornalistas não tinha disponibilidade para acompanhar o trabalho dos estagiários e, no meu ponto de vista, essa terá sido a principal lacuna no acompanhamento dos estagiários. No entanto, por ter uma voz forte e projetada, não demorou muito até eu começar a dar voz às minhas próprias peças. Ainda hoje recordo com nostalgia a primeira vez que ouvi a minha voz no ar. Foi logo a 4 de novembro às 14:05 que a minha voz se fez ouvir pela primeira vez num telejornal. Tratava-se de uma reportagem sobre vespas asiáticas e os potenciais perigos para a saúde humana e para os ecossistemas. A partir daí, as oportunidades foram surgindo, por mérito próprio, mas também graças ao espírito livre do coordenador do PJ, o André Antunes, que permitia que os/as estagiários/as propusessem temas de reportagem. Foi ele que confiou nas minhas capacidades e me incentivou a trabalhar os meus pontos fracos. Foi no Primeiro Jornal, sob a visão do André Antunes, que adquiri alguns princípios jornalísticos importantes. A título de exemplo, recordo-me de sentir dificuldade em redigir textos para reportagens e o coordenador tranquilizava-me afirmando: “Nós escrevemos e falamos

para pessoas com diferentes tipos de habilitações e, por isso, temos de ser claros e diretos na forma como transmitimos a informação”, incentivando-me a adotar uma linguagem menos rígida e a utilizar expressões mais informais e coloquiais. Carreguei comigo esse princípio, que está em consonância com os valores da SIC, durante todo o período em que estagiei nesta instituição. Foi nesta fase do estágio que comecei a trabalhar também fins-de-semana e feriados, o que requeria maior produtividade e eficácia uma vez que éramos uma equipa mais reduzida. Guardo no meu coração todas as reportagens que realizei no âmbito do meu estágio. Há, no entanto, algumas que me marcaram de uma maneira diferente por me terem feito sair mais da minha zona de conforto.

A 11 de novembro de 2022, por volta das nove da manhã, parti rumo a Almada com o repórter de imagem João Lúcio. Fomos em busca de respostas para a falta de condições das piscinas municipais do concelho. Conseguimos reunir o testemunho de diferentes utentes que estavam descontentes com a situação e falámos com o Presidente da Junta de Freguesia da Charneca e Sobreda que nos esclareceu todas as dúvidas. Foram várias entrevistas que nos levaram toda a manhã. Enquanto fazíamos a viagem de carro de volta a Lisboa, eu escrevia no meu bloco de notas do telemóvel os pormenores mais importantes das entrevistas e começava a montar a minha peça. Eram 13 horas quando chegámos à redação e eu já não acreditava que conseguiria ter a reportagem pronta a tempo do PJ. Afinal de contas eu era apenas uma estagiária com pouca experiência que tinha começado há pouco tempo o seu estágio. Foi nesse momento que o coordenador André Antunes se dirigiu a mim e afirmou: “Filipa, estou a contar com a tua peça para a segunda parte do jornal”, apontando com o dedo indicador para o alinhamento do Primeiro Jornal. Não me restava outra opção se não provar o meu valor e, mesmo contra as probabilidades, tentar acabar de escrever e montar toda a reportagem a tempo do telejornal. Eram 14:03 quando a peça passou no ar. Naquele momento senti que apesar dos obstáculos e das dificuldades que a profissão de jornalista possa comportar, vale sempre a pena darmos o melhor de nós. O ritmo de produção noticiosa num canal privado como a SIC, cujos programas têm uma duração longa, era bastante acelerado. Trabalhar contra o tempo e aprender a lidar com a pressão de lançar para o ar uma reportagem foi um verdadeiro desafio. O alinhamento editorial do PJ exerce um papel importante não só na construção da identidade e da credibilidade da SIC, mas também na confiança que os telespetadores depositam no canal. Nesse sentido, as informações apresentadas devem seguir um raciocínio estruturado e organizado, tornando o telejornal coerente e fluído.

Este foi outro princípio jornalístico que o André Antunes me transmitiu, salientando a importância de saber gerir o meu tempo e de ser produtiva de forma a não sobrecarregar ou interferir com o trabalho dos meus colegas. Nesta fase do meu estágio, ficou clara a preferência do canal pela produção de reportagens em detrimento de outros géneros jornalísticos. A aposta diária da SIC em reportagens é uma opção estratégica que visa garantir maior profundidade nos temas abordados e atrair audiência com conteúdos audiovisuais envolventes.

Considero que a experiência de três meses no PJ foi enriquecedora a todos os níveis, principalmente pela variedade de temas de reportagens que me eram propostos. A título de exemplo, realizei peças sobre política e campanhas eleitorais, eventos culturais e de *gaming*, iniciativas de solidariedade social, saúde e até meteorologia.

Em fevereiro de 2023 dei início a outro desafio: o mundo do desporto. Encontrava-me novamente fora da minha zona de conforto, numa área desconhecida. Afinal, o que é que uma licenciada em ciência política e estudante de comunicação social poderia saber sobre desporto?! Passei a integrar uma equipa maioritariamente constituída por homens. Todos eles dominavam muito bem os diferentes desportos e conheciam todos os atletas e competições. Foi um início difícil... sentia-me deslocada e intimidada uma vez que não era formada em desporto e pouco conhecia sobre a área. Não queria perder o ritmo com que vinha do Primeiro Jornal, mas talvez necessitasse de abrandar um pouco. Foi então que conheci o Gonçalo Giestas. Um jornalista humilde, amigo e paciente que me deu a mão quando me senti mais assustada. Foi ele que me ensinou tudo o que eu não sabia sobre desporto. Levou-me em reportagens, esclareceu as minhas dúvidas e aconselhou-me da melhor forma. Tornou a minha passagem pela área do desporto um bocadinho mais fácil e marcou-me pela sua bondade e generosidade. Como não poderia deixar de ser, a minha primeira reportagem em desporto teve o apoio e a mão do Gonçalo... quis fazer uma peça sobre a história do Club Football Estrela da Amadora. Foi a primeira vez que saí sozinha em reportagem desde que tinha chegado à nova equipa. Recordo-me de estudar até de madrugada porque não queria desiludir os meus colegas e, em especial, a coordenadora de desporto, Elisabete Marques. No dia 15 de fevereiro de 2023, eu e o repórter de imagem Fernando Almeida seguimos até à Reboleira. Ao chegarmos ao Estádio José Gomes o nervosismo desapareceu como que por magia. As entrevistas decorreram de forma natural e despreocupada. Tive oportunidade de entrevistar o jogador Diogo Salomão, o treinador Sérgio Vieira e o presidente do clube, Paulo Lopo. Deram-

me a conhecer a história do Estrela da Amadora e as dificuldades que o clube enfrentara nos últimos anos: desde a sua falência ao processo de insolvência e à união com o Club Sintra Football. A 18 de fevereiro a reportagem passava no ar pela primeira vez. Uma peça com um registo completamente diferente daquele a que estava habituada, mas que ainda assim me ensinou uma das maiores lições: é possível nos superarmos a nós mesmos desde que tenhamos vontade de evoluir. Hoje, sou genuinamente grata por me ter cruzado com o Gonçalo Giestas que me transmitiu os valores profissionais certos e me ensinou a trabalhar a minha resiliência e adaptabilidade em jornalismo.

Para além de sair em reportagem sozinha, passei também a escrever conteúdo para os programas Jogo Aberto e Mercado Aberto da SIC NOTÍCIAS – o que a meu ver constituiu um grande voto de confiança por parte da equipa. A minha contribuição para estes dois programas passou pela análise de transferências no mundo do desporto, pela interpretação da constituição de equipas na principal liga portuguesa de futebol, pelo contacto com agentes de jogadores e pela redação de textos e questões pertinentes que serviram de suporte para o pivô. Foi na área do desporto que tive também a oportunidade de entrevistar algumas das personalidades mais influentes do mundo do futebol. Entre eles, os treinadores Rúben Amorim e Mikel Arteta e os jogadores St Juste e Gabriel Martinelli a propósito de um jogo da competição Liga Europa entre o Sporting e o clube inglês Arsenal. A minha passagem por esta área foi exigente e enriquecedora, mas durou apenas um mês.

No último mês do meu estágio, colaborei na produção do Jornal da Noite (JN). Um telejornal transmitido em horário nobre coordenado pelo Luís Marçal e pela Graça Costa Pereira e apresentado por pivots como o Rodrigo Guedes de Carvalho e a Clara de Sousa. Aproveitei as últimas quatro semanas para aprender com os jornalistas mais conceituados do canal e tentei absorver o máximo de conhecimento possível, nomeadamente no que à cobertura da imigração diz respeito. O ritmo de trabalho do Jornal da Noite não era tão acelerado como o Primeiro Jornal, por exemplo. A equipa entrava ao serviço logo a seguir ao almoço e tínhamos a tarde inteira para fazer pesquisas e montar as peças até às 20 horas. Isso permitiu que os jornalistas disponibilizassem parte do seu tempo para acompanhar o meu trabalho com maior atenção e me ensinassem coisas novas. Foi nesta fase do meu estágio que comecei, por exemplo, a editar as minhas próprias peças. Até esse momento, fi-lo sempre acompanhada por um editor de imagem. Ao integrar o Jornal da Noite trabalhei em peças de diferentes editorias: economia,

política, internacional, cultura, entre outras. Foi nesta fase do estágio que voltei a trabalhar e a lidar diariamente com notícias sobre crises migratórias e refugiados, à semelhança do que já tinha acontecido na equipa da manhã e no Primeiro Jornal. Recordo-me de um dia chegar à redação e a coordenadora do JN me pedir para fazer uma peça sobre as tensões e as consequências do terramoto de fevereiro de 2023 na Turquia. Abordei as diferentes ONG que estavam ainda a operar no local e os projetos que estavam a ser implementados para ajudar refugiados. Obtive diferentes testemunhos através dos *feeds* internacionais e montei uma peça com sensivelmente dois minutos. Infelizmente, por motivos de alinhamento, a peça nunca chegou a passar no ar. Foi, no entanto, um dos trabalhos que mais gostei de fazer durante os seis meses que estive na SIC. Nesta fase do meu estágio aprofundei um pouco mais os meus conhecimentos sobre os Valores-Notícia. A coordenadora Graça fez-me compreender melhor os critérios de seleção de uma notícia, especialmente aquelas que envolvem conflitos, tragédias ou eventos inesperados, que tendem a ser abordados por terem maior potencial de atrair a atenção do público.

A temática das migrações e dos refugiados despertou imediatamente a minha atenção e não demorou muito até decidir que queria trabalhá-la no meu trabalho de mestrado. Ao longo do mês de março de 2023 realizei entrevistas a imigrantes que se mudaram para Portugal à procura de melhores condições de vida e acompanhei tentativas de fuga de refugiados à guerra civil síria, bem como o naufrágio de quase sessenta refugiados ao largo da costa italiana, por exemplo. Enquanto licenciada em Ciência Política, esta já era uma temática de interesse pois sempre me fascinei pelas histórias de vida e de superação de muitos imigrantes. Admiro a bravura e a coragem de quem deixa o seu país de origem para trás, bem como as memórias de uma vida. Ao longo do meu percurso académico e profissional tive a oportunidade de privar com imigrantes e refugiados que residem e trabalham no nosso país e acompanhei de perto as dificuldades que estas pessoas sentem e a forma como tentam superar os obstáculos mais complicados. Tornei-me ainda mais sensível à realidade atual das comunidades estrangeiras em Portugal e, por isso, propus-me a compreender melhor a forma como os meios de comunicação relatam acontecimentos deste cariz, principalmente em horário nobre. Acredito assim que este trabalho será útil e trará novos dados e análises relevantes que virão a contribuir para os estudos e investigações já existentes.

O meu estágio na SIC terminou a 26 de março de 2023. Esta foi uma experiência que me preparou para o futuro e que me conferiu as ferramentas necessárias para o

exercício pleno do jornalismo. Tive oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos ao longo do mestrado em Ciências da Comunicação, como técnicas de reportagem e edição, e desenvolvi habilidades específicas, como a capacidade de trabalhar sob pressão e a necessidade de saber lidar com situações imprevistas. Esta experiência ofereceu uma visão do funcionamento do jornalismo, nomeadamente ao nível das dinâmicas de trabalho, da relação entre profissionais da área e das diferentes funções dentro de uma redação.

O meu percurso na SIC culminou na realização deste trabalho de investigação que pretende trazer para cima da mesa uma discussão fundamentada sobre a maneira como os imigrantes e refugiados são retratados nos meios de comunicação em Portugal e a respetiva integração destes grupos na nossa sociedade. Ainda que este trabalho tenha sido iniciado como relatório de estágio, optei por fazer uma alteração de modalidade para dissertação. Essa mudança foi motivada por diversos fatores, entre eles, ao nível da profundidade da pesquisa. Este trabalho revelou-se bastante extenso e exigiu uma pesquisa mais profunda e detalhada do que estava inicialmente estipulado. Isso resultou não só numa revisão de literatura mais rigorosa, mas também numa metodologia e em análises e discussões mais complexas. Além disso, face ao contexto atual e à relevância social e cultural que as questões da imigração comportam, acredito que esta investigação tem potencial para contribuir para o debate público e o entendimento da representação da imigração na televisão em Portugal. Em conjunto com a minha orientadora Catarina Valdigem, analisámos estes fatores e concluímos que se justifica a alteração da modalidade do trabalho. Acreditamos que será mais indicado e proveitoso submeter este trabalho como dissertação, não descurando, no entanto, das aprendizagens e dos conhecimentos adquiridos ao longo do estágio curricular na redação da SIC e SIC Notícias que serviram de alicerce para esta investigação.

## **CAPÍTULO 2: Desconstruindo os sentidos das migrações nas representações mediáticas: definição de conceitos e do problema de pesquisa**

As teorias da Representação e da Identidade e Diferença tornaram-se questões centrais nos debates e nas discussões contemporâneas no campo da comunicação. A primeira parte deste capítulo teórico propõe não só abordar a representação e a forma como a identidade e diferença são construídas e percebidas, como também analisar o impacto que estas podem exercer na percepção pública e nas relações de poder em sociedade. Para isso, recorreremos a obras de prestigiados autores como Stuart Hall e Kathryn Woodward que nos forneceram *insights* valiosos sobre o papel da representação e a sua lógica de construção de sentidos. Numa segunda parte, refletimos sobre conceitos importantes - como imigrante, estrangeiro, refugiado, etnicidade, estereótipo - que surgem no âmbito do estudo da globalização e dos processos de migração atuais. Focamo-nos nas contribuições de Saskia Sassen, Richard Dyer e Walter Lippmann que oferecem reflexões e análises críticas interessantes sobre este tema. Por último, como ponte para os próximos capítulos teóricos, abordamos as representações da identidade e diferença na televisão, com enfoque nos imigrantes e refugiados. Para isso, apoiamos o nosso estudo empírico em autores como Myria Georgiou e Arjun Appadurai.

### **2.1 As teorias da Representação e da Identidade e Diferença em (des)construção**

No campo dos Estudos Culturais, o termo “representação” designa o uso dos sistemas de significação disponíveis para comunicar e abordar categorias ou grupos sociais (Filho, 2004). Por outras palavras, a representação faz parte do processo pelo qual os significados são produzidos e partilhados entre os membros de uma cultura. Na obra *Cultura e Representação* de Stuart Hall, mais tarde traduzida por William Oliveira e Daniel Miranda (2016), são apresentados vários contributos para a área interdisciplinar dos Estudos Culturais, nomeadamente acerca do papel da representação. O autor, reconhecido como um dos fundadores dos Estudos Culturais, procurou demonstrar como a representação não é um simples reflexo da realidade, mas uma construção que é moldada por contextos culturais e sociais. Para isso, focou-se no estudo das práticas culturais marginalizadas e

na vida cotidiana de classes populares, concluindo que estas áreas, muitas vezes desprezadas, têm um impacto significativo na sociedade (McRobbie, 2020). De acordo com Hall, são elas que ajudam a entender como as representações culturais moldam e contribuem para a manutenção ou transformação de estruturas de poder e desigualdade (Hall, 2016). Esta visão pouco tradicional foi crucial para a compreensão de como a cultura e os meios de comunicação participam ativamente na formação de significados e percepções.

Hall defende que a representação “significa utilizar linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (Hall, 2016, p. 1). Isso envolve a escolha de certos signos (imagens, palavras, sons) para simbolizar conceitos, objetos ou eventos. Por outras palavras, o conceito refere-se à produção do sentido pela linguagem. Para o autor, também conhecido como o pai do multiculturalismo, a representação está longe de ser simples e direta:

*O sentido é produzido dentro da linguagem, dentro e por meio de vários sistemas representacionais que, por conveniência, nós chamamos de ‘linguagens’. O sentido é produzido pela prática, pelo trabalho, da representação. Ele é construído pela prática significante, isto é, aquele que produz sentidos* (Hall, 2016, p. 54).

Essa produção de sentido está intimamente ligada aos sistemas de significação que fornecem as estruturas e regras necessárias para criar e interpretar significados. A prática da representação é, portanto, uma aplicação prática dos sistemas de significação, que molda a forma como o sentido é produzido e compreendido na sociedade (Hall, 2016). No âmbito deste trabalho de investigação torna-se imperativo compreender que os sistemas de significação e representação contribuem para a construção binária dos conceitos e, conseqüentemente, das identidades. No ensaio *The Spectacle of the 'Other'* em *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, Hall (1997) evidencia como a construção binária simplifica a complexidade da realidade ao reduzir conceitos a pares opostos (Hall, 1997). Essa lógica de oposição é crucial para a construção de identidades pois cria uma definição clara de cada termo ao contrastá-lo com o seu oposto. Isso significa que a identidade de um grupo é moldada pela diferença em relação

a outro grupo, criando uma sensação de pertencimento e exclusividade (Hall, 1997). Retomando aquilo que falamos anteriormente, Hall diz-nos que é através do uso que os indivíduos fazem das coisas, daquilo que dizem, daquilo que pensam e daquilo que sentem, que se cria significado (Hall, 2016). O significado não é, portanto, algo fixo, mas é sim produzido ativamente pelas pessoas através das suas interações, pensamentos, linguagem e sentimentos. Da mesma forma que o significado é produzido pelo uso que as pessoas fazem das coisas, também a identidade é formada pela maneira como as pessoas se identificam e são identificadas dentro das suas culturas e dos contextos sociais. A identidade emerge, portanto, do processo de atribuição de significado a si mesmo e aos outros (Held & Moore, 2017). Hall refere-se à identidade como algo em constante transformação:

*A identidade não é tão transparente ou desprovida de problemas quanto pensamos. Talvez, em vez de pensar na identidade como um fato já realizado, que as novas práticas culturais então representam, deveríamos pensar, ao invés disso, na identidade como uma 'produção', que nunca está completa, sempre em processo, e sempre constituída dentro, e não fora, da representação (Hall, 1990, p.222).*

Na sua obra, Hall (1997) explora a representação como um processo ativo que envolve poder. A hierarquia de poder nas relações de identidade e diferença refere-se à forma como certos grupos ou indivíduos, consoante a sua identidade, ocupam posições de maior ou menor privilégio e influência na sociedade. Essas hierarquias de poder inerentes às relações de identidade e diferença são socialmente construídas e moldam as interações entre indivíduos e grupos, determinando quem tem voz, quem é visível e quem tem acesso a recursos e oportunidades (Hall, 1997). Os imigrantes e os refugiados, que são o foco da nossa investigação, são frequentemente representados de maneiras que refletem ou reforçam a hierarquia de poder existente numa sociedade. Seguindo o raciocínio de Hall, são grupos que enfrentam várias formas de desvantagem e exclusão que os posicionam à margem da sociedade e são, por isso, prejudicados pela forma como as suas identidades e realidades são compreendidas dentro das estruturas culturais e mediáticas dominantes (Hall, 1997).

Complementando as ideias de Hall, em *Identidade e diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual*, Kathryn Woodward reforça a ideia de que identidade não é apenas uma questão de representação, mas sim, também um produto de contextos sociais e culturais (Woodward, 2014). A autora afirma que a identidade “é formada e reformulada dentro de um contexto social e histórico específico” (Woodward, 2000, p.7), coincidindo assim com a ideia de Hall de que a identidade é um processo dinâmico e não um dado fixo. Woodward evidencia ainda que é através dos significados produzidos pelas representações que se dá sentido à experiência (Woodward, 2014) e que o processo de representação estabelece não só identidades individuais e coletivas, como também estabelece sistemas simbólicos que fornecem possíveis respostas às questões: “Quem eu sou?” - referindo-se ao processo de entender e definir a identidade pessoal – “O que eu poderia ser?” - explora as possibilidades e aspirações futuras com base nas representações e expectativas sociais - “Quem eu quero ser?” - reflete as escolhas e desejos pessoais sobre a identidade que cada pessoa quer adotar (Woodward, 2014). Ao longo do seu percurso acadêmico e profissional, a autora questiona-se várias vezes sobre o que é visto como sendo a mesma coisa e o que é visto como sendo diferente. Para Woodward, a identidade não existe isoladamente pois é definida em relação a algo ou alguém, sugerindo assim que a identidade de um indivíduo ou grupo é construída em contraste com o que é considerado diferente (Woodward, 2014). A identidade é, portanto, marcada pela diferença e construída através da comparação e contraste com os outros (Woodward, 2014). Compreendemos assim que estes dois processos não são opostos, mas dependem, sim, um do outro. A antropóloga britânica Mary Douglas destaca a importância da diferença no processo de construção da identidade afirmando que essa marcação é a base da cultura. A autora afirma que é através da diferença que as coisas e os indivíduos são classificados e posicionados socialmente, ganhando, assim, sentido (Douglas, 2002). As pessoas e grupos que são percebidos como diferentes são definidos em contraste com uma referência dominante. Ou seja, o *Outro* é estabelecido em oposição a essa referência, determinando uma identidade com base em diferenças percebidas. Além disso, à semelhança dos estudos de Stuart Hall, também Woodward sublinha que a diferença pressupõe uma hierarquia de valores através da qual estabelece as características ou identidades que são mais valorizadas e as que são menos valorizadas (Woodward, 2014):

*As identidades são construídas através dos processos de diferenciação, que envolvem a imposição de valores hierárquicos que definem algumas identidades como normativas e outras como desviantes ou inferiores. Os processos de inclusão e exclusão estão fundamentalmente ligados a essas hierarquias, refletindo as dinâmicas de poder em jogo na determinação das normas e valores sociais (Woodward, 2014, p. 16).*

Essas normas e valores sociais estabelecem o que é considerado aceitável ou ideal e, por conseguinte, criam uma hierarquia de valores que afeta como as identidades são percebidas e valorizadas, impactando as relações de inclusão e exclusão dentro de uma sociedade. Grupos ou indivíduos que se desviam dessas normas dominantes, como é o caso de imigrantes e refugiados, são frequentemente alvos de marginalização.

A marcação da diferença é também importante para que se estabeleçam os sistemas classificatórios dos quais as identidades tanto dependem. Para Woodward, “um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população e consegue dividi-la (e a todas as suas características) em pelo menos dois grupos opostos - nós/eles [...]; eu/outro” (Woodward, 2014 p. 40). De forma mais sucinta, e seguindo o pensamento de Kathryn Woodward, podemos fazer duas afirmações. Em primeiro lugar: a marcação da diferença funciona como um alicerce em qualquer sistema de classificação; e em segundo lugar: as identidades são construídas por meio de uma oposição binária entre “nós” e “eles”. Stuart Hall, por sua vez, afirma que:

*Numa primeira aproximação, a identidade parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só se tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como autorreferenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe (Hall, 2014, p.74).*

A identidade e a diferença são assim dependentes uma da outra e são ambas criações sociais e culturais produzidas pelos indivíduos. A diferença, por sua vez, é um produto proveniente da identidade, ou seja, a identidade é tida como “referência” e como o ponto de partida através do qual se define a diferença. Em cada sociedade existe um certo consenso entre os diferentes membros sobre como classificar as coisas - esses sistemas partilhados de significação são denominados de “cultura”. Nos seus estudos, Mary Douglas foca-se no papel da cultura e realça como esta serve de intermediação para a experiência dos indivíduos. Ainda que o termo possa ter várias definições, a antropóloga britânica afirma que a cultura proporciona “algumas categorias básicas, um padrão positivo, pelo qual as ideias e os valores são ordenados.” (Douglas, 2002, p.51). Seguindo essa perspectiva, podemos afirmar que a cultura tem autoridade pois as pessoas são induzidas a concordar com algo uma vez que as restantes também concordam. É a partir desta produção cultural que se torna possível que as pessoas - de uma mesma sociedade - se sintam próximas umas das outras e que compartilhem as mesmas formas de pensar e de se comportar. Na linha dos Estudos Culturais, Kathryn Woodward diz-nos que a cultura molda a identidade uma vez que dá sentido à experiência e que permite que optemos, entre as várias identidades disponíveis, por um modo específico de subjetividade (Woodward, 2014). Por outras palavras, compreendemos que a cultura potencia a criação de sujeitos, de identidades e da relação com o outro. No entanto, a compreensão dessas proposições sobre cultura só se torna possível se assumirmos a centralidade da linguagem como sistema produtor da “realidade”.

Stuart Hall também fez inúmeras e importantes contribuições para o entendimento da relação entre representação e cultura. Na obra *Doing Cultural Studies*, defende que os significados culturais "não residem apenas nas mentes individuais, mas exercem também efeitos reais e orientam práticas sociais" (Hall, 1997, p. 2). Para o autor, a compreensão desses significados é fundamental para a nossa própria identidade uma vez que contribui para a sensação de pertencimento de cada um dos indivíduos (Hall, 1997). Para além disto, segundo Hall, os sinais - sejam eles sons, imagens ou palavras - possuem significados partilhados. Assim, na sua perspectiva, as linguagens operam por meio da representação, sendo consideradas como sistemas de representação (Hall, 1997). O autor destaca que as representações são constantemente moldadas por interesses políticos, históricos e ideológicos, desempenhando um papel crucial na construção tanto das

identidades individuais quanto das coletivas. A representação é assim um campo em constante movimento, capaz de refletir e de moldar as percepções dos indivíduos, estabelecendo uma conexão intrínseca entre cultura, poder e significados. Em *Cultura e Representação* (2016), Stuart Hall defende que a linguagem permite que os pensamentos, as ideias e os sentimentos sejam representados numa cultura. Seguindo esse seu pensamento, a cultura pode ser vista como o local de criação e de troca de significados dentro de uma sociedade. Já a representação, é aquilo que liga o sentido e a linguagem à cultura (Hall, 2016). A ideia de cultura como “uma série de significados partilhados” é a origem do raciocínio de Hall sobre o funcionamento da linguagem como processo de significação. Se a linguagem atribui sentido, isso quer dizer que os significados podem somente ser partilhados pelo acesso comum à linguagem - que funciona como sistema de representação. Assim sendo, podemos afirmar que a representação através da linguagem é central para os processos pelos quais é produzido o significado (Hall, 1997). Compreende-se assim que a identidade não é um produto herdado biologicamente e que pode vir a ser transformado pelas exigências da cultura. Ao falarmos de identidade cultural, falamos acerca do sentimento de pertença a uma identidade nacional, ou seja, referimo-nos à forma como um sujeito vai sendo influenciado pela cultura da sociedade na qual está inserido. Já a diferença cultural:

*(...) é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única (Bhabha, 2001, p.63)*

Viver em sociedade permite que os indivíduos se assemelhem ou se diferenciem uns dos outros, tornando possível que sejam feitas caracterizações de pessoas e grupos. Na sua obra *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Stuart Hall (2006) demonstra que as identidades culturais estão relacionadas com o sentimento de pertença a uma certa cultura étnica, racial, linguística, religiosa e nacional. Para o autor, as identidades culturais “não

são somente naturais ou biológicas, mas sim construídas ao longo da vida de um indivíduo através da conexão a uma cultura nacional” (Hall, 2006, p.47). Foi nessa mesma obra que Hall se debruçou sobre a existência de uma crise de identidade na pós-modernidade: o Homem, que outrora tinha uma identidade bem definida na sociedade moderna, viria a sofrer uma mudança estrutural que implicaria a fragmentação e modificação das identidades culturais de classe, etnia, raça, nacionalidade e sexualidade na sociedade pós-moderna. A globalização veio permitir que se atravessassem fronteiras nacionais, aproximando e unindo pessoas. No entanto, este fenómeno também trouxe consigo uma progressiva segregação do espaço, bem como a exclusão e a separação (Baumann, 1999, p. 67).

De forma sucinta, antes de avançarmos para a próxima seção, podemos afirmar que a teoria da Representação fornece os alicerces necessários para se entender como significados são construídos e transmitidos através de sistemas simbólicos. Já a teoria da Identidade e Diferença examina como esses significados são usados para construir e entender identidades em relação ao que é diferente. As duas teorias estão intimamente ligadas pois oferecem uma compreensão abrangente de como a cultura e a comunicação influenciam a formação de identidades e a percepção de diferenças na sociedade. Compreender estes conceitos é fundamental para conseguir interpretar a forma como imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses.

## 2.2. A (des)construção da imigração

A globalização veio potencializar o fenómeno da migração, permitindo a diversidade de trocas simbólicas entre diferentes grupos dentro e fora de uma sociedade. (Giddens, 2008) Conforme Stuart Hall, a globalização refere-se “àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações (...)” (Hall, 2014, p. 39). Esse fenómeno permitiu que, numa sociedade, viesse a existir cada vez mais variedade de grupos com as suas próprias práticas culturais, económicas e políticas, em constante conflito e concordância. Quando bem gerida, essa diversidade pode promover a tolerância e a convivência pacífica em sociedade. Se, por outro lado, a gestão não for feita de forma cuidadosa, pode originar tensões, conflitos e polarização social.

Stephen Castles e Mark Miller, peritos em estudos de migração, previram na sua obra de 1993, *The Age of Migration*, que o fluxo migratório iria crescer em todo o mundo de uma forma significativa nos vinte anos que se seguiam, levando assim ao aumento da diversidade étnica e cultural. Os autores destacam como a globalização tem tido um papel crucial para a intensificação da migração e argumentam que esse fenómeno internacional se tem tornado cada vez mais complexo e diversificado ao longo do tempo (Castles & Miller, 1993).

De acordo com a Organização Internacional para as Migrações (2019), um migrante é definido como “qualquer pessoa que se mude ou se desloque através de uma fronteira internacional ou dentro de um Estado longe do seu local habitual de residência” (OIM, 2019, p.23) incluindo não só as movimentações por motivos económicos e profissionais, mas também as pessoas que se veem forçadas a abandonar o seu país. Conforme Castles e Miller:

*As pessoas migram como trabalhadores manuais, especialistas altamente qualificados, empreendedores, refugiados e exilados ou como membros de famílias de migrantes anteriores.* (Castles & Miller, 1998, p. 4).

Um dos principais movimentos migratórios é o fenómeno da imigração - que está no cerne da nossa investigação - e que é definido como o movimento de entrada de cidadãos no território nacional de forma temporária ou permanente. A emigração, por outro lado, é a saída de um conjunto de cidadãos do seu país de residência para outro território também temporária ou permanentemente (Giddens, 2008). Em *Guests and Aliens*, Saskia Sassen (1999) desenvolve uma análise sobre a imigração mundial nos séculos XIX e XX e demonstra como se formam as migrações internacionais através de fatores “de repulsão e atração”. De acordo com a autora, a pobreza e o desemprego são os principais fatores de repulsão que levam um indivíduo a migrar. Por outro lado, as possibilidades de emprego e melhores salários são dois exemplos de fatores de atração (Sassen, 1999). Na ótica de Sassen, esses fatores deveriam originar migrações massivas, no entanto, na prática, apesar de conseguirem explicar por que certas pessoas migram, os fatores de repulsão e atração não explicam porque a maioria das pessoas que vivem em situações semelhantes não migram. Quem também se debruça sobre esta temática é Néstor Canclini em *Culturas*

*Híbridas* (2011). Para o autor, o imigrante é “um portador de biculturalismo ou de uma identidade fragmentada” (Canclini, 2011, p.34), assemelhando-se assim à visão de Homi Bhabha que nos diz que o imigrante é um ser híbrido, transnacional e tradutório (Bhabha, 2001).

A fim de atingir o nosso objetivo de estudar a representação dos imigrantes e refugiados na televisão em Portugal, importa compreender a distinção entre imigrante e estrangeiro: “enquanto a definição de imigrante se funda num critério geográfico, a definição de estrangeiro assenta num critério jurídico” (Rosa et al., , 2003, p. 37) Os fatores de espaço e tempo são relevantes no sentido em que ser-se imigrante implica que haja não só uma mudança de residência e de país, mas também que essa mudança e fixação de residência tenham um carácter contínuo (Rosa et al., 2003). Esta noção de imigrante distancia-se assim dos tradicionais movimentos esporádicos que conhecemos como as viagens de turismo ou de lazer. De acordo com Abdelmalek Sayad, enquanto o estrangeiro “é uma definição jurídica de «um estatuto»” – que está apenas de passagem-, o imigrante “é uma condição social” – alguém que se instalou provisória ou permanentemente (Sayad, 1991, p.243). Este entendimento é crucial no estudo das imigrações internacionais uma vez que “todo imigrante é estrangeiro, mas nem todo estrangeiro é imigrante.” (Sayad, 1991). Em *Losing Control*, Saskia Sassen (1996) afirma que a partir de 1980 as redes de sociabilidade foram um importante fator impulsionador da migração internacional e que estas são “incorporadas numa complexa rede económica, social e ética” (Sassen, 1996, p. 144). Quem partilha da mesma opinião é Alejandro Portes:

*O poder das redes em cadeia é tal que as oportunidades em algum país são frequentemente preenchidas por parentes e amigos de locais remotos no estrangeiro, ao invés de trabalhadores locais disponíveis. (Portes, 1998, p.13).*

Há, no entanto, uma distinção entre estes migrantes acima mencionados, cuja deslocação foi uma escolha e que têm a possibilidade de regressar ao seu local anterior de residência, e aqueles que migram de forma forçada. Falamos, nesse caso, acerca dos refugiados. De acordo com a Convenção de Genebra, em 1951, um refugiado é:

*uma pessoa que, receando com razão ser perseguida em virtude da sua raça, religião, nacionalidade, filiação em certo grupo social ou das suas opiniões políticas, se encontre fora do país de que tem a nacionalidade e não possa ou, em virtude daquele receio, não queira pedir a proteção daquele país; ou que, se não tiver nacionalidade e estiver fora do país no qual tinha a sua residência habitual após aqueles acontecimentos, não possa ou, em virtude do dito receio, a esse país não queira voltar.* (Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, 1951).

A identidade de um refugiado não é, portanto, estática. É sim um processo contínuo de negociação e reconstrução. Stuart Hall argumenta que as identidades culturais dos refugiados são moldadas pela constante interação entre diferentes culturas e contextos. Por outras palavras, é influenciada pelas suas experiências de deslocamento, pelas culturas de origem e pelas novas culturas nas quais se estão a tentar integrar (Hall, 1990).

Tanto imigrantes como refugiados vêm-se obrigados a superar diferenças culturais no país de acolhimento. Na obra *Percepções e possibilidade de ajustamento intercultural*, Aminu Mamman e David Richards sustentam precisamente essa ideia ao afirmarem que as experiências interculturais têm início no encontro com o “outro” e vão gradualmente evoluindo para o encontro com o “eu” (Mamman & Richards, 1996, p.45). Isso exige uma adaptação não só cognitiva, mas também emocional e comportamental onde o "eu" negocia a sua identidade e expectativas ao interagir com outras culturas (Mamman & Richards, 1996). De acordo com Homi Bhabha, esse encontro entre o “eu” e o *Outro* dá origem a uma fusão ou mistura que resulta em algo novo e híbrido. Esse processo desafia as noções tradicionais de identidades puras ou autênticas (Bhabha, 2001). Posto isto, é importante analisarmos o conceito de etnicidade para entender como as dinâmicas sociais, culturais e políticas moldam a integração dos imigrantes e dos refugiados no país de acolhimento. Para Anthony Giddens, a etnicidade “são todas as práticas e visões culturais de uma certa comunidade de pessoas que as distinguem de outras” e resulta essencialmente do processo de socialização e consequentes instâncias de representação (Giddens, 2008). A etnicidade desempenha muitas vezes um papel significativo na forma como imigrantes e refugiados são percebidos e tratados pela

sociedade de acolhimento. Diferenças étnicas podem ser uma fonte de discriminação e preconceito, afetando as oportunidades de integração. Intimamente ligada ao conceito de etnicidade está a noção de estereótipo abordada por Richard Dyer: “estereótipos são uma forma de representação que reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas pela Natureza” (Dyer, 1993, p.1). O autor argumenta que os estereótipos funcionam simplificando e reduzindo a complexidade de grupos sociais a alguns traços fixos e frequentemente negativos. No caso dos imigrantes e dos refugiados, isso pode significar a redução da sua identidade a estereótipos como "o criminoso", "o pobre", "o delinquente", “o mau”, entre outros. Ao aprofundar este tema, Dyer sugere que os estereótipos são uma forma de controle social pois “reforçam relações de poder, marginalizando e inferiorizando grupos minoritários” (Dyer, 1993, p.11), incluindo imigrantes e refugiados. Além disso, o autor destaca ainda como os estereótipos nos meios de comunicação podem moldar a percepção pública destes grupos. Quando se repetem certas imagens estereotipadas, essas representações começam a ser vistas como realidades incontestáveis, influenciando o modo como a sociedade vê e trata estes grupos (Dyer, 1993). Conforme Walter Lippmann:

*Os estereótipos são as «imagens em nossas cabeças» que usamos para simplificar e categorizar a complexidade do mundo social. Eles são representações abreviadas que substituem a realidade, tornando mais fácil processar informações e formar julgamentos (Lippmann, 1998, p. 93)*

Os estereótipos são assim processos mentais de carácter fixo e rígido que surgem como forma de o indivíduo proteger a definição que tem da realidade. Os estereótipos fornecem representações generalizadas e menos verdadeiras de grupos sociais como imigrantes e refugiados (Lippmann, 1998). Jácques Séguela afirma que, num mundo globalizado, o estereótipo não ajuda a compreender a realidade, mas contribui sim para a sua confusão: “a falácia do estereótipo reside no facto de que, sob a aparência de comunicação, ele isola; sob a aparência de informação, desinforma” (Séguela apud Ferrés, 1998, p. 140).

Sabemos que o termo “globalização”, já acima referido, é geralmente utilizado para referir um conjunto de transformações socioeconómicas que acontecem nas

sociedades contemporâneas e, ainda que esse fenómeno tenha promovido o desenvolvimento das tecnologias, das comunicações e dos transportes, Josef Suess discute os impactos negativos desse fenómeno. O autor argumenta que a globalização intensifica as desigualdades e origina divisões sociais, segregação e exclusão, especialmente para aqueles que são marginalizados, como os imigrantes e os refugiados (Suess, 2001).

Antes de avançarmos, e retomando o que foi abordado na secção anterior, é importante salientar que a representação, enquanto processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas, fazendo com que os discursos construam um novo ambiente para o imigrante/refugiado e definam a sua identidade (Hall, 1997). A interação entre estes grupos e a sociedade de acolhimento faz com que surja assim uma identidade social – a do indivíduo imigrante/refugiado - diferente do papel social que essa pessoa eventualmente exerça. Ao longo deste trabalho de investigação, tentaremos compreender melhor a identidade social dos imigrantes e dos refugiados e aprofundar a forma como estes grupos sociais são vistos pela sociedade no geral e em que moldes são representados pelos meios de comunicação.

### 2.2.1 Os imigrantes e refugiados na televisão

A representação da identidade e diferença nos meios de comunicação é um tema complexo e multifacetado que envolve não só a visibilidade de diversas identidades, mas também a forma como essas identidades são representadas. Myria Georgiou contribuiu substancialmente para os estudos dos media com foco nas questões de representação, identidade e diferença na televisão. Para a autora, a televisão não é apenas um espelho da sociedade, mas também um agente ativo na construção de significados e na configuração das perceções sobre identidade e diferença: "a televisão continua a ser uma local chave para a construção de identidades, onde os espectadores encontram representações que moldam a sua compreensão sobre quem são e quem são os outros em relação a eles" (Georgiou, 2013, p.45). Na sua visão, este meio de comunicação atua como um espaço onde as identidades são continuamente moldadas, contestadas e reconstruídas e oferece narrativas que as pessoas utilizam para compreender e articular as identidades (Georgiou, 2013). Dependendo de como essas narrativas são construídas, e dos contextos culturais

em que são consumidas, a televisão pode desempenhar um papel significativo na forma como modela percepções e contribui para a criação e manutenção de preconceitos e estereótipos:

*A televisão tende a reproduzir e reforçar estereótipos ao apresentar imagens simplificadas e limitadas de grupos minoritários, contribuindo para a sua marginalização e para a perpetuação de hierarquias sociais (Georgiou, 2006, p. 34).*

Georgiou alerta assim para o facto dessas representações mediáticas moldarem a percepção pública e influenciarem políticas e práticas sociais, dificultando a integração e reforçando barreiras simbólicas entre o "eu" e "o outro" (Georgiou, 2013). Seguindo esse raciocínio da autora, podemos afirmar que a televisão perpetua desigualdades e hierarquias sociais, colocando esses grupos em posições desvantajosas e contribuindo para a sua marginalização na sociedade. Em *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation*, Stuart Hall sublinha o impacto profundo que os meios de comunicação têm na maneira como a sociedade percebe e entende a representação de imigrantes e refugiados. Conforme Hall:

*A maneira como os media representam a «crise» da imigração não é uma reflexão da realidade, mas uma construção. Ela molda a percepção pública, muitas vezes enquadrando imigrantes e refugiados como um problema ou ameaça, o que influencia profundamente como a sociedade percebe esses grupos (Hall, 2017, p.174).*

O autor afirma que os media enquadram frequentemente imigrantes e refugiados em narrativas que os associam a problemas sociais como o crime, a violência ou a dependência económica (Hall, 1995). Estes grupos são muitas vezes retratados na televisão como "os outros" em contraste com uma identidade nacional homogénea, acentuando a diferença em vez de explorar a multiplicidade das suas experiências e culturas. Essas representações tendem a focar-se em narrativas de crise ou vitimização, o

que pode desumanizar imigrantes e refugiados e perpetuar a ideia de que são uma ameaça ou um fardo para as sociedades recetoras (Georgiou, 2006).

*As representações mediáticas de imigrantes e refugiados concentram-se frequentemente em narrativas de crise e ameaça, enquadrando esses grupos como problemáticos para as sociedades anfitriãs e negligenciando as suas origens e contribuições diversas (Georgiou, 2006, p. 23).*

No âmbito desta discussão, Saskia Sassen desenvolve a ideia de «exclusão simbólica», argumentando que embora os imigrantes e refugiados possam ser representados nos media, essa visibilidade e representação é frequentemente marcada por estereótipos e imagens negativas. A exclusão simbólica refere-se ao processo pelo qual uma comunidade é marginalizada e excluída de maneira material, mas também cultural e social, através de representações mediáticas, narrativas culturais e práticas discursivas (Sassen, 1998). Por outras palavras, ainda que imigrantes e refugiados estejam fisicamente presentes na sociedade, as suas experiências, vozes e identidades são muitas vezes ignoradas, estereotipadas ou mal representadas nos meios de comunicação. No contexto de um mundo globalizado, a exclusão simbólica relaciona-se com a forma como a mobilidade e a desigualdade são representadas. Isto é, a globalização pode intensificar a marginalização de certos grupos ao destacar, por exemplo, disparidades económicas e culturais (Appadurai, 1996). Num mundo cada vez mais conectado, Georgiou defende que as identidades não são somente formadas por contextos locais, mas sim pela interação com culturas globais mediadas pelos media transnacionais, resultando na formação de identidades híbridas que unem elementos de diferentes culturas, tradições e experiências (Georgiou, 2006). Os media transnacionais são particularmente importantes para comunidades de diáspora, como imigrantes e refugiados, pois permitem que estes mantenham um vínculo com as suas culturas de origem enquanto se adaptam e interagem com a cultura do país de acolhimento. Ainda que a difusão das tecnologias de comunicação e a fragmentação dos espaços mediáticos - com o surgimento das redes sociais, por exemplo - tenha beneficiado grupos de diáspora, é certo que os media transnacionais podem também contribuir para a exclusão simbólica ao priorizar certas culturas, perspectivas e narrativas em detrimento de outras (Georgiou, 2006). Em

*Diaspora, Identity and the Media*, Georgiou também se dedica a este tema e afirma que os meios de comunicação podem reforçar narrativas dominantes que negligenciem ou distorçam a diversidade cultural. Para compreender melhor a perspectiva da autora, foquemo-nos no seguinte exemplo: se os media derem constantemente ênfase a narrativas de crise e ameaça associadas a imigrantes e refugiados, é possível que as contribuições positivas e a riqueza cultural destes grupos fiquem para segundo plano, promovendo assim uma visão limitada e frequentemente negativa sobre estas pessoas.

Em *Mediated representations of immigrants and refugees: news coverage, public opinion and media literacy*, Kevin Smets e Çqiğdem Bozdağ abordam a opinião pública em relação à migração. O artigo reúne algumas conclusões importantes no âmbito deste tema, nomeadamente ao fornecer mais estudo empírico para os modos dominantes de representar a migração como ameaça cultural, económica ou de segurança. Os autores realçam que essas representações podem perpetuar uma visão negativa dos imigrantes, influenciando atitudes políticas e sociais em relação a esses grupos (Smets & Bozdağ, 2017). Além disso, o artigo também nos indica que os meios de comunicação tendem a adotar uma linguagem discriminatória e estratégias de exclusão ao fazer a cobertura de eventos relacionados com imigrantes e refugiados. De acordo com os autores, isso pode ser perpetuado pelo uso de termos pejorativos e através de uma retórica que inflige medo e hostilidade (Smets & Bozdağ, 2017), podendo causar um impacto profundo e duradouro sobre a forma como os imigrantes e refugiados são percebidos e tratados na sociedade.

As representações mediáticas também afetam a perceção que as comunidades têm delas mesmas, o que nos ajuda a compreender melhor os padrões dominantes de representação. Se as identidades de imigrantes e refugiados forem representadas de maneira negativa ou estereotipada na televisão, é possível que isso pode afete o bem-estar psicológico e senso de pertencimento destes grupos (Georgiou, 2006). É importante salientar que as comunidades de diáspora enfrentam desafios constantes ao verem as suas experiências mal representadas e que a falta de uma representação precisa e diversa pode contribuir para a exclusão simbólica. Além disso, o artigo de Kevin Smets e Çqiğdem Bozdağ já acima mencionado alerta-nos para o facto de as vozes dos grupos de diáspora raramente estarem presentes nos meios de comunicação. Os autores afirmam que as representações mediáticas contribuem para a ideia de imigrantes e refugiados como “*outros*” distantes. Essa falta de voz na cobertura noticiosa contrasta com a forma como atores políticos poderosos podem moldar os discursos dominantes. Os imigrantes e

refugiados ora ou não são ouvidos, ou são apresentados como uma «crise» a ser gerida, em vez de agentes ativos com voz própria. De acordo com Smets e Bozdağ, isso contribui para o fortalecimento de percepções enviesadas de imigrantes e refugiados e, conseqüentemente, para a marginalização destes grupos (Smets & Bozdağ, 2017). Essa falta de voz e de participação na esfera mediática pode causar sentimento de desumanização e invisibilidade nestas comunidades, constituindo uma barreira para a integração e participação social (Appadurai, 1996). Não se trata apenas de uma questão de representação, existem implicações diretas e profundas sobre como imigrantes e refugiados são percebidos, tratados e integrados na sociedade.

Em suma, as representações mediáticas da migração desempenham um papel cada vez mais importante na forma como a imigração é compreendida na esfera pública e no domínio privado. Nesse sentido, os meios de comunicação devem ser vistos e analisados como elementos constitutivos na produção de significados do “eu” e do “*Outro*”. Representar a diferença nos media de uma forma justa, realista e coerente nunca foi uma tarefa fácil e tem levantado preocupações entre teóricos e académicos há várias décadas. Estudar a forma e o papel dos meios de comunicação na representação dos imigrantes e refugiados é crucial para que se compreenda o impacto dessas representações na percepção pública e se procure promover uma sociedade mais informada, justa e inclusiva.

## **CAPÍTULO 3: A Televisão e as mediações culturais e históricas, e a reconstrução das identidades**

Nesta parte do trabalho procuramos contextualizar os estudos dos efeitos dos meios de comunicação de massa desde a perspectiva dos efeitos diretos até aos efeitos a longo prazo. Abordaremos os principais modelos teórico-metodológicos - como a Teoria da Tematização, o *Framming*, o *Agenda-Setting* e a Teoria da Enculturação - que explicam a influência dos media na opinião pública. Para isso, recorreremos ao longo deste capítulo a autores como Stuart Hall, Elisabeth Noelle-Neumann, Maxwell McCombs, Donald Shaw, Jenny Kitzinger, Denis McQuail e George Gerbner. Também discutimos os estudos de recepção, nomeadamente a Teoria dos Usos e Gratificações por autores como Herta Herzog, Elihu Katz, Jay G. Blumler e Michael Gurevitch, e os Estudos Culturais britânicos com enfoque em académicos pioneiros como Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward P. Thompson, que forneceram as bases teóricas para o trabalho de Stuart Hall que, por sua vez, influenciou autores como David Morley, Roger Silverstone e Jesús Martín-Barbero.

### **3.1 Dos efeitos diretos aos efeitos a longo prazo**

Os estudos dos efeitos dos media têm um «boom» na era da rádio nas décadas de 1920 e 1930. Os académicos propuseram-se a explorar a relação entre os conteúdos veiculados por esse meio de comunicação de massa e o público recetor, tentando compreender o grau de influência que a rádio poderia ter em moldar o pensamento público. A era televisão, que ocorreu depois da Segunda Guerra Mundial, veio dar continuidade às discussões antigas, mas trouxe consigo um enfoque diferente ao estudo dos efeitos dos media (Esteves, 2009).

Klaus Bruhn Jensen afirma que os efeitos dos media são “todos os impactos cognitivos e comportamentais” na sociedade (Jensen, 2002, p. 138). Para melhor compreendermos esses efeitos nas audiências é importante aprofundar a complexidade da comunicação de massas e perceber as profundas alterações paradigmáticas que se têm verificado nesta área ao longo dos anos. Em *Mass Communication Theories: Explaining Origins, Processes, and Effects* (2010), Melvin L. DeFleur começa por esclarecer o

conceito de «comunicação de massas», definindo-o como um processo de transmissão e disseminação de mensagens através de meios de comunicação que alcançam grandes audiências de forma simultânea (Defleur, 2010).

A comunicação de massas assume um papel muito importante no ramo da comunicação não só por transmitir conhecimento e disseminar valores sociais e culturais, mas também porque esses meios de comunicação operam em grande escala, atingindo e envolvendo quase todos os membros de uma sociedade em maior ou menor grau (McQuail, 2003). John B. Thompson (1995) fala sobre a noção de massas imersa numa aceção crítica da sociedade de massas. O autor aborda a ideia de que a comunicação não se trata apenas de um meio de transmissão de informações uma vez que esta também reflete e molda as relações sociais e culturais. Em *The Media and Modernity: A Social Theory of the Media* (1995), Thompson oferece uma definição mais complexa e crítica do conceito de «comunicação de massas», desviando-se assim da concepção tradicional. Na sua visão, o conceito não deve ser simplificado como um processo de comunicação de uma mensagem uniforme para uma audiência massiva e homogénea. Thompson defende que a comunicação de massas é mediada por tecnologias que permitem a produção, reprodução e difusão de conteúdo simbólico em grande escala (Thompson, 1995). No entanto, o autor sublinha que isso não significa necessariamente que a comunicação atinja uma “massa homogénea”. Por outro lado, defende que a audiência da comunicação de massas é, na verdade, descentralizada e fragmentada. Dessa forma, as pessoas recebem e interpretam as mensagens de acordo com os seus próprios contextos sociais e culturais, originando uma pluralidade de interpretações e respostas (Thompson, 1995).

Em *Teorias da Comunicação de Massas*, Denis McQuail procurou estudar os meios de comunicação e acompanhar o seu desenvolvimento, abordando o surgimento das tecnologias e o emergir da globalização. Para o autor, os meios de comunicação representam, muitas vezes, o único acesso que alguns indivíduos possuem de inserção social, de acesso à cultura, à informação, à política, entre outros (McQuail, 2000). Na sua obra sublinha que “todo o estudo da comunicação de massas assenta na premissa de que os media têm efeitos significativos apesar de existir pouco consenso sobre a sua natureza e extensão.” (McQuail, 2000, p.422). Assim sendo, o autor investiga os efeitos dos meios de comunicação definindo e identificando quatro fases distintas da evolução do estudo sobre os efeitos dos media.

A primeira fase definida pelo autor abrange o início do século XX e decorre até aos anos 30. Nessa época viviam-se momentos de grande conturbação social, económica e política uma vez que a Primeira Guerra Mundial e o *crash* da Bolsa da Nova Iorque tinham assolado completamente as grandes economias mundiais. Nesse período, também marcado pelo crescimento da rádio e da imprensa, era constante a publicidade à Primeira Guerra Mundial como ferramenta para convencer a opinião pública. É nesse contexto que os media se vão desenvolvendo e que lhes é conferida uma capacidade ilimitada de influência sobre as opiniões, as atitudes e os comportamentos dos indivíduos. Nas palavras de McQuail, os meios de comunicação dessa época “foram creditados com poder para formar opiniões e crenças, mudar hábitos de vida e moldar os comportamentos da sociedade” (McQuail, 2000, p. 423). É nessa primeira fase que se enquadra a *Teoria Hipodérmica*, ou *Teoria dos Efeitos Ilimitados*, que vai buscar fundamentos teóricos à psicologia behaviorista e à teoria da sociedade de massa (Esteves, 2002). Este modelo, que surge nas décadas de 1920 e 1930, foi a primeira tentativa de explicação dos efeitos da comunicação de massa na opinião pública e assenta na comparação de uma mensagem - veiculada por um meio de comunicação – com uma injeção de uma seringa hipodérmica. Tal como o efeito de uma injeção na pele, também os media têm um efeito rápido e poderoso nos recetores da mensagem. Esta teoria defende que as mensagens transmitidas pelos meios de comunicação são aceites e partilhadas de igual forma entre todos os receptores e que essas mensagens geram respostas imediatas e diretas. Por outras palavras, nesta teoria dos efeitos diretos e universais dos meios de comunicação, o autor defende que todos os estímulos causados por uma mensagem terão uma resposta, sem encontrar resistência por parte do recetor (McQuail, 2000). No entanto, esta teoria foi criticada por vários académicos por ser considerada “demasiado simplista”. Os críticos afirmavam que o modelo não se preocupava e não tinha em consideração aspetos individuais do recetor nem da sua capacidade de escolha. Raymond Bauer, por exemplo, sustentava que, durante o período da teoria, a maior parte dos efeitos não eram estudados, eram “somente tidos como certos” e que o modelo desconsiderava o contexto em quem o estímulo ocorria (Bauer, 1964).

Mcquail diz-nos que a segunda fase da evolução do estudo sobre os efeitos dos media começa logo a seguir, no início dos anos 40, e dura até à década de 60. Esta fase foi um período de revisão dos pressupostos da teoria dos efeitos ilimitados. As novas pesquisas indicavam que os atributos pessoais e sociais tinham uma grande influência na

percepção da mensagem. Segundo esta abordagem, os indivíduos não recebem as mensagens de forma uniforme. Para Mauro Wolf, “a teoria dos efeitos limitados desloca o acento de umnexo causal direto entre propaganda de massa e manipulação da audiência para um processo mediato de influência, em que as dinâmicas sociais cruzam com os processos de comunicação.” (Wolf, 2005, p.37). O novo paradigma, que surge num contexto de crescimento económico acentuado nas democracias ocidentais, evidenciava que os meios de comunicação em massa operavam no interior de uma estrutura pré-existente de relações sociais e num certo contexto social e cultural. Para McQuail, a nova teoria dos efeitos “valoriza o papel da influência pessoal e do complexo de relações sociais na mudança das opiniões e atitudes dos indivíduos, limitando a influência dos media à produção de um efeito” nos recetores das mensagens. (McQuail, 2003, p. 425) Por sua vez, Joseph Klapper afirmava em *Os Efeitos da Comunicação de Massas* que o principal efeito dos media no indivíduo era o de reforçar o seu comportamento social. Por outras palavras, a sociedade estaria predisposta para selecionar as mensagens mediáticas de acordo com as suas crenças, os seus valores e convicções. Dessa forma, as mensagens não teriam capacidade de produzir mudanças relevantes e, por isso, “a comunicação de massas não atua normalmente como causa necessária nem suficiente de efeitos sobre a audiência, mas funciona, isso sim, através de umnexo de fatores de mediação” (Klapper, 1960, p. 8).

Por outro lado, a terceira fase identificada por McQuail é caracterizada por outro género de efeito social dos media - os efeitos cognitivos a longo prazo. Este novo paradigma reflete a transição e o desenvolvimento das teorias sobre os efeitos dos media num período em que a televisão se tornou um meio influente e dominante na sociedade. Entre as décadas de 1960 e 1970 os académicos focaram-se em estudar como a exposição prolongada à televisão e aos conteúdos televisivos moldava a percepção e a compreensão das pessoas sobre o mundo. Esta fase reconhece que os meios de comunicação não são apenas meras ferramentas de tecnologia, são antes vistos como grandes instâncias transportadoras de uma mensagem que depende do contexto social e do momento histórico em que é recebida (McQuail, 2003). É nesse terceiro momento que podemos incluir as contribuições da socióloga e pesquisadora alemã Elizabeth Noelle-Neumann. No seu texto *Return to the Concept of Powerful Mass Media* (1972), a autora afirma que os efeitos dos meios de comunicação são condicionados por fatores contextuais. Isto é, diversas audiências têm diferentes níveis de recetividade a determinadas informações. As

peças reagem de maneira diferente às mensagens veiculadas pelos meios conforme as suas crenças, experiências e identificação social e cultural (Noelle-Neumann, 1972). Noelle-Neumann destaca ainda que nem todos os temas terão o mesmo impacto na opinião pública. Na sua visão, os meios de comunicação têm maior probabilidade de exercer influência em situações onde o público está incerto ou indeciso sobre determinado tema. A autora defende que os efeitos significativos ocorrem em contextos específicos onde há ambiguidade ou falta de opinião pré-estabelecida (Noelle-Neumann, 1972). Seguindo o seu pensamento, em tempos de crise ou incerteza - como guerras, desastres naturais, crises económicas, entre outros - a comunidade pode estar mais vulnerável e mais propensa a procurar orientação dos meios de comunicação, aumentando assim a sua suscetibilidade às mensagens mediáticas (Noelle-Neumann, 1972). Importa salientar que Noelle-Neumann não sugere um retorno completo à ideia de efeitos diretos e universais dos meios de comunicação que falámos acima. A autora adota antes uma posição intermediária através da qual não só reconhece que os efeitos dos meios são poderosos como também afirma que são condicionados por diversos fatores. Outro trabalho relevante de Elizabeth Noelle-Neumann foi a *Teoria da Espiral do Silêncio*. A tese da autora parte do princípio de que os meios influenciam e determinam a opinião dominante, formando a opinião pública. A autora defende que os indivíduos tendem a silenciar e omitir as suas opiniões por receio de serem criticados, reprimidos ou isolados. As pesquisas feitas pela autora ao longo dos anos resultaram na observação de que a maioria das pessoas atribui mais importância ao risco de ficarem isolados do que à sua própria opinião. (Noelle-Neumann, 1974)

De acordo Noelle-Neumann e Thomas Peterson:

*(...) a tendência de falar ou de se calar é apenas parte de uma extensa abordagem teórica que tenta explicar como a opinião pública afeta a vida e o comportamento das pessoas, como garante a coesão social e como contribui para o processo de tomada de decisão. (Noelle-Neumann & Peterson, 2004, p.339).*

Na visão da autora alemã, a opinião pública é uma forma de controlo social que funciona num formato muito semelhante em todas as sociedades. Noelle-Neumann defende que na

base de todo o processo da opinião pública está o tal medo de isolamento e a exploração desse medo por parte daqueles que querem impor a sua vontade à sociedade (Noelle-Neumann, 1979). Por outras palavras, a *Espiral do Silêncio* evidencia o facto de que quando os media estimulam a opinião pública, estão também a silenciar opiniões minoritárias. Assim, através dessa perspectiva, é possível afirmar que a sociedade está dependente dos meios de comunicação uma vez que constituem o seu ponto de referência principal na construção das suas opiniões (Noelle-Neumann, 1979).

Por sua vez, em *Opinião Pública*, Walter Lippmann evidencia que os meios de comunicação moldam e formam opiniões a partir das “imagens” que cada meio cria na mente de cada indivíduo exposto à mensagem. Dessa forma, o autor traz os media para o debate sobre a opinião pública não os definindo como “detentores de um poder ilimitado”, mas considerando-os antes como “relevantes para a formação de opinião pública”. (Lippmann, 1998) Como já foi mencionado anteriormente, foi nesta terceira fase que se verificou a chegada da televisão e a sua consolidação como nova tecnologia e meio de comunicação, o que intensificou ainda mais o debate acerca da comunicação e os seus efeitos na sociedade. Em *Os Efeitos Cognitivos de Massas*, Enric Saperas afirmava que, entre as décadas de 50 e 60, a televisão

*centralizou o interesse das novas formas de investigação comunicativa e, só a partir desse interesse, a investigação sobre a dimensão cognitiva da atividade pública dos media se veio a estender aos restantes meios de comunicação (Saperas, 2000, p.31).*

Na sua obra, o autor destaca com evidência o poder e a influência que a televisão detinha naquela época. Para Saperas, este meio de comunicação tinha um importante papel na criação da imagem dos líderes políticos e sociais, bem como na imagem dos indivíduos influentes na esfera cultural (Saperas, 2000). Na ótica do autor, os media exercem uma influência cognitiva no fortalecimento da opinião pública, através da determinação das temáticas veiculadas. A teoria da tematização defendida pelo autor, que emerge na *Teoria dos Efeitos*, avalia os “efeitos sociocognitivos resultantes da ação dos meios de comunicação de massas no âmbito do sistema político atual” (Saperas, 1993, p.88). Em *Framing and Frame Analysis in Media Studies: Key Issues and Debates*, Jenny Kitzinger

dedica-se a estudar como os meios de comunicação estruturam e interpretam determinados temas e eventos. A autora analisa como a tematização envolve decisões editoriais sobre as questões que devem ou não ser destacadas nos media e defende que esse processo afeta a opinião pública e a construção do entendimento sobre determinados assuntos (Kitzinger, 1999). De acordo com Saperas (1993):

A tematização é o processo de seleção e de valorização de determinados temas de interesse introduzidos de forma contingente na opinião pública, entendida como estrutura temática contingente, que reduz a complexidade social dos diversos subsistemas ou sistemas parciais em que opera (Saperas,1993, P. 94).

Ao abordar a Teoria da Tematização na sua obra, Kitzinger relaciona esse conceito com o *Framming*. De acordo com a autora, o *Framming* “envolve selecionar e destacar certos aspectos da realidade para torná-los mais salientes e, ao fazer isso, molda a maneira como a questão é entendida e discutida” (Kitzinger, 2004, p.35). Embora os dois conceitos sejam diferentes, estão interligados. A tematização define quais os temas que entram na agenda pública, enquanto o *Framming* determina como esses temas serão interpretados e compreendidos pelo público. Juntos, os dois conceitos moldam significativamente a forma como a sociedade entende e se relaciona com as questões discutidas nos meios de comunicação (Kitzinger, 1999). É também neste âmbito que surge o conceito de «*Agenda-Setting*» popularizado por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970. Os autores desenvolveram um estudo durante a campanha presidencial de 1968 que revelou que os temas veiculados e destacados pelos media eram também aqueles que a população acreditava serem mais importantes. Seguindo essa linha de pensamento, o agenda-setting não modifica diretamente as opiniões ou as atitudes da comunidade, mas influencia quais as questões que são vistas como mais ou menos importantes (McCombs & Shaw 1972). Tanto a Teoria da Tematização, como o *Framming* e o *Agenda-Setting* fornecem uma base importante para que se entenda como eventos específicos podem influenciar e alterar a agenda mediática e, conseqüentemente, moldar a percepção pública. Estas teorias ajudam a explicar o processo pelo qual certos eventos ganham destaque nos meios de comunicação e como isso pode mudar a forma como o público percebe a importância de

diferentes temas (McCombs, 2004). Conforme Maxwell McCombs, o *Framming* pode ser visto como uma extensão do *Agenda-Setting* pois enquanto o *Agenda-Setting* se concentra na saliência dos temas, o *Framing* amplia essa abordagem ao explorar os aspectos específicos de uma questão que são destacados na cobertura das notícias (McCombs, 2004). Foi, portanto, com toda esta mudança de paradigma que se deu uma sofisticação das teorias sobre a influência dos meios de comunicação de massa na política e na democracia. Até esse momento, todas as investigações sobre os efeitos dos media defendiam que as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação causavam efeitos de curto prazo.

Já no início dos anos 80, dá-se a quarta e última fase da evolução do estudo sobre os efeitos dos media. McQuail intitula esse momento de viragem de “construtivismo social”, e reconhece que os meios de comunicação têm “capacidades limitadas e poderosas” (McQuail, 2003, p. 420-421). É nesta fase do estudo dos efeitos dos media que se dá a concepção de que os efeitos mais notórios dos meios de comunicação estão relacionados com a construção de significados. (McQuail, 2003) Esses significados são, portanto, construídos pelos recetores das mensagens, com base em negociações permanentes, instanciadas pelas estruturas individuais de significado que, por sua vez, decorrem dos códigos de significação coletivos socialmente válidos. (Portela, 2019)

Para Denis McQuail:

*Este paradigma que emerge dos efeitos tem dois aspetos principais. Primeiro, os media “constroem” formações sociais e mesmo a própria história, ao fixarem imagens da realidade de formas previsíveis e padronizadas. Em segundo lugar, as audiências constroem para si próprias a sua visão da realidade social e o seu lugar nela, em interação com as construções simbólicas oferecidas pelos media (McQuail, 2003, p. 427).*

Por outras palavras, McQuail afirmava que os recetores das mensagens não estavam completamente expostos à influência dos media. O autor defendia que os indivíduos “mobilizavam para o processamento e interpretação da realidade social a sua experiência

direta, a interação com os seus pares e desenvolviam interpretações seletivas das mensagens dos media” (McQuail, 2003, p. 423).

Em suma, os estudos sobre a comunicação de massa e os seus efeitos na sociedade resultam de determinações que vão muito para lá da evolução cronológica. O desenvolvimento desses estudos tem sido fortemente influenciado por fatores contextuais – como guerras, avanços tecnológicos ou interesses do governo. O que é certo é que as teorias que tentam explicar os efeitos dos media na sociedade são associadas ao contexto social, histórico e económico de cada época e têm uma profunda relação com as teorias sociológicas.

### 3.2 Teoria da Enculturação

Com a consolidação e popularização da televisão, desenvolveram-se vários estudos relacionados com este meio de comunicação, nomeadamente a partir da década de 1960. Muito rapidamente a televisão passou a fazer parte da vida da maioria dos indivíduos e a ser o principal meio de comunicação através do qual a sociedade consumia informação. Através da televisão

*o indivíduo presta atenção, seleciona a informação, armazena parte dessa informação em memória e depois utiliza-a nos seus julgamentos sobre o mundo e sobre os outros (Lázaro, 1999, p. 152).*

Retomam-se assim os estudos sobre os efeitos, mas desde vez incidindo sobre este meio de comunicação na sociedade. Um dos teóricos que procurou estudar os efeitos a longo prazo da televisão foi o norte-americano George Gerbner, fundador da *Teoria da Enculturação*. Esta sua tese tentou compreender quais as consequências que teria os indivíduos crescer num ambiente cultural centrado na televisão.

Partindo da premissa de que a televisão é uma das principais formas socializadoras da sociedade, Gerbner defende que este meio de comunicação transmite informações “que são usadas como atalhos para a construção de juízos relativos às mais diversas situações”

(Gerbner et al., 2002, p. 44). Em 2002, em *Growing Up With Television*, o autor aborda a influência dos conteúdos de programas televisivos no enviesamento da avaliação da realidade social e explica que a televisão promove, desde a infância, as mesmas predisposições que a sociedade adquire de outras formas primárias (Gerbner et al., 2002).

A Teoria da Enculturação equipara, de forma metafórica, o efeito dos media na sociedade com a plantação de uma ideia que vai crescendo e desenvolvendo na mente dos indivíduos com o passar do tempo. Esse processo tem um efeito cumulativo e crescente, em vez de resultar em interpretações individuais das mensagens ou efeitos a curto prazo. Através da sua tese, e focando-se especificamente na televisão, George Gerbner tenta demonstrar que a população que assiste a esse meio de comunicação de forma assídua e regular tem tendência a interpretar a realidade de acordo com o que é veiculado por esse meio. Assim, o autor marca a sua posição afirmando que a televisão tem uma grande influência sobre a sociedade e defende, inclusivamente, que os indivíduos não conseguem perceber o que são conteúdos televisivos e o que são problemas reais. (Gerbner et al., 2002)

Sobre essa ideia, Jorge Cardoso Filho afirma que:

*Essa percepção moldada pelo conteúdo televisivo incide sobre o julgamento do espectador assíduo, que tenderá a responder a questões relativas àquele conteúdo como uma 'resposta da televisão', mesmo que as estatísticas sobre o assunto, na realidade, sejam diferentes. Tal hipótese aponta para um efeito poderoso dos media na sociedade e toma como ponto pacífico o fato de os indivíduos não conseguirem distinguir entre os conteúdos televisivos e os problemas reais, apostando na confusão dos espectadores assíduos no que diz respeito a esses assuntos (Cardoso, 2007).*

L.J Shrum complexifica a *Teoria da Enculturação* dizendo os julgamentos de cada indivíduo estão vinculados aos conteúdos televisivos porque estes são mais acessíveis que outros conteúdos, e não porque os telespetadores não são capazes de distinguir o que é real ou não (Cardoso, 2007). No ano de 2002, em *Media Consumption and Perceptions*

*of Social Reality*, o autor esclarece que “quando as pessoas constroem um julgamento, elas normalmente não utilizam toda a informação relevante para o julgamento, mas somente uma pequena porção de informação já disponível” (Shrum, 2002, p. 71).

Na sua obra, George Gebner defende que o consumo excessivo de televisão pode cultivar diferentes efeitos no telespetador. Entre eles, incutir à sociedade uma imagem distorcida da realidade. Conforme Gerbner:

*O indivíduo com maior nível de consumo de televisão tende a construir uma percepção da realidade através do que lhe é dito pela televisão, e essa percepção é mais pessimista em relação àquela criada por outros indivíduos (Gerbner et al., 2002).*

Por outras palavras, o autor afirma que a “realidade” representada nos media pode incutir nos indivíduos pensamentos e atitudes acerca de um mundo bem mais perigoso do que aquilo que realmente é. Para além disto, o autor afirma que a televisão por si só não leva a que os indivíduos desenvolvam um carácter agressivo, no entanto, outro efeito dos media pode ser o facto de que quem assiste televisão de forma regular e extremamente prolongada poder vir a desenvolver atitudes violentas, pessimistas, antissociais ou paranoia. (Gerbner et al., 2002)

Paul Lazarsfeld e Robert Merton, fazem uma crítica à ideia defendida por George Gerbner apresentando aquele que pode ser um dos limites da teoria. Os autores defendem que a tese não mede nem avalia o impacto social e psicológico da televisão. Ou seja, ainda que o consumo de bens culturais de massa seja significativo, a observação não permite compreender quais os efeitos que eles possuem sobre a sociedade (Cardoso, 2007).

De acordo com Paul Lazarsfeld e Robert Merton, citados por Lima (2000):

*O fato de se conhecer o número de horas que as pessoas utilizam o rádio nada nos indica sobre os efeitos daquilo que ouvem. O conhecimento dos dados de consumo no campo dos mass media está muito longe de*

*representar os efeitos totais sobre o comportamento, as atitudes e as perspectivas* (Lazarsfeld & Merton, 2000 *apud* Lima, 2000, pp. 112 – 113).

A crítica dos autores tem por base o problema da inferência – processo de dedução, através do raciocínio lógico, no qual um indivíduo chega a uma determinada conclusão sobre um determinado fenómeno. Lazarsfeld e Merton alegam que esse método tem lacunas e que não é o mais indicado pois está sujeito à interpretação do próprio investigador (Cardoso, 2007).

Ainda que enfrente críticas, a *Teoria da Enculturação* oferece fundamentação teórica sobre o impacto cumulativo da exposição dos media na formação de perceções. Na próxima secção aprofundaremos o campo dos Estudos Culturais, nomeadamente a contribuição de Stuart Hall, que oferece uma perspectiva complementar à teoria da enculturação. Enquanto Gerbner se concentra no estudo da influência cumulativa e na repetição de representações para construir uma visão dominante, Hall explora como os significados são construídos e negociados num contexto cultural e social mais amplo. Juntas, essas visões fornecem uma compreensão mais completa do papel dos meios de comunicação na formação de sentidos e na normalização de ideologias.

### 3.3 Uma análise dos estudos de receção: Dos Usos e Gratificações aos Estudos Culturais britânicos

No âmbito do paradigma funcionalista do *mass communication research*, Paul Lazarsfeld é um dos principais nomes associados aos estudos de receção. É sob a sua direção que em 1944 é desenvolvida por Herta Herzog a Teoria dos Usos e Gratificações dos Media. Essa proposta pioneira, que originou uma rutura de paradigma na forma como as audiências eram vistas, explora como os indivíduos utilizam os meios de comunicação para satisfazer as suas necessidades e desejos pessoais. Isto é, quais as motivações pessoais e sociais das audiências que as leva a assistir determinados conteúdos e que aprendizagem tiram disso (Jiménez et al., 2012). Herzog propôs-se a estudar este tema analisando como as radionovelas influenciavam os ouvintes e quais os objetivos e motivações que os levava a escolher esse tipo de conteúdo. A autora constatou que as ouvintes eram uma audiência assídua não só por prazer emocional, mas também porque

as radionovelas as levavam a pensar de um modo mais inteligente (Thomas, 1977). Por outras palavras, esta teoria defende que o público não recorria aos meios de comunicação apenas para entretenimento ou informação, mas também para satisfazer as suas necessidades psicológicas e sociais. Para Herzog, o público é seletivo, usufruindo dos meios de comunicação para atender às suas necessidades específicas, o que contrastava com a visão predominante da época de que as audiências eram passivas e que se deixavam facilmente influenciar pelas mensagens mediáticas. Conforme a autora:

*A experiência das audiências é fundamental para compreender a função dos media. O estudo dos usos e gratificações deve focar-se nas motivações e nas necessidades que levam os indivíduos a selecionar certos programas e conteúdos, em vez de apenas medir os efeitos dos meios de comunicação sobre o público (Herzog, 1944, p. 275).*

Também Isabel Ferin destaca que a Teoria dos Usos e Gratificações foi uma importante contribuição para o desenvolvimento das teorias de receção dos media uma vez que se diferencia das outras teorias de comunicação por enfatizar a atividade do recetor. A autora afirma que em vez de passivo, o público é ativo na escolha e no uso dos meios de comunicação para satisfazer as suas necessidades e desejos, ou seja, para gerar gratificação pessoal e social (Ferin, 2005). Em *Teorias da Comunicação* (2005), Ferin sugere ainda que a aplicação desta teoria pode variar consoante o contexto cultural e histórico e que os usos e gratificações procurados pelas audiências podem ser influenciados por fatores sociais, culturais e tecnológicos (Ferin, 2005). Vincenzo Ruggiero faz uma distinção entre gratificações procuradas e gratificações obtidas. Enquanto a primeira diz respeito ao que a audiência espera obter do conteúdo mediático, a segunda é o que a audiência realmente obtém (Ruggiero, 2000).

A Teoria dos Usos e Gratificações foi também desenvolvida por Elihu Katz, Jay G. Blumler e Michael Gurevitche na obra colaborativa *The Uses of Mass Communications: Current Perspectives on Gratifications Research* (1974). Os autores focaram-se em estudar os usos e gratificações que os indivíduos com diferentes perfis fazem dos media. Por outras palavras,

*Podemos esperar que diferentes tipos de pessoas tenham diferentes padrões de exposição aos media e que façam diferentes tipos de uso das mesmas comunicações. Podemos antecipar variações, por exemplo, de acordo com o sexo, a idade, o nível educacional e a renda (Katz et al., 1974, p.21).*

A citação acima demonstra como as características demográficas e pessoais dos indivíduos afetam não só as motivações para o consumo de conteúdo mediático, como também os tipos de gratificações que os mesmos pretendem obter. Nesse sentido, podemos afirmar que os diferentes estados cognitivos ou afetivos das audiências influenciam a utilização que fazem dos meios de comunicação. A título de exemplo, “uma pessoa que se sinta motivada a nível cognitivo facilita o ganho de informação que adquire do conteúdo que visualiza” (Cabo, 2021). Se, por outro lado, um indivíduo estiver sujeito a condições como “confinamento em casa, baixo rendimento monetário e algumas formas de stress” (Cabo, 2021) é expectável que apresente elevados níveis de apego aos media, provocando assim uma dependência dos meios de comunicação (Jiménez et al., 2012). De uma forma geral, a Teoria dos Usos e Gratificações é definida de acordo com cinco pressupostos básicos:

- *a audiência é ativa e utiliza os meios de comunicação com determinados e específicos propósitos;*
- *um membro da audiência detém a possibilidade de disseminar a necessidade de gratificação;*
- *os mass media competem com outras fontes a possibilidade de satisfazer o público;*
- *o público tem consciência suficiente do uso que dão aos media, dos seus interesses e dos seus motivos;*

- *apenas a audiência está apta a produzir um juízo de valor sobre os conteúdos veiculados pelos media* (Katz et al., 1974).

No contexto deste modelo teórico, Wolf reconhece que o receptor - audiência - ganha contornos de sujeito e deixa de ser um mero repositório de mensagens e o emissor - os meios de comunicação - existem para satisfazer as necessidades do recetor (Wolf, 2003). Ou seja, o autor reconhece as audiências como indivíduos que têm vontades, necessidades e motivações próprias capazes de tomar decisões conscientes sobre o tipo de conteúdo que pretendem consumir. As audiências deixam de ser consideradas «agentes passivos» que simplesmente recebem e armazenam informações sem reflexão e passam a ser vistas como capazes de selecionar, interpretar e até rejeitar mensagens de acordo com as suas preferências (Wolf, 2003). Denis McQuail, por sua vez, propõe uma tipologia para analisar as gratificações que as audiências procuram. De acordo com o autor, são elas: 1) gratificações de informação, através da qual as audiências procuram adquirir conhecimento e informação; 2) gratificações de entretenimento, que inclui o uso dos media para relaxamento e diversão uma vez que o indivíduo procura formas de fugir à rotina e aos problemas; 3) gratificações de identidade pessoal, através da qual as audiências procuram encontrar modelos de comportamento que ajudem a construir e reforçar as suas identidades; 4) gratificações de integração e interação social, que fornecem vínculos sociais e companhia (McQuail, 2003).

Apesar da sua importância nos estudos da comunicação, a Teoria dos Usos e Gratificações é alvo de críticas, nomeadamente do académico Vincenzo Ruggiero. O autor propõe que a tese deve evoluir para incorporar também uma perspectiva mais dinâmica e interativa que reflita as realidades das tecnologias digitais contemporâneas como a *internet* e as redes sociais. No seu ponto de vista, é necessário considerar como as audiências não só absorvem e consomem conteúdo, como também participam ativamente na formação e disseminação do mesmo (Ruggiero, 2000). O autor afirma que os meios digitais, popularizados e expandidos a partir da década de 1990, introduzem novas formas de interação que diferem significativamente dos meios tradicionais e, por isso, levam a uma alteração das motivações e dos comportamentos das audiências (Ruggiero, 2000). Atendendo ao objetivo do nosso trabalho de investigação, no que concerne aos usos e gratificações na televisão em específico, é importante salientar a relevância que esse meio exerce na partilha de interesses e experiências comuns,

tornando-o um dos principais meios de comunicação consumidos pelas audiências (Cabo, 2021). Em *TV in the Streaming Age*, Alex Tefertiller e Kim Sheehan definem cinco motivações que levam os indivíduos a assistir conteúdos televisivos, são eles: 1) a gestão de stresse; 2) o entretenimento relaxante; 3) a visualização habitual/rotina; 4) a procura de informações; 5) a interação social (Tefertiller & Sheehan, 2019). A televisão exerce um papel central na Teoria dos Usos e Gratificações não só por oferecer um amplo espectro de conteúdo que atende a diferentes necessidades psicológicas e sociais das audiências (Katz et al., 1974), como também por ser um meio amplamente acessível e conveniente, tornando-se uma escolha popular (McQuail, 2000). Conforme Denis McQuail,

*o meio televisivo, em particular, parece oferecer uma gama mais ampla de usos e gratificações do que qualquer outro meio. Ele tem a capacidade de combinar todas as funções da imprensa, cinema, rádio e teatro, além de muitas outras. Os usos resultantes da televisão variam de usos habituais, diversionistas e de entretenimento até àqueles de informação, identidade e orientação (McQuail, 2003, p.424)*

Em suma, a Teoria dos Usos e Gratificações ainda hoje permanece uma contribuição significativa para os estudos dos media, e da televisão em específico, pois contribui para o entendimento do comportamento do público e da relação entre os meios de comunicação e as necessidades pessoais das audiências.

Também relevante no âmbito dos estudos de receção dos media são os Estudos Culturais (EC) britânicos que surgem na segunda metade do século XX, mais precisamente na década de 1960, em Inglaterra, através do *Centre For Contemporary Cultural Studies* (CCCS). Num contexto de grandes alterações sociais, provocadas pela Segunda Guerra Mundial, a institucionalização deste campo teórico trouxe importantes discussões sobre o efeito dos meios de comunicação em massa nos indivíduos, mas também sobre “o modo como as pessoas usam os media para construir a sua visão do mundo.” (Hanson, 2014, p. 31).

Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward P. Thompson ficaram conhecidos como alguns dos principais fundadores dos Estudos Culturais ao realizarem trabalhos acadêmicos imprescindíveis que abriram espaço para a interpretação e o debate de questões relacionadas com a identidade cultural, o feminismo, a cultura popular e a cultura de massa, por exemplo.

Como afirma Vítor Aguiar e Silva, os EC

*centram a sua atenção nos estudos étnicos, pós-coloniais, comunicacionais, antropológicos, etnográficos e feministas. Apenas “muito marginalmente” se interessam pela literatura e pelos estudos literários (Aguiar e Silva, 2008, p.255).*

Hoggart, Williams e Thompson não têm nenhuma intervenção organizada e coordenada entre si, mas demonstram várias preocupações em comum que abrangem as relações entre cultura, história e sociedade. Em *The Uses of Literacy*, e através de uma metodologia qualitativa, Richard Hoggart foca-se sobretudo no estudo dos materiais culturais - antes desprezados - da cultura popular e dos meios de comunicação de massa. É assim, através de um trabalho que resulta de uma reflexão acerca das memórias de classe, que o autor corrobora a ideia de que, no âmbito popular, não existe somente submissão, mas também resistência (Hoggart, 1957). Já a contribuição de Williams é fundamental para os EC a partir da sua obra *Culture and Society*. Com esse trabalho académico publicado em 1958, demonstra que a cultura é uma “categoria-chave” que relaciona a análise literária com a investigação social. Através da sua abordagem, Williams contribuiu para o avanço do materialismo histórico na compreensão dos problemas da comunicação, evidenciando uma perceção materialista da cultura (Palácio de Azevedo, 2017). No seu ensaio *Culture is Ordinary* (1989), também crucial para o campo, Raymond Williams define os princípios fundadores do pensamento dos Estudos Culturais que permitem, posteriormente, pensar o paradigma da audiência ativa. De acordo com o autor, a cultura é um processo dinâmico e interativo profundamente enraizado na vida quotidiana e na estrutura social - e esse é o primeiro princípio definido por Williams. O segundo, é a conceção de cultura como “um processo em desenvolvimento contínuo” em vez de um estado fixo (Williams, 1989, p.5). Além disso,

o autor também argumenta que a cultura não pode ser separada das condições económicas e sociais que a moldam (Williams, 1989) e, por último, que deve ser compreendida como meio de comunicação, no qual a criação e interpretação cultural são entendidas como processos de comunicação contínua entre os indivíduos e a sociedade (Williams, 1989). O conceito de «audiência ativa» surge então desses princípios fundadores enunciados. Williams argumenta que a audiência não é um recetor passivo, mas sim um participante ativo e diverso que contribui para a criação e transformação cultural. Nessa perspetiva, a audiência envolve-se ativamente com a cultura ao interpretar e negociar os significados culturais com base nas suas próprias experiências e contextos (Williams, 1958). Esse aspeto da audiência ativa destaca como as pessoas não aceitam passivamente o que é apresentado, mas moldam e negociam as mensagens culturais de acordo com as suas próprias condições e perspetivas (Williams, 1958). Sobre o conceito de «audiência ativa», Stuart Hall (1999) afirma:

*As audiências não são consumidoras passivas de textos mediáticos, mas são participantes ativas que trazem as suas próprias experiências, expectativas e interpretações para o processo de atribuição de significados ao conteúdo mediático (Hall et al., 1999, p.124).*

Ainda que Williams e Hoggart, e as suas respetivas obras, tenham assumido um importante papel no surgimento e emergência dos EC, Stuart Hall defende que

*não foram, de forma alguma, 'livros didáticos' para a fundação de uma nova subdisciplina académica. Nada poderia estar mais distante do seu impulso intrínseco. Quer fossem históricos ou contemporâneos, tais textos eram, eles próprios, focalizados pelas pressões imediatas do tempo e da sociedade na qual foram escritos, organizados através delas, além de serem elementos constituintes de respostas a essas pressões (Hall, 1996, p.32).*

A participação de Stuart Hall na formação dos Estudos Culturais britânicos é também unanimemente reconhecida. O académico inglês substituiu Hoggart na direção do CCCS entre 1968 e 1979 e veio contribuir bastante para a configuração deste campo de estudos, principalmente no que concerne aos estudos de receção/audiências. A discussão sobre a pesquisa de receção acentuou-se sobretudo na década de 70 depois de Stuart Hall ter publicado o texto *Encoding and decoding in the Television Discourse* na obra *Culture, Media, Language*. Foi aí que o autor apresentou o seu modelo, através do qual procurou abordar a perspetiva culturalista sobre os media e, ao invés de se focar somente no momento exato da transmissão da mensagem, Hall sugere “apreender o processo comunicacional como uma estrutura conduzida e alicerçada na articulação de momentos vinculados entre si, embora distintos – produção, circulação, distribuição, consumo e reprodução de significados e mensagens” (Hall, 1980, p. 128). Por outras palavras, o autor sublinha a necessidade de considerar tanto a produção – codificação – como a receção - descodificação das mensagens. De acordo com Hall, citado por Pedro Portela, a codificação das mensagens impacta diretamente as fases de produção, circulação e distribuição, enquanto cabe aos indivíduos procederem à sua descodificação na fase de consumo (Portela, 2019). Assim, afirma Stuart Hall, seria possível pensar no processo como uma “estrutura complexa em dominância”, sustentada através da articulação de práticas conectadas, através da qual, cada uma delas, mantém a sua distinção e tem a sua própria modalidade específica, as suas próprias formas e condições de existência (Hall, 1980).

Esta ideia desenvolvida por Hall de que existe um emissor – o codificador - que transmite uma mensagem a um recetor – o descodificador – foi também aplicada e expandida por David Morley e Charlotte Brunson no ano de 1978 em *Everyday television – Nationwide*. A intenção dos autores era testar empiricamente a tese de que a classe social e os interesses políticos influenciam a forma como as audiências descodificam um determinado programa televisivo. Dois anos mais tarde, seguindo o modelo de Hall, David Morley publica aquele que viria a ser o primeiro estudo empírico de audiências no campo dos EC – o *The Nationwide Audience*. De acordo com o autor, esse estudo de receção foi feito tendo em consideração que a audiência era “uma complexa configuração de subculturas e subgrupos superpostos, nos quais se situam os indivíduos” (Morley, 1980, p. 128). O que aproxima o autor de Stuart Hall é o facto de ambos centrarem a produtividade do texto/ programa televisivo nas articulações com

práticas sociais e com a efetividade das representações ideológicas que neles se apresentam (Hall, 1996). No entanto, Morley afirma que todo o processo de recepção é bem mais complexo do que aquilo que sugeria o modelo de *Encoding and Decoding* de Stuart (Morley, 1980). Roger Silverstone junta-se a este debate sobre os estudos de recepção ao definir, em conjunto com Morley, quatro princípios a considerar na relação texto – leitor enquadrada pelos estudos etnográficos:

- *a interpretação não se pode confinar à recepção em si mesma, mas deve também ser olhada de modo retrospectivo nos usos que posteriormente lhe são dados;*
- *ocorrem interferências de significados adquiridos pelo uso de outros media, ou seja, não se pode olhar para um determinado meio de uma forma hermética;*
- *existe a necessidade de reconhecer a existência de diversas modalidades de ler, ouvir e ver em ambiente doméstico, que podem diferir daquelas postas em prática em ambientes distintos;*
- *os modos de alocação dos media interagem com as alterações dinâmicas das circunstâncias e contextos (Morley & Silverstone, 1990 apud Portela, 2019).*

Também Pertti Alasuutari, em *Rethinking the Media Audience*, faz referência ao modelo de Stuart Hall. O acadêmico finlandês define e distingue na sua obra três fases dos estudos de audiência e inclui o processo *Encoding and Decoding* na primeira fase de todas. Na visão do autor, esse momento ficou conhecido por desenvolver estudos qualitativos de audiência em que “se analisa um programa e se estuda a sua recepção entre uma audiência, conduzindo entrevistas em profundidade com espectadores” (Alasuutari, 1999, p. 4). Para Alasuutari, Stuart Hall “abandona um modelo behaviorista em direção a um marco interpretativo onde todos os “efeitos” dependem de uma interpretação das mensagens mediáticas pelas pessoas” (Alasuutari, 1999). A investigação de Hall foi também abordada por Martín-Barbero em 1987. O autor afirma na sua obra *Dos Meios às*

*Mediações* que o estudo da comunicação se deve estender muito para lá dos meios, ou seja, deve focar-se antes nas mediações. Barbero propõe assim averiguar como os indivíduos comunicam no quotidiano. Para o autor, que se tornou mais tarde uma verdadeira influência para os EC na América Latina, era necessário estudar “os processos de comunicação que acontecem na praça, no mercado, no cemitério, nas festas, nas cerimónias religiosas (...)” (Martín-Barbero & Mier Vega, 1993, p. 70), porque só a partir dessa pesquisa é que seria possível desenvolver uma metodologia que permitisse “relacionar o estudo da constituição de sentido, da produção de sentido, com os sentidos.” (Martín-Barbero & Mier Vega, 1993, p. 70). Falar de comunicação é falar de práticas sociais, adianta o autor, e na sua obra *Comunicação popular e Modelos Transnacionais*, traz uma nova forma de comunicação - os relatos populares. Segundo Martín, essa forma de comunicação é uma forma de acesso a outra cultura e, acima de tudo, “é um discurso que articula a memória do grupo e através do qual se expressam as práticas deste.” (Gilberto Gomes, 2018, p. 193).

Segundo Martín-Barbero:

*Em vez de fazer a pesquisa partir da análise das lógicas de produção e receção, propomos partir das mediações. Isto é, partir dos lugares dos quais provêm as construções que delimitam e configuram a materialidade social e a expressividade cultural dos media* (Martín-Barbero, 1997, p. 292).

É através desta linha de pensamento que o autor elabora uma série de trabalhos que evidenciam um importante e novo debate sobre o fenómeno da mediação, tornando quase obrigatória a referência desse processo nas discussões sobre a comunicação.

Anos antes, também Raymond Williams e Roger Silverstone tinham estudado a mediação. Em 1992, Williams afirmava que o fenómeno estava relacionado “aos processos de composição necessários, num determinado meio; como tal, indica as relações práticas entre formas sociais e artísticas. Nos seus usos mais comuns, porém, refere-se a um modo indireto de relação entre a experiência e sua composição.” (Williams, 1991, p. 24). Por sua vez, Silverstone define a mediação como um processo, que implica

o movimento e a circulação de significados, que são nômadas e, por isso, transformados. (Grohmann & Mauro, 2015) Para o autor, a mediação é um processo múltiplo, transformativo e assimétrico que envolve dimensões não só tecnológicas, mas também sociais. No olhar do autor, o processo é também transformativo, dialético e – ao mesmo tempo – desigual (Silverstone, 2002). Conforme Silverstone:

*A mediação é dialética porque embora seja possível privilegiar os meios de comunicação de massa como definidores e, talvez, determinantes de significados sociais, essa ênfase desprezaria o creative engagement que ouvintes e espectadores possuem com os produtos da comunicação massiva. A mediação é, também, assimétrica, porque o poder de operar com ou contra os significados dominantes ou profundamente enraizados que os media produzem é distribuído de modo desigual entre e nas sociedades (Silverstone, 2002, p. 762).*

É certo que a história dos Estudos Culturais apresenta discordâncias notórias no que diz respeito à sua utilidade, às suas teorias, aos seus objetos de estudo, aos seus métodos e limites. Mas o que também se sabe é que, independentemente da perspectiva e do autor, os Estudos Culturais interpretam a cultura como uma categoria importante para explicar as mudanças na sociedade. Desde o seu surgimento, na segunda metade do século XX, todas as tradições de pesquisa pretendem estudar e averiguar de que forma os media produzem mudanças a nível individual, social e cultural.

## **CAPÍTULO 4: A mediatização da imigração: um olhar sobre Portugal e a União Europeia**

O presente capítulo está dividido em três partes. Numa primeira secção propomos fazer uma contextualização dos fluxos migratórios em Portugal desde a década de 1970. Para isso, recorreremos a autores como Neide Lopes Patarra, Pedro Góis e José Carlos Machado, e também a documentos oficiais como o mais recente *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*, referente ao ano de 2022. Em seguida, analisamos as políticas de representação da Identidade e da Diferença nos media, dando especial atenção às prioridades da União Europeia. Fazemo-lo através da interpretação e análise de documentos de organismos como a Comissão Europeia e a Organização das Nações Unidas e também de autores como Manuel Castells. Na última secção, apresentamos literatura sobre a representação da imigração nos media em Portugal, nomeadamente com base no trabalho de Isabel Ferin, e abordamos ainda como os imigrantes e refugiados se reveem nas imagens televisivas através de trabalhos desenvolvidos por autores como Catarina Valdigem e Ana Cristina Santos.

### **4.1 Breve contextualização dos processos migratórios em Portugal**

Apesar de Portugal ser um país de forte emigração, há também registo de um aumento da imigração no nosso país. Isto é, são cada vez mais as pessoas que procuram Portugal como destino para residir e trabalhar, fazendo com que atualmente seja comum a presença de imigrantes e refugiados em solo português. As políticas de admissão de imigrantes contemplam uma série de elementos que consistem em: conferir as condições de entrada (se o imigrante tem em sua posse toda a documentação exigida e qual o objetivo e tempo de permanência no país); verificar as autorizações de trabalho e residência; realizar um controlo interno da situação de legalidade dos cidadãos estrangeiros em território nacional; por último, a instituição de sistemas de regularização de imigrantes em situação ilegal (Convey & Kupiszewski, 1996).

Em *Um Portugal de Imigrantes*, Dulce Rodrigues, Tânia Correia, Inês Pinto, Ricardo Pinto e Cristina Cruz definem aquelas que consideram as três fases relevantes do processo de imigração para a história do país. São elas: a fase pós-colonial; a fase

comunitária e a fase da globalização. A primeira fase consistiu na movimentação de cidadãos africanos para Portugal fruto da descolonização. As guerras de libertação em Angola, Moçambique e Guiné deram não só origem a significativos fluxos migratórios para Portugal, como também permitiram que a população imigrante ocupasse os postos de trabalho dos portugueses que tinham sido recrutados para as guerras. Foi então com a Revolução de 25 de Abril de 1974 e com a descolonização que se deu início a um ciclo de imigração de cidadãos provenientes das ex-colónias africanas que se mantém até aos dias de hoje (Rodrigues et al., 2013). O segundo momento mencionado pelos autores, a Fase Comunitária, começa por volta da década de 1990 e é impulsionada essencialmente pelo fim da ditadura de António Salazar em Portugal, bem como pela adesão de Portugal à então Comunidade Económica Europeia (CEE) em 1986, pela queda do muro de Berlim em 1989 e pela assinatura do Acordo Schengen em 1991 por Portugal. Para além da imigração proveniente dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), passa-se a verificar um aumento da imigração brasileira. Com os números a crescer, assiste-se à necessidade de criar e pôr em prática políticas de imigração (Rodrigues et al., 2013). De acordo com os autores, a terceira e última fase começa-se a registar no início dos anos 2000 com o fenómeno da Globalização e é marcada pela imigração proveniente da Europa do Leste. Este novo fluxo migratório é essencialmente composto por trabalhadores qualificados do sexo masculino e tem contribuído para o aumento da diversidade étnica e geográfica dos imigrantes em solo português (Rodrigues et al., 2013).

A globalização tem permitido uma série de transformações sociais, económicas e políticas, bem como o desaparecimento das fronteiras – o que estimula o aumento dos movimentos migratórios (Góis & Marques, 2018). Neide Lopes Patarra sublinha na sua obra *Migrações internacionais: teorias e políticas* que há uma ligação entre o fenómeno da globalização e o fenómeno da migração uma vez que o primeiro estimula o segundo ao permitir que os indivíduos saiam de lugares menos favorecidos e desenvolvidos para países e regiões mais desenvolvidas onde encontrarão mais oportunidades de trabalho e melhores condições de vida (Patarra, 2006).

O último *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) refere que em 2022 se verificou, pelo sétimo ano consecutivo, um aumento de imigrantes, totalizando 781 915 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência. De acordo com o portal *ePortugal*, da Agência para a Modernização Administrativa (AMA), a emissão desse título de residência a cidadãos estrangeiros

permite e autoriza-os a residir de forma regular em território português. Essa autorização compreende dois tipos, a temporária e a permanente. A primeira permite que o cidadão tenha residência em Portugal por um prazo determinado, normalmente de um ano. Caso o titular queira continuar a residir em território português, deverá renovar a autorização. Já a segunda, a autorização de residência permanente, garante que o titular possa residir em Portugal sem qualquer limite temporal, no entanto, importa salientar que ainda assim o cidadão deve renovar o seu documento de 5 em 5 anos. No mesmo relatório do SEF referente ao ano de 2022 é possível compreender que a percepção de Portugal como um país seguro, bem como as vantagens fiscais, são as principais motivações que contribuem para o aumento da imigração em Portugal. O mais recente *Relatório Estatístico Anual de Integração de Imigrantes* do Observatório das Migrações comprova essa tendência: só em 2022 os imigrantes contribuíram com 1861 milhões de euros para a Segurança Social - quase o dobro do que em 2019 - e beneficiando apenas de 257 milhões de euros em prestações sociais. Estes imigrantes têm assim uma taxa de atividade mais elevada que os portugueses e trabalham maioritariamente em setores mais precários como a construção civil, o serviço doméstico ou a restauração. De acordo com o mesmo documento, trabalham mais horas por semana e recorrem muito menos às prestações da Segurança Social quando comparados com os portugueses. Os imigrantes foram assim responsáveis por um saldo positivo de 1604 milhões de euros da Segurança Social em 2022, demonstrando que a imigração em Portugal é essencialmente laboral e ativa.

A nacionalidade brasileira continua a ser a principal comunidade estrangeira em Portugal, representando 30,7% do total (OM, 2022). Portugal é visto como “uma porta de entrada” para os brasileiros uma vez que os dois países mantêm parcerias comerciais bem como acordos e tratados em comum que facilitam a ligação e a relações entre ambos os países. Apesar de ainda existirem algumas exigências e burocracias para que um brasileiro possa residir em Portugal, é de notar os esforços que têm vindo a ser feitos nos últimos anos para fortalecer as relações diplomáticas entre os dois países. A título de exemplo, Duval Fernandes e Maria da Conceição de Castro fazem referência à visita a Portugal do Presidente Lula da Silva em 2003 através da qual o então Presidente do Brasil assinou um tratado que permitia a regularizar a vida de cidadãos brasileiros que viviam em Portugal de maneira irregular (Fernandes & de Castro, 2013). Para além disto, é também importante referir outro fator que tem vindo a facilitar a entrada de brasileiros em solo português: o facto de não ser necessário visto para entrar no espaço Schengen por um

período de 90 dias. Isso permite que os cidadãos consigam chegar à Europa através de Portugal e consigam não só procurar trabalho, mas também tratar de toda a burocracia inerente ao processo de legalização já vivendo no país. (Sánchez-Montijano & Ayuso, 2012).

Renó Machado salienta que:

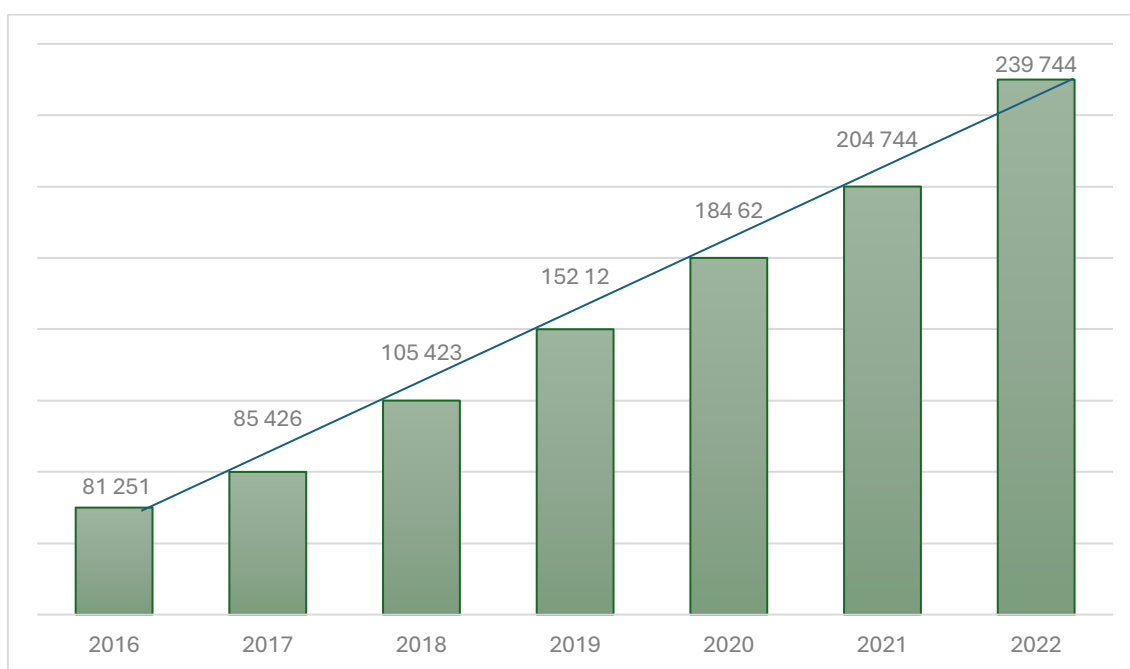
*A migração brasileira, dentro de uma perspectiva portuguesa, é compreensível à luz da experiência colonial. Ou seja, faz parte de um quadro cognitivo que explica e dá sentido à movimentação de pessoas entre Brasil e Portugal. Temos assim, uma «velha» imigração (Machado, 2007, p.2)*

Esta tendência não é, portanto, recente. Em *Migrações internacionais em Portugal*, Maria Baganha e Pedro Góis referem que até ao início do século XXI, o número de imigrantes em Portugal derivava essencialmente do passado colonial. A título de exemplo, no ano de 1999, cerca de 55% da população estrangeira em Portugal tinha origem num país da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) (Baganha et al., 2004).

Num estudo recente, Duval Fernandes, João Peixoto e Andrea Poletto Oltramari (2021) focam-se na análise dos fluxos migratórios de brasileiros para Portugal e definem o período compreendido entre os anos de 1970 – marcados pelo fim da Guerra do Ultramar e independência das colónias portuguesas – e 1990 como a “primeira vaga migratória” entre os dois países. Para os autores, essa movimentação foi crucial pois permitiu a modernização da sociedade e da economia portuguesa uma vez que os cidadãos brasileiros que chegavam a Portugal eram essencialmente mais qualificados e com maior formação académica (Fernandes et al., 2021). Se seguirmos o pensamento de Thais França e Beatriz Padilla, a partir de 2000 dá-se início àquela que é considerada a “segunda vaga migratória”, que se estendeu até à crise financeira de 2008 que afetou grande parte dos países da Zona Euro. Nessa altura, muitos dos brasileiros regressaram ao seu país fazendo com que o número de imigrantes em Portugal diminuísse consideravelmente. Nos anos seguintes, a tendência manteve-se igual uma vez que o período da crise

económica em Portugal coincidiu com o crescimento da economia brasileira. A situação só começa a reverter-se em 2016 quando o Brasil entra numa das maiores crises políticas e económicas dos últimos anos. Esta nova vaga migratória é caracterizada como sendo mais numerosa que as anteriores (França & Padilla, 2018). Abaixo podemos observar um gráfico que exemplifica o aumento considerável de brasileiros em solo português.

**Gráfico 1 – Tendência evolutiva de brasileiros residentes em Portugal**

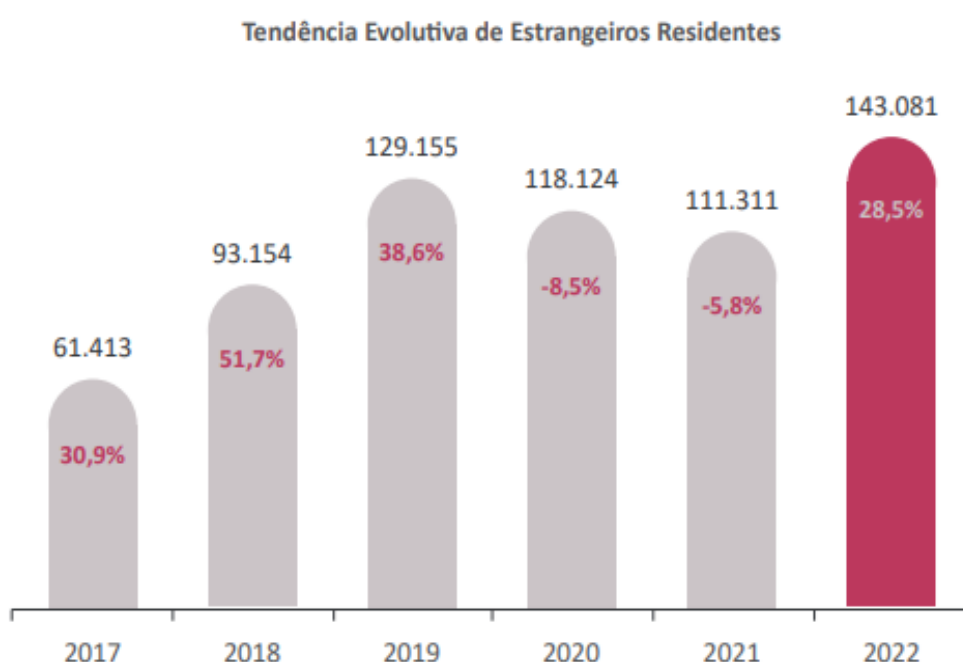


Fonte: elaboração própria com base nos dados disponibilizados pelo Relatório de Imigração Fronteira e Asilo (RIFA)

Este crescimento de brasileiros residentes em Portugal que se fez sentir ao longo dos últimos anos tem sido motivado, em grande parte, pelos acordos bilaterais estabelecidos entre o Brasil e Portugal. As relações entre estes dois países são consideradas prioritárias do ponto de vista da política externa portuguesa. O Brasil ocupa assim uma posição de destaque para Portugal em relação aos restantes países do mundo lusófono (Teixeira, 2010). O vínculo entre as duas potências começou a intensificar-se após a adesão de Portugal à Comunidade Económica Europeia (CEE), em 1986. Os laços históricos, culturais e a língua comum foram extremamente importantes para a aproximação estratégica entre estes dois países.

Se falarmos em números globais, o *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* de 2022 do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) já mencionado acima, demonstra que o fluxo migratório desse ano quebrou a tendência de descida, que ocorria desde 2020, com mais de 143 mil novos títulos emitidos, representando um aumento de 28,5% face ao ano anterior. O gráfico abaixo demonstra essa tendência evolutiva ao longo dos anos:

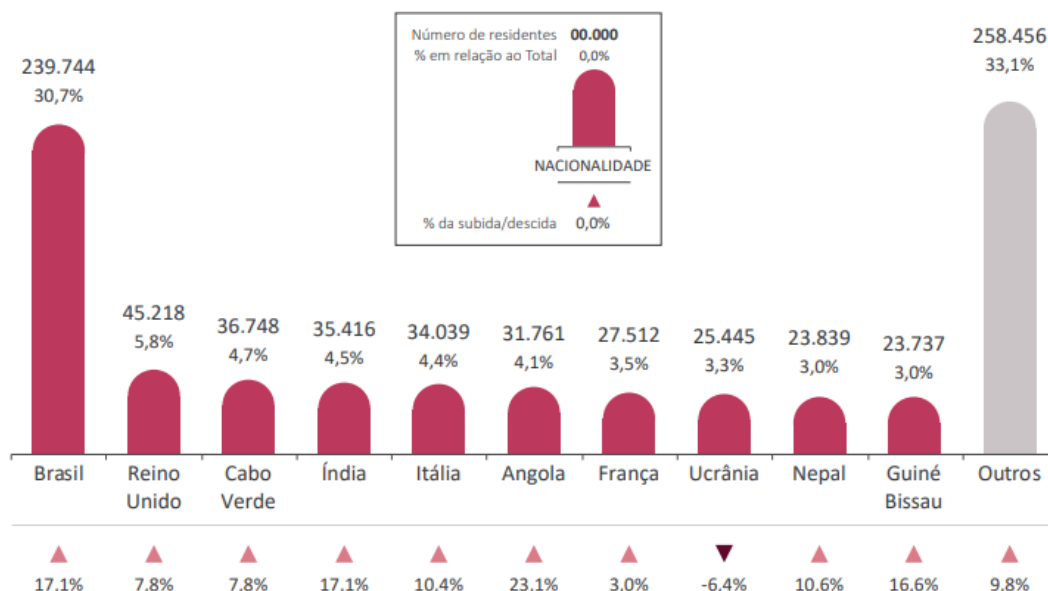
**Gráfico 2** – Tendência evolutiva de estrangeiros residentes em Portugal



Fonte: Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2022) do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)

Ao analisarmos pormenorizadamente o relatório, conseguimos aferir que em 2022 a Roménia e a China saem do grupo das dez nacionalidades mais representativas em Portugal, dando assim lugar a outras comunidades. Vejamos outro gráfico que ilustra os números relativos às nacionalidades dos imigrantes que chegam a Portugal:

**Gráfico 3 – Nacionalidades estrangeiras mais representativas em Portugal**



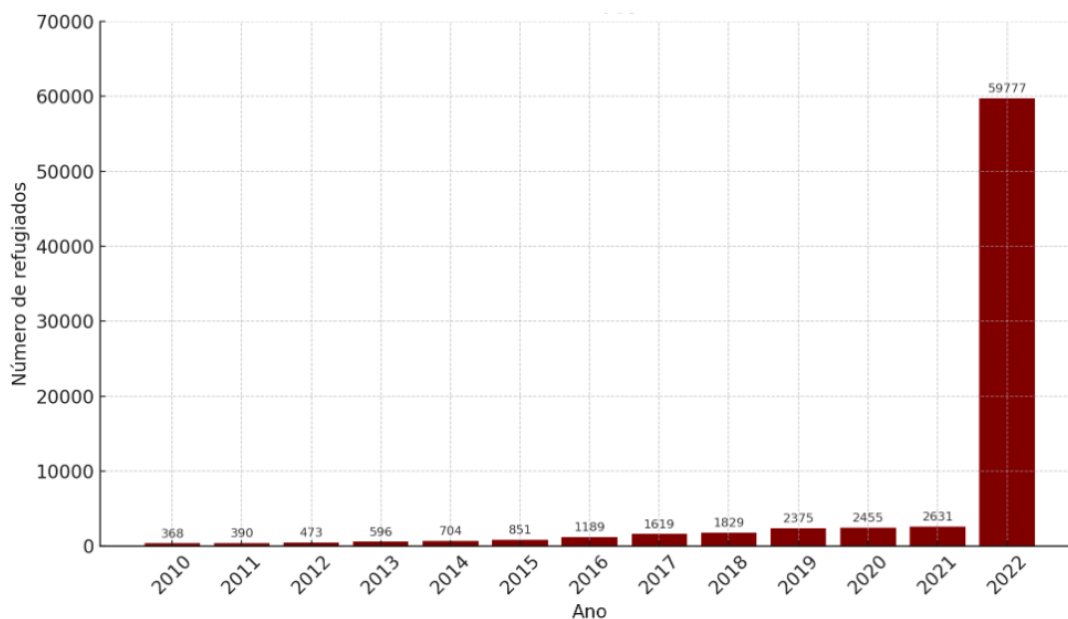
Fonte: Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2022) do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)

O Reino Unido, por sua vez, totalizou os 45 mil 218 residentes em Portugal em 2022, o que se traduz num aumento de 7,8% face ao ano anterior, tornando a comunidade britânica a segunda nacionalidade estrangeira mais representativa em Portugal à data da publicação do relatório. É de salientar que este aumento do fluxo migratório proveniente do Reino Unido não se tem verificado somente em Portugal. Esta é uma tendência que se tem vindo a verificar noutros países da União Europeia, principalmente desde o referendo *Brexit* em 2016.

No caso da Índia, verifica-se a subida de uma posição, passando a ocupar o 4º lugar. Em 2022, a população indiana residente em Portugal aumentou de 30 mil 251 para mais de 34 mil imigrantes, o que significa um aumento de 13% em relação ao ano anterior (SEF, s.d). O número de indianos em solo português foi um dos que mais cresceu no último ano, ultrapassando assim a Itália que desceu para a quinta posição. Em *Comunidades de Imigrantes em Portugal: Perfis e Contextos de Integração*, as autoras Catarina Reis Oliveira e Natália Gomes referem que os indianos procuram imigrar para Portugal devido às oportunidades de emprego, principalmente nos setores da tecnologia da informação, serviços e turismo (Oliveira & Gomes, 2014).

O número de refugiados em todo o mundo também continua a crescer. Atendendo especificamente ao acolhimento de refugiados em Portugal na última década, percebemos que os números atingem valores recorde. Falamos de quase 60 mil refugiados em 2022.

**Gráfico 4** – Evolução do número de refugiados em Portugal (2010 – 2022)



Fonte: Elaboração própria através dos dados disponibilizados pelo ACNUR (s.d)

É de notar que este aumento exponencial se deve à contabilização dos deslocados de guerra da Ucrânia. Ainda assim, o gráfico demonstra que, desde 2010, o número de refugiados tem aumentado de forma ligeira e gradual. O *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* (2022) do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) sublinha que o ano de 2022 fechou com um registo de 25 mil 445 residentes ucranianos em solo português. Os números mais recentes indicam que em 2024, Portugal já recebeu mais de 90 ucranianos desde que a guerra na Ucrânia teve início. Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), só durante o primeiro semestre de 2022 há registo de mais de 7 milhões de passagens de saída na fronteira da Ucrânia. A guerra no país, despoletada a 24 de fevereiro de 2022 pela invasão militar russa, causou uma das maiores crises de deslocamento forçado em todo o mundo. De acordo com o Portal de Dados de Migração Global, gerido pelo Centro de Análise de Dados de Migração Global

da Organização Internacional para as Migrações (OIM), a 7 de junho de 2022 mais de 4 milhões e 800 mil refugiados ucranianos estavam registados em países europeus. Atualmente esse número aumentou para cerca de 8 milhões e os deslocados internos são já mais de 5 milhões (OIM, s.d)

Ainda que os refugiados sírios não estejam nas dez primeiras nacionalidades mais representativas em Portugal de acordo com o relatório do SEF de 2022, é importante abordarmos a realidade deste país do Médio Oriente que tem feito milhões de refugiados por todo o mundo. Os refugiados sírios são vítimas de um conflito armado entre apoiantes e opositores do presidente sírio que dura há 13 anos. Como resposta à crise migratória que começou em 2015, Portugal tem acolhido refugiados sírios ao abrigo de diferentes protocolos internacionais. Em 2018, o Ministro da Defesa Nacional endereçou uma mensagem de boas-vindas aos estudantes sírios refugiados:

*Como recomendado pelas Nações Unidas, o Governo português decidiu – e tem vindo a cumprir esse desígnio – acolher um importante número de refugiados, no âmbito do programa de reinstalação na União Europeia, numa política consequente com os nossos ideais humanistas (...) Portugal vai muito para além de simplesmente os acolher. O nosso país vai, além disso, assegurar que eles têm a adequada – a melhor – preparação académica, científica, tecnológica, intelectual para, um dia, se assim o entenderem, voltarem ao seu país e contribuírem para a sua reconstrução (Ministério da Defesa Nacional, República Portuguesa, 2018).*

De acordo com a ACNUR, em 2022, registaram-se aproximadamente 6 milhões e 700 mil refugiados sírios no mundo inteiro. Se a esse valor somarmos os deslocados internos, o número ascende aos 13 milhões e 500 mil. A maioria dos refugiados estavam distribuídos por países como a Turquia, Líbano, Jordânia, Iraque e Egito (ACNUR, s.d). Portugal tem acompanhado a tendência internacional e tem registado um aumento do número de refugiados sírios em território nacional. O site oficial da ACNUR não disponibiliza valores exatos, mas refere que no último trimestre de 2021 Portugal recebeu 12 refugiados sírios, elevando assim para 830 o total de refugiados acolhidos no país ao abrigo do programa de reinstalação da UE (ACNUR, s.d).

À semelhança dos refugiados sírios, também com pouca presença no território português, estão os refugiados provenientes do Afeganistão. Em agosto de 2021 o grupo islâmico extremista talibã conquistou o poder no Afeganistão, originando conflitos internos e diversas ondas de violência que afetam milhões de afegãos. Na sequência deste acontecimento o número de refugiados afegãos que fogem do país tem aumentado em todo o mundo (ACNUR, s.d). A resposta internacional a este problema tem chegado pelas mãos da Organização das Nações Unidas e das suas várias agências, mas também pela União Europeia e os seus Estados-Membros que oferecem ajuda humanitária e assistência financeira. De acordo com a ACNUR, entre 2015 e 2020, apenas 51 afegãos procuraram, sem estatuto, asilo em Portugal. Nos três anos seguintes, esse valor disparou para 1013, sendo que 711 são do sexo masculino e 680 do sexo feminino (ACNUR, s.d). Esse aumento deveu-se principalmente aos programas internacionais de ajuda da Organização das Nações Unidas e da União Europeia. No site oficial da República Portuguesa é possível ler-se a mensagem do Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros:

*Falamos de pessoas em necessidade de ajuda e acolhimento porque correm manifestamente perigo de vida no seu país, e como tal são protegidas pelo direito internacional humanitário (...) como em tudo é preciso fixar prioridades, os refugiados em fuga a perseguições dos talibãs hão de estar na primeira linha de preocupações, sendo que todos temos o dever, não só moral como legal, de procurar ajudá-los (Ministério dos Negócios Estrangeiros, República Portuguesa, 2021).*

Se falarmos em números globais, o número de refugiados afegãos continua a subir e a ONU estima que quase 1 milhão e meio já tenha fugido do país desde 2021.

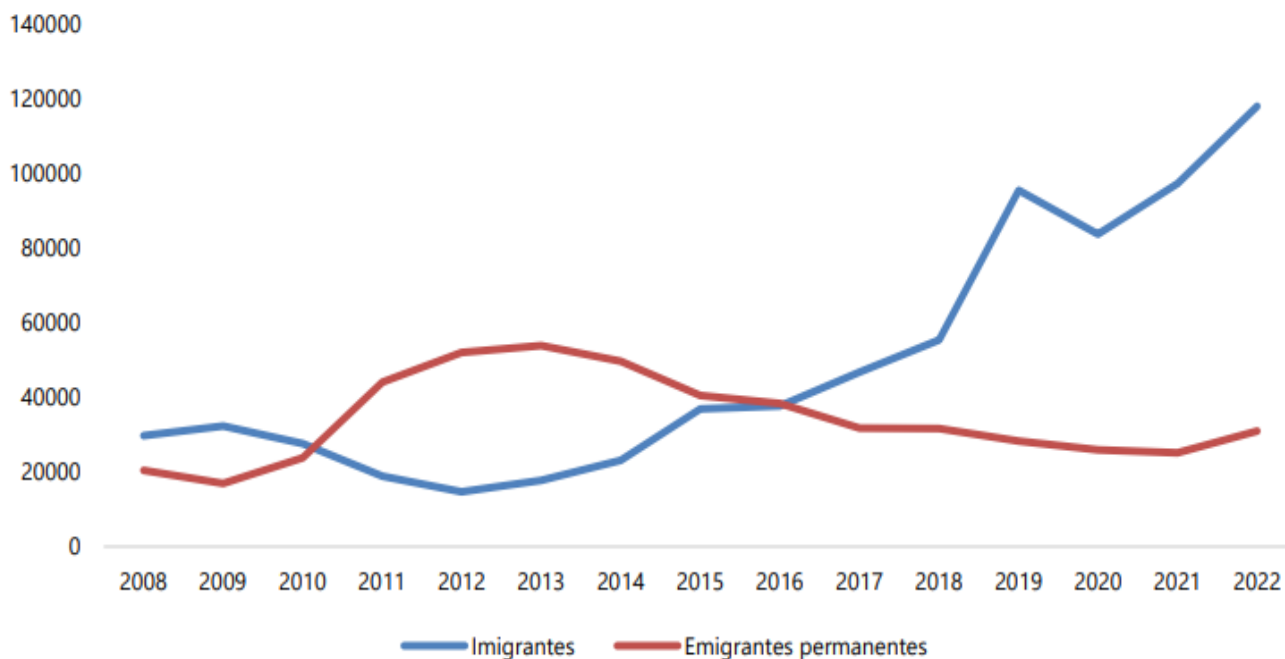
Conforme o *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (2022)* do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), a distribuição geográfica da população estrangeira em 2022 manteve-se em relação a 2021, incidindo sobretudo no litoral, sendo que 65,5% está registada nos distritos de Lisboa, Faro e Setúbal, totalizando 512 mil 141 cidadãos residentes, por oposição a 466 mil 779 ao ano anterior. Também no mesmo relatório são identificados os motivos mais relevantes na concessão de novos títulos de residência em Portugal foram a atividade profissional e o reagrupamento familiar. Só em 2022, a

emissão e a renovação de Títulos de Residência a cidadãos estrangeiros registaram um aumento de 27% face a 2021, retomando assim a tendência de crescimento que se havia verificado até 2020 antes do início da Pandemia Covid-19. Estes dados demonstram que em 10 anos o número de estrangeiros em Portugal duplicou.

Ainda assim, de acordo com um relatório divulgado em dezembro de 2023 pela PORDATA, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, cerca de 76% dos estrangeiros residentes em Portugal são provenientes de países fora da União Europeia. Para além dos brasileiros que, como já foi mencionado anteriormente, são a maior comunidade estrangeira residente em Portugal, também os cabo-verdianos constituem atualmente um dos grupos estrangeiros numericamente mais representativos em solo português, ficando apenas atrás do Brasil e do Reino Unido. Foi por volta de 1950 que os cidadãos de Cabo-Verde começaram a emigrar e a concentrarem-se em Portugal, principalmente motivados pelas oportunidades de educação que o país oferecia às colónias africanas. Portugal tornou-se assim um grande centro de acolhimento para cabo-verdianos, uma realidade que se verifica ainda nos dias de hoje (Anastácio, 2019). Se aos 36 mil 748 cabo-verdianos residentes em Portugal no ano de 2022 somarmos também os angolanos, a sexta nacionalidade mais representativa em território português, e os guineenses, que ocupam a décima posição, os números ascendem aos 92 mil 246 imigrantes provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). De uma forma geral, podemos afirmar que desde a década de 2010 se regista um crescimento da imigração dos PALOP para Portugal de forma significativa. Esse aumento tem sido motivado principalmente pelos laços históricos, culturais e linguísticos entre os países (Goulart, 2015).

O número de imigrantes tem aumentado em Portugal nos últimos anos, chegando mesmo a ultrapassar o número de emigrantes portugueses. Desde 2019 que os imigrantes são três vezes mais os emigrantes, contribuindo assim para saldos migratórios positivos. O gráfico abaixo ilustra precisamente essa evolução ao longo dos anos:

**Gráfico 5** – Evolução do número de emigrantes e imigrantes em Portugal

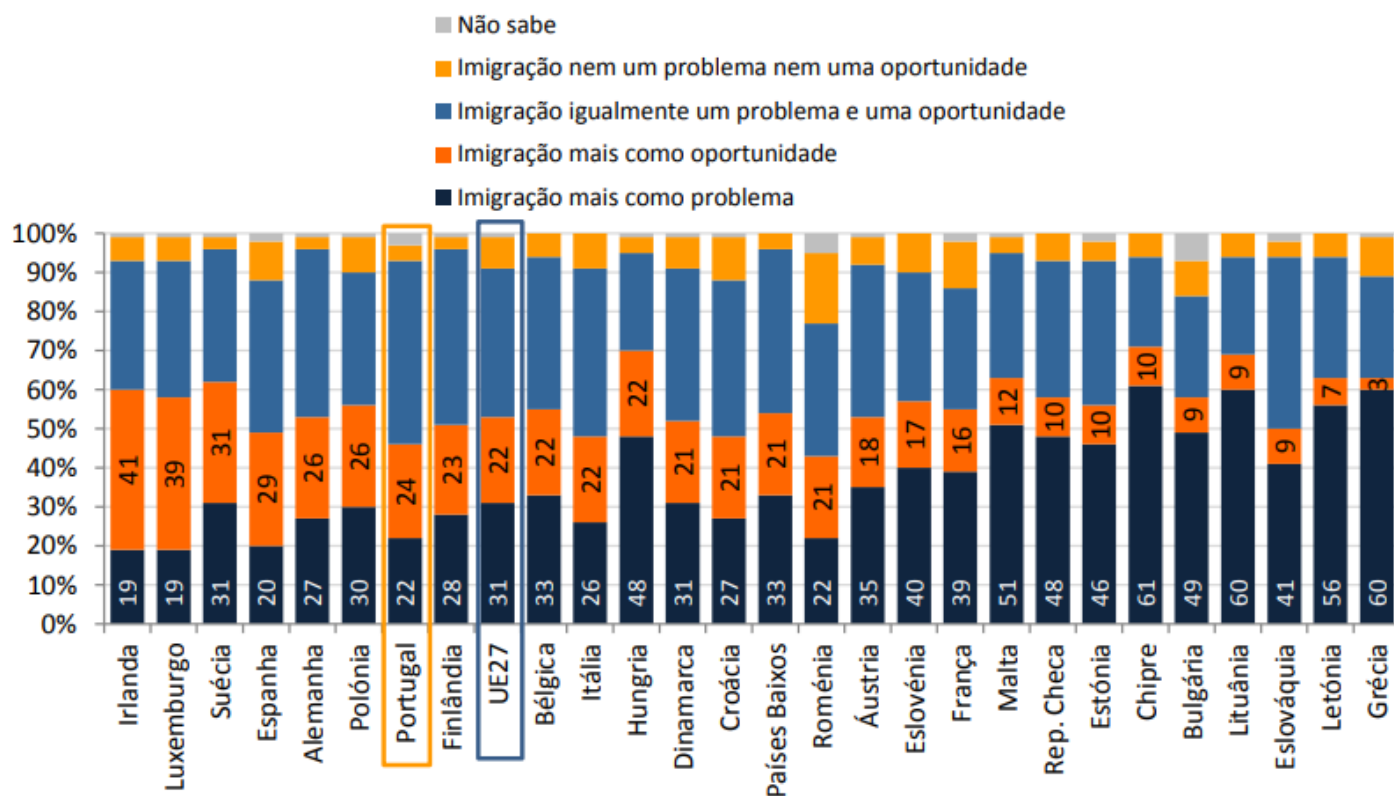


Fonte: INE, PORDATA, 2023

Como é possível observar, entre 2011 e 2016 o saldo migratório português foi negativo uma vez que se registaram mais saídas do que entradas em território português. Este fenómeno foi motivado por uma crise económica e financeira que afetou Portugal e que fez abrandar os fluxos de entrada de pessoas e aumentar os fluxos de saída do país. A partir de 2016 regista-se novamente um saldo migratório positivo com mais entradas do que saídas do território português (PORDATA, 2023).

Tem havido, no entanto, mudanças ao longo dos anos na forma como os portugueses percecionam a chegada dos imigrantes. Após um estudo feito pelo Observatório das Migrações (OM), Portugal é um dos países da União Europeia onde se identifica maior prevalência de inquiridos a considerar a imigração como uma oportunidade. O gráfico abaixo ilustra as diferentes perceções que os cidadãos dos 27 países da União Europeia têm face à imigração.

**Gráfico 6-** Perceção da imigração mais como um problema *versus* como uma oportunidade para o país, no Eurobarómetro Especial 519 (2021) – Observatório das Migrações



Fonte: Relatório Estatístico Anual: *Imigração em Números - Indicadores de Integração de Imigrantes* do Observatório das Migrações (OM)

Através deste gráfico é possível observar que Portugal está inserido no grupo de países da União Europeia onde é mais provável identificar inquiridos que consideram a imigração como uma oportunidade ao invés de um problema. O mesmo acontece em países como a Irlanda, o Luxemburgo e Espanha, por exemplo. No mesmo gráfico conseguimos perceber que em Portugal há uma percentagem considerável (cerca de 44%) de inquiridos que consideram a imigração tanto um problema como uma oportunidade. Depois de olharmos para estes números, e conhecido o ponto de vista dos portugueses, importa também que olhemos para o outro lado. De acordo com um estudo apresentado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2023, mais de 1 milhão e 200 mil pessoas (16,1%) já sofreram discriminação em Portugal. Essa discriminação terá sido mais sentida

por pessoas que se identificam como ciganas (51,3%), negras (44,2%), ou com pertença mista (40,4%). Face a estes dados alarmantes, queremos contribuir para a compreensão da perspetiva dos imigrantes que chegam a Portugal. Quais serão as suas opiniões? Sentir-se-ão bem recebidos e integrados? Como são representados, nomeadamente nos meios de comunicação? Estas são algumas das perguntas que queremos ver respondidas ao longo deste trabalho.

## 4.2 Políticas da representação da Identidade e Diferença nos Media (UE)

Composta por um preâmbulo e trinta artigos, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovada em 1948, reúne num único documento os direitos e as liberdades individuais da população mundial.

*Artigo 1º - Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos (...)*

*Artigo 2º - 1. Todo ser humano tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.*

*2. Não será também feita nenhuma distinção fundada na condição política, jurídica ou internacional do país ou território a que pertença uma pessoa, quer se trate de um território independente, sob tutela, sem governo próprio, quer sujeito a qualquer outra limitação de soberania.*

(Declaração Universal dos Direitos Humanos, Organização das Nações Unidas, 1948)

Portugal, enquanto membro das Nações Unidas e também da União Europeia (UE), tem de cumprir a legislação internacional em vigor, bem como os direitos e as liberdades fundamentais reconhecidos pela Declaração dos Direitos Humanos. A Política de Imigração da União Europeia tem como base jurídica os artigos 79º e 80º do Tratado sobre o Funcionamento da União Europeia (TFUE) e pretende não só a gestão da

imigração regular e a respetiva integração/acolhimento dos imigrantes, como também combater a imigração irregular. No entanto, não existindo uma política imigratória unificada e comum para todos, o princípio de soberania nacional dos Estados prevalece. Isso implica que o Direito Internacional esteja dependente das legislações e das leis nacionais de cada país, permitindo que existam diversas regulamentações em vigor em todo o território europeu (Magalhães, 2022).

A assinatura do acordo Schengen entre a Alemanha, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Luxemburgo e Portugal, permitiu que os cidadãos exteriores à União Europeia circulassem de forma livre dentro destes países. De acordo com José Pedro Pequito, esta forma de integração de política de admissão e controlo “conferiu alguma credibilidade e perceção de capacidade de controlo aos governos. Estes países [Espaço Schengen] continuam recetivos à entrada de imigrantes legais, e ao mesmo tempo, de alguma forma, “porosos” à imigração ilegal.” (Pequito, 2009). Como já foi mencionado anteriormente, cada país legisla e regula a imigração e a respetiva integração dos cidadãos estrangeiros de forma única. Se falarmos concretamente no caso português, têm sido vários os esforços feitos ao longo dos anos no sentido de aproximar a comunidade imigrantes ao país de acolhimento. É possível ler-se no Diário da República:

*As migrações constituem fator de grande relevância para o desenvolvimento social, cultural, demográfico e económico de Portugal. (...) torna-se necessário prosseguir no sentido da sua integração e acolhimento, dando resposta aos novos desafios que se colocam às políticas de imigração. O Plano Nacional de Implementação do Pacto Global das Migrações definiu um conjunto de medidas que permitem desenhar uma resposta nacional em matéria de migrações com o objetivo de capacitar os migrantes e as sociedades para alcançar uma inclusão e coesão social plenas. (Diário da República, Portaria nº 183/2020)*

A criação da Portaria nº 183/2020 permitiu que adultos estrangeiros com idade igual ou superior a 18 anos, cuja língua materna não seja o português, a terem acesso a cursos de Português como Língua de Acolhimento. Esta foi uma das ferramentas implementadas pelo Governo português no sentido de capacitar e de tentar ajudar na

integração dos cidadãos imigrantes. Assim, podemos afirmar que Portugal procura ter uma política migratória inclusiva assente na não-discriminação e na não-violação dos Direitos Humanos. Nesse sentido, Portugal cumpre os princípios e os valores fundamentais de direito internacional que tanto a Organização das Nações Unidas, quanto a União Europeia, exigem dos países-membros: “qualquer política de imigração deve ser construída pelas liberdades fundamentais dos cidadãos, tendo em conta a relação entre segurança interna e os Direitos Humanos” (Cierco, 2017, p. 23).

Posto isto, importa agora salientar a importância atribuída aos meios de comunicação no cumprimento e concretização dos Direitos Humanos numa sociedade democrática. É certo que os media têm um poder simbólico - o da representação - podendo assim desempenhar um papel importante na construção de uma cidadania culturalmente inclusiva (Barbosa, 2012).

*Artigo 9º - O jornalista deve rejeitar o tratamento discriminatório das pessoas em função da ascendência, cor, etnia, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social, idade, sexo, género ou orientação sexual.*

(Novo Código Deontológico dos Jornalistas, 2017)

*Artigo 11º - 1. Qualquer pessoa tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de opinião e a liberdade de receber e de transmitir informações ou ideias, sem que possa haver ingerência de quaisquer poderes públicos e sem consideração de fronteiras.*

*2. São respeitados a liberdade e o pluralismo dos meios de comunicação social.*

(Carta dos Direitos Fundamentais da União Europeia, 2016)

*Artigo 37º - 1. Todos têm o direito de exprimir e divulgar livremente o seu pensamento pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, bem como o direito de informar, de se informar e de ser informados, sem impedimentos, nem discriminações.*

(Constituição da República Portuguesa, 1976)

Os meios de comunicação num estado democrático de direito possuem poder e podem influenciar a opinião pública. É por isso importante que os jornalistas sigam o código deontológico da sua profissão e sejam capazes de cumprir aqueles que são os valores jornalísticos. Os media têm assim uma função de reforço cultural na sociedade uma vez que “tanto podem acentuar as diferenças culturais e étnicas em detrimento da integração e da diversidade, como podem veicular imagens, valores e modelos de uma sociedade mais inclusiva.” (Ferin et al., 2008, p. 25). A cobertura mediática de temas mais sensíveis e complexos – neste caso, imigrantes e refugiados - requer maior cautela e pede que os jornalistas sejam cuidadosos na sua abordagem pois podem provocar efeitos negativos nas comunidades que vivem em contextos mais fragilizados.

Ao assumir cada vez mais uma posição central na sociedade, a televisão tem a capacidade de orientar a atenção do público para temas concretos e de influenciar a apreensão que o indivíduo faz da realidade. A seleção de certas imagens e narrativas por parte de um jornalista no momento da edição de uma peça informativa - que mais tarde será transmitida aos telespetadores - poderá assumir um peso ideológico, social e cultural que permanecerá no tempo. Em *Comunicação e Poder*, Manuel Castells afirma que mais importante do que aquilo que se diz, é a informação estar presente nos meios de comunicação: se ela não for divulgada pelos media, então não existe (Castells, 2011). Através da televisão, o telespetador “não só fica a conhecer um determinado assunto, como também percebe qual a importância a atribuir a esse mesmo assunto, a partir da quantidade de informação transmitida na notícia e da posição por ela ocupada” (McCombs, & Shaw, 2000, p. 47).

Olhemos agora com atenção para algumas das prioridades da União Europeia na questão da representação mediática da imigração. A UE tem vindo a promover várias iniciativas e políticas para assegurar que os migrantes e refugiados são representados de forma justa e inclusiva nos meios de comunicação. No site oficial da Comissão Europeia é possível ler-se:

*O objetivo da Comissão Europeia é identificar maneiras de promover uma cobertura mediática inclusiva na Europa e ajudar a amplificar as próprias narrativas de migrantes e refugiados sobre o seu lugar e papel*

*dentro das sociedades e comunidades europeias* (Comissão Europeia, 2023).

A promoção de uma narrativa que evite estereótipos negativos sobre estes grupos é uma das suas prioridades. Ao invés disso, a União Europeia apoia uma abordagem que enfatize as histórias de sucesso, as contribuições positivas e as experiências humanas dos migrantes e refugiados. A título de exemplo, a Comissão Europeia promove projetos e mecanismos de financiamento como o *Creative Europe* e o *Calls for Proposals* que promovem a diversidade cultural, a inclusão social e a cooperação internacional. Outra política deste organismo internacional é a educação dos jornalistas e dos profissionais de comunicação. A Comissão Europeia tem alertado para a importância de cobrir a migração de forma mais rigorosa e com mais sensibilidade cultural. Para isso, tem promovido iniciativas que visam combater a desinformação. Falamos, por exemplo, de *workshops* de *Fact-checking*, *Media Literacy* e segurança digital. Na lista de prioridades da UE encontramos também o combate às *Fake News* e à desinformação relacionada com a migração. O *European Digital Media Observatory* (EDMO), criado em 2020, foi uma das iniciativas desenvolvidas para melhorar a qualidade da informação *online* e proteger os cidadãos europeus contra a disseminação de notícias falsas e desinformação. A União Europeia defende também a promoção de um discurso positivo que favoreça a integração dos migrantes na sociedade e fá-lo através de campanhas públicas e do apoio a projetos comunitários que promovem a inclusão e o respeito pelos Direitos Humanos do migrantes. Em suma, estas políticas da União Europeia para a representação mediática da imigração visam melhorar a perceção pública sobre os migrantes e refugiados e, de certa forma, apoiar também a sua integração nas sociedades europeias.

Ao longo desta investigação analisamos a forma como os dois canais portugueses de sinal aberto RTP e SIC – este último onde realizei o meu estágio curricular no âmbito do mestrado em Ciências da Comunicação - representam os imigrantes e os refugiados em horário nobre, bem como compreendemos a forma como essa representação pode influenciar a integração desses grupos na sociedade portuguesa. Para isso, precisamos de compreender a representação da identidade e da diferença no contexto da União Europeia onde Portugal se insere. Como já foi mencionado anteriormente, a globalização veio alterar a sociedade como a conhecíamos: não só revolucionou as noções de tempo e espaço, como aproximou e interligou pessoas. As identidades são hoje bastante distintas

e múltiplas, tornando-se imperativa a discussão sobre “a crise da identidade” e a fragmentação do indivíduo pós-moderno. Nos últimos anos, a União Europeia tornou-se um espaço cada vez mais multicultural que incorpora indivíduos de diversas nacionalidades, grupos étnicos, culturais e raciais. Os diferentes tratados que formaram a UE contemplam não só a diversidade dos Estados-Membros, como também toda a pluralidade social e multiculturalismo (De souza & Santos, 2014) A União Europeia, da qual Portugal faz parte, defende a coexistência harmoniosa entre indivíduos de diferentes nacionalidades e culturas, sob uma mesma jurisdição, fazendo com que os mesmo se sintam protegidos e preservados num determinado espaço territorial (De Souza & Santos, 2014).

A próxima seção deste trabalho propõe-se a explorar a cobertura mediática e as narrativas que são construídas sobre imigrantes e refugiados em Portugal, com base na literatura disponível.

### 4.3 Representações mediáticas da diferença e negociações identitárias na investigação em Portugal

Retomando o que já foi dito anteriormente, os media não só refletem a sociedade em que estão inseridos, como também contribuem para a formação e disseminação de valores e opiniões desse mesmo contexto social. A televisão nas sociedades contemporâneas contribui para a difusão de grandes quantidades de informação, dificultando por vezes a reflexão e o pensamento crítico de cada telespetador. Percebe-se assim os meios de comunicação possam ser decisivos na construção social da discriminação. *Em Media, Imigração e Minorias Étnicas*, as autoras Isabel Ferin, Clara Almeida Santos, Maria João Silveirinha e Ana Teresa Peixinho (2004) fazem uma reflexão sobre a natureza do Jornalismo e destacam a importância da relação entre os conceitos de construção da notícia e de agendamento. A conceção de notícia pressupõe que a mesma é um produto cognitivo tanto individual – do jornalista – como coletivo – das diferentes organizações e da sociedade. (Ferin et al., 2004) De acordo com o estudo publicado pelo Observatório da Imigração, as notícias contam histórias e, no caso dos imigrantes e refugiados,

*as estórias (enquadradas interpretativamente de um determinado ângulo, protagonizadas por heróis e vilões e ambientadas em cenários de eleição) constituiriam maioritariamente notícias leves, salientando incidentes e assuntos que têm pouco a ver com questões públicas e que são selecionadas pela sua capacidade de chocar, ou de entreter, distorcendo a perceção que as pessoas têm da realidade. (Ferin et al., 2004, p.27).*

Os estudos sobre o Agendamento sugerem que as notícias assumem determinada forma uma vez que os meios de comunicação têm a capacidade de indicar e influenciar o que devemos pensar e em que contexto considerar os eventos noticiados. Nesse sentido, podemos afirmar que os media conseguem determinar os assuntos a discutir numa sociedade e ajudam também a moldar as interações sociais. A visibilidade conferida a temas como a imigração pode não só “induzir a atenção relativa a itens ou assuntos na cobertura das notícias, como também influenciar a ordem hierárquica da consciência pública dos assuntos e atribuição de significado” (Ferin et al., 2004, p.27). Sobre esta temática, também os autores McCombs e Shaw acrescentam que, ao selecionarem e divulgarem as notícias, os editores, os profissionais da redação e os meios de difusão desempenham um papel importante na configuração da realidade. (McCombs & Shaw, 2000, p. 47).

Em *Media, Imigração e Minorias Étnicas*, as autoras propuseram-se a estudar a forma como as notícias representam os imigrantes e os refugiados e apresentaram a conclusão de que grande parte dessas notícias se referem a expulsões, detenções e criminalidade (Ferin. & Santos, 2006) – o que leva o telespetador comum a compreender e assumir o fenómeno da imigração como uma ameaça (Silveirinha & Castro, 2004). Quem partilha da mesma opinião são os autores de *Media e discriminação: um estudo exploratório do caso português* (2002):

*(...) os media, mais do que reforçar tendências latentes na sociedade, contribuem para a construção social da discriminação étnica, através das saliências temáticas atribuídas às minorias no contexto da violência e do crime. Ao mesmo tempo que dão*

*visibilidade a estas temáticas, os media tendem a apagar os contextos sociais e políticos desses fenómenos, fazendo da exploração das diversas formas de violência (física e simbólica) as imagens de síntese de um grupo em situação de 'ilegitimidade' social (Ferin et al., 2002, p.37).*

A atribuição de rótulos - muitas vezes veiculada pelos media - a certos elementos da sociedade tem sido alvo de investigação por parte dos académicos. Essa é uma tendência que leva a que a população tenda a julgar todo um grupo pelo comportamento que um membro desse mesmo grupo perpetuou. Os imigrantes e os refugiados são assim vítimas de discriminação e são colocados à margem da sociedade, dificultando a sua integração. Felipe Fonseca Vianna (2015) instaura uma discussão sobre este tema e defende que o ser humano é inconscientemente instruído a rotular nas mais variadas situações do seu dia-a-dia, sustentando este comportamento nos preconceitos já pré-definidos pela sociedade.

No caso português, com o crescimento dos fluxos migratórios, registou-se um aumento das notícias sobre imigrantes e refugiados. Em muitos casos, os portugueses têm pouco contacto, ou não têm sequer contacto, com estes grupos e, por isso, constroem uma opinião baseada na informação prestada pelos meios de comunicação, principalmente pela televisão (ERC, 2009). A maioria dos estudos relacionados com a representação dos imigrantes nas notícias em Portugal exploram as informações veiculadas em canais abertos de televisão e na imprensa escrita (Cunha, 2007). Em *Immigration and the Media*, João Carlos Silva e Pedro Góis referem que as investigações conduzidas por académicos até então demonstraram que existe uma tendência para se repetir notícias quando: 1) estas estão relacionadas com o crime, sendo que essas notícias são apresentadas em maior quantidade em relação a outros temas; 2) estas estão relacionadas com a clandestinidades dos migrantes e a exploração da sua força laboral; 3) estas estão relacionadas com a integração dos imigrantes na sociedade portuguesa (Silva. & Góis, 2017). Essa observação feita pelos autores vem demonstrar que, no momento da escolha e tratamento de notícias, há uma tendência para se opte pelas notícias que abordam a violência e a criminalidade ao invés de qualquer outra temática. Esse comportamento por parte dos jornalistas faz com que haja uma associação de padrões de conduta desviantes à comunidade migrante, reforçando assim as opiniões e os sentimentos xenófobos em

relação às pessoas desses grupos (Silva & Góis, 2017). No seu estudo de caso *Brasileiros e ciganos no prime-time português*, Catarina Valdigem levanta uma crítica importante ao alegar que os imigrantes têm falta de voz nas notícias, isto é, não têm espaço mediático para falar sobre as suas experiências e partilhar os seus pontos de vista. Nesse sentido, a representação deste grupo não é feita de forma autêntica e diversificada, contribuindo assim para a manutenção de eventuais preconceitos. Também em *Media e migrações forçadas*, Dora Santos-Silva e Débora Guerreiro (2020) alegam que os imigrantes e refugiados são representados como os outros, sem voz, sem identidade, sem contexto, sem memória e, por isso, sistematicamente desqualificados enquanto fonte de informação credível (Santos-silva & Guerreiro, 2020). Nos casos em que as vozes estão presentes, geralmente são filtradas por uma narrativa que enfatiza a diferença em vez da inclusão (Valdigem, 2005). Não tão comuns são as representações mais equilibradas e humanizadas onde os media exploram histórias de sucesso, integração social ou a riqueza cultural trazida pelos imigrantes (Valdigem, 2005). No caso dos imigrantes brasileiros, por exemplo, há registo de uma elevada percentagem de representação em peças jornalísticas em que os temas predominantes são o crime, a legalização e a prostituição. Além disso, são frequentemente retratados de forma redutora com base em estereótipos sociais e culturais como a hipersexualização ou como trabalhadores em setores de menor qualificação (Valdigem, 2005). No caso dos refugiados, os media tendem a focar-se em narrativas de crise e emergência ao veicularem conteúdos informativos que retratam o sofrimento e as dificuldades extremas que este grupo enfrenta (Ferin, 2002). Essa representação dos refugiados como “vítimas de uma crise” cria “uma perceção reduzida e estigmatizante da realidade” (Ferin, 2002, p. 58) e uma compreensão limitada da complexidade da situação dos refugiados.

A representação mediática da imigração não compreende apenas a perceção que a sociedade tem dos imigrantes e dos refugiados. As imagens e as narrativas veiculadas pelos media causam impactos também na identidade, na autoestima, no comportamento e na integração do indivíduo representado (Valdigem, 2006). De forma a atingirmos o objetivo desta investigação – isto é, compreender a representação da imigração na televisão portuguesa e o respetivo impacto na integração de imigrantes e refugiados - é importante aferirmos a forma como esses grupos se reveem nos media, em especial na televisão. Em *Media and Migration: Constructions of Mobility and Difference* (2019), Russel King e Nancy Wood afirmam que a identidade dos imigrantes não é fixa, mas sim

um processo dinâmico em constante negociação e transformação. Para os autores, as representações mediáticas da imigração tendem a concentrarem-se em características específicas negativas como a pobreza, o crime e a falta de integração (King & Wood, 2019). Essa forma de representação mais depreciativa pode levar os imigrantes a interiorizar os estigmas sociais como verdade, afetando negativamente a sua autoimagem e autoestima (Santos, 2021). Em *Usos dos Media e Identidade: brasileiras num salão de beleza*, Catarina Valdigem aprofunda este tema e estuda como as audiências – neste caso, imigrantes brasileiras - interpretam e respondem às imagens e conteúdos mediáticos. A autora refere que as imigrantes reconhecem que a representação de brasileiras é feita muitas vezes de forma estereotipada e que, por isso, não reflete as suas realidades. O artigo demonstra que os meios de comunicação portugueses reforçam estereótipos negativos ou hipersexualizados das brasileiras. Essas representações têm um impacto direto na identidade das mulheres imigrantes, especialmente no que se refere ao sentido de pertença social e cultural (Valdigem, 2006). A repetição dessas imagens estereotipadas nos media pode afetar negativamente a perceção que algumas mulheres têm do seu valor e do seu papel na sociedade. Em *Imigração e Representações mediáticas: o caso português* (2021), Ana Cristina Santos vai mais além e refere que essas representações podem mesmo contribuir para um sentimento de inferioridade do imigrante e, posteriormente, afetar a sua integração social (Santos, 2021). Ainda assim, Valdigem constatou no seu trabalho que as imigrantes recorrem aos meios de comunicação para manter uma ligação com o Brasil. Essa estratégia é uma prática comum entre imigrantes, através da qual procuram manter a identidade cultural e o sentimento de pertença ao país de origem (Valdigem, 2006). Por outro lado, em 2006 estas imigrantes utilizavam espaços sociais, como o salão de beleza, para discutir essas representações da imigração e trocar experiências sobre a sua condição de imigrante. Isso demonstra que os grupos de imigrantes utilizam os media como uma ferramenta para negociação de identidade, mas também para desafiar narrativas dominantes (Valdigem, 2006). Essa forma de resistência às representações mediáticas é também apontada no estudo de Russel King e Nancy Wood (2019). Os autores afirmam que os imigrantes tentam combater aquilo que é mencionado pelos media tradicionais através de outros meios, como plataformas digitais e redes sociais, para redefinir a narrativa em torno das suas próprias histórias e experiências (King & Wood, 2019).

As discussões teóricas fomentadas a partir das obras de Catarina Valdigem, no início dos anos 2000, e de Ana Cristina Santos, quinze anos mais tarde, revelam-se fundamentais para compreender como os imigrantes se reveem nas imagens televisivas, constituindo assim excelentes alicerces para o desenvolvimento da presente investigação. Enquanto as pesquisas de Valdigem concentram-se maioritariamente nas vivências de imigrantes num contexto onde as representações eram marcadas pela idealização da beleza feminina e por estereótipos associados à nacionalidade brasileira e ao trabalho em salões de beleza, a pesquisa de Santos oferece uma perspetiva complementar, abordando como as representações podem contribuir para um sentimento de inferioridade. Como é possível perceber através dos trabalhos desenvolvidos pelas autoras, a televisão, enquanto meio de comunicação de massa, desempenha um papel crucial na formação de perceções sobre imigrantes e refugiados, bem como na construção das suas identidades e respetiva integração social - e é precisamente sobre esse meio de comunicação que o nosso trabalho incide.

Antes de avançarmos para a próxima secção, e lembrando aquilo que abordámos ao longo do terceiro capítulo, salientamos que o crescimento dos fluxos migratórios, estimulados pela Globalização, levou a um aumento da representação de imigrantes e refugiados nos media portugueses. Dessa forma, é importante perceber o papel que os meios de comunicação desenvolvem na construção das narrativas sobre imigrantes e refugiados. A representação mediática da imigração em Portugal, à luz das políticas da União Europeia, não só revela padrões de cobertura mediática como também reflete e molda perceções sociais e políticas sobre este tema. O que nos propomos a fazer com esta investigação é contribuir com novos dados e novas informações relevantes para o entendimento da cobertura da imigração em Portugal. Para isso, dedicamos a próxima parte do trabalho à análise do conteúdo jornalístico veiculado pelos canais portugueses de sinal aberto Rádio e Televisão de Portugal (RTP) e Sociedade Independente de Comunicação (SIC). Avaliaremos a maneira como estes canais retratam questões relacionadas com a imigração para, posteriormente, percebermos as perspetivas dos imigrantes e dos refugiados quanto a essas representações e tentar aferir como as mesmas condicionam a sua integração na sociedade portuguesa.

## **CAPÍTULO 5: Estudo de caso**

O presente capítulo apresenta a fundamentação metodológica deste trabalho de investigação.

### **5.1 Objetivo e pertinência**

Esta dissertação tem dois objetivos principais. Em primeiro, o objetivo de aferir a forma como dois canais portugueses de sinal aberto – RTP e SIC - representam os imigrantes e refugiados. Pretendemos compreender as imagens que são veiculadas pela televisão portuguesa acerca destes grupos. Em segundo, ambicionamos estudar a forma como essas representações na televisão podem ou não influenciar a integração de imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa.

### **5.2 Questão de investigação**

De forma a conseguir dar resposta ao objetivo já enunciado, estabeleceu-se uma questão de partida – “Como é que os canais de sinal aberto RTP e SIC representam os imigrantes e os refugiados?” – e uma subquestão de investigação – “Como é que a integração destes grupos na sociedade portuguesa vai ser influenciada por tais representações?”

### **5.3 Metodologia**

Definidos os objetivos de investigação, é importante focarmo-nos na escolha de uma metodologia adequada. Só assim será possível retirar conclusões concretas sobre a forma como os imigrantes e os refugiados são representados na televisão portuguesa e a forma como essas representações afetam a integração dos mesmos em Portugal. Optámos por uma metodologia de natureza mista, conciliando a análise quantitativa – análise de conteúdo de notícias da RTP e da SIC – com uma análise qualitativa – através da realização de entrevistas semiestruturadas a imigrantes e refugiados.

Numa primeira instância, pretendíamos realizar a análise de conteúdo nos três canais portugueses de sinal aberto. No entanto, por falta de resposta por parte da TVI, vimo-nos forçados a cingir a nossa investigação apenas à RTP e à SIC. Serão assim apresentados dados de um mês de análise de conteúdo de produto jornalístico da RTP e da SIC. A escolha destes canais justifica-se pelo facto de serem canais abertos, ou seja, não pagos. E, por isso, são canais que mantêm os maiores índices de audiência e valor publicitário (Ferin, 2009). Os programas em análise foram os telejornais de horário nobre – cujas audiências são mais elevadas - que vão para o ar todos os dias às 20h. No caso da RTP, o Telejornal, é apresentado de segunda a sexta-feira por José Rodrigues dos Santos e João Adelino Faria e aos fins-de-semana por António Esteves e Cristina Esteves. No caso da SIC, os rostos da informação do Jornal da Noite são geralmente os jornalistas Rodrigo Guedes de Carvalho, Clara de Sousa e João Moleira. O período de análise compreenderá o mês de março de 2023 pois corresponde à altura em que estagiei no Jornal da Noite da SIC - no âmbito do mestrado de Jornalismo da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica - e acompanhei de perto as notícias apresentadas nesse programa informativo. Esse período demonstrou ser bastante proveitoso e forneceu-me alguns *insights* úteis e curiosos sobre a temática da imigração, para além de ter ficado a conhecer a lógica de *gate-keeping*, agendamento e tematização no serviço noticioso da SIC.

A escolha do método de análise de conteúdo justifica-se pelo facto de ser uma abordagem que permite estudar um corpus vasto e permitir que o investigador mantenha alguma distância em relação a interpretações espontâneas e, em particular, às suas próprias (Quivy & Campenhoudt, 2008). Quando utilizada de forma rigorosa, esta metodologia permite a interpretação de dados (textuais ou visuais) de maneira sistemática e objetiva através da identificação de padrões, temas e significados (Bryman, 2016). A análise de conteúdo já demonstrou ser bastante valiosa e versátil em diferentes pesquisas na área das ciências sociais, nomeadamente na análise de discursos políticos, comunicação organizacional e representações nos meios de comunicação (Seale, 2018) - como é o caso deste trabalho de investigação. Posteriormente à análise de conteúdo de notícias, efetuámos o tratamento estatístico dos dados através do programa *Statistical Package for Social Science (SPSS)*, permitindo-nos assim cruzar variáveis.

Em paralelo à análise de conteúdo, optámos também por realizar entrevistas semiestruturadas a imigrantes e refugiados que nos fornecessem informações e conhecimento acerca da realidade que é a imigração e a respetiva integração destes grupos

na sociedade. A análise qualitativa permite organizar, fornecer estruturas e extrair significados. (Neves, 2020) Este método revela-se vantajoso uma vez que possibilita uma relação entre o mundo e o sujeito (o entrevistado) que não pode ser traduzida em números nem em comparações estatísticas e, por isso, ajuda compreender os significados das relações existentes na sociedade (Neves, 2020). A decisão de utilizar este método prende-se com o facto de querermos também compreender a posição dos imigrantes quanto a este tema. Pretendemos conhecê-los, e aos seus pontos de vista, a um nível mais profundo que só as entrevistas nos permitirão. A criação de um ambiente pacífico e acolhedor proporcionar aos entrevistados algum conforto para que se abram e partilhem os seus sentimentos mais genuínos. Alguns dos principais objetivos das entrevistas passam por avaliar:

- eventuais dificuldades de integração dos imigrantes e refugiados em Portugal;
- a forma como os imigrantes e refugiados se veem representados na televisão portuguesa;
- o valor que os imigrantes e refugiados atribuem aos meios de comunicação portugueses, em específico a televisão.

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas em investigação social (Bisquerra, 1989) e, ao conciliá-la com a análise de conteúdo de notícias, acreditamos que seja possível obter melhores resultados e alcançar uma perspetiva mais holística desta investigação. O trabalho baseia-se na premissa de que, na televisão, existe uma relação triangular entre os dispositivos de produção, os conteúdos veiculados e as apropriações realizadas pelas audiências e públicos (Ferín, 2009). À semelhança do que acontece no estudo de Isabel Ferín (2009), a análise de notícias dos canais de sinal aberto RTP e SIC sobre imigração situa-se ao nível dos dispositivos de produção e dos conteúdos veiculados. Já as entrevistas a imigrantes e refugiados dizem respeito aos estudos de receção (Ferín, 2009).

## 5.4 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

### 5.4.1 Análise quantitativa

A técnica de análise quantitativa pela qual optamos é a análise de conteúdo de notícias. Essa técnica compreende a identificação, categorização e interpretação de temas, padrões e tendências em conteúdos jornalísticos (Krippendorff, 2013). Para este trabalho de investigação em específico, a análise de conteúdo revela-se uma técnica bastante útil pois permite que se exponham vieses, preconceitos e inclinações ideológicas na cobertura jornalística, evidenciando a forma como certos eventos ou grupos são retratados. (Krippendorff, 2013) Além disso, é aplicada sobre material que não foi produzido com o propósito de servir uma investigação (Vala, 1999), neste caso, falamos das notícias veiculadas pelos canais de sinal aberto RTP e SIC que abordam os imigrantes e os refugiados. A análise de conteúdo não só evidencia a frequência com que determinados objetos surgem no material analisado e como surgem, como também permite que se conheça a relação estabelecida entre esses objetos (Krippendorff, 2013). Através desta técnica quantitativa acreditamos que seja possível compreender a imagem que é veiculada pelos meios de comunicação portugueses sobre imigrantes e refugiados.

Neste trabalho de investigação organizámos dezoito variáveis de três formas distintas: quanto à Forma, ao Conteúdo e ao Discurso. No que respeita à Forma, são analisadas as seguintes variáveis:

- **Género jornalístico:** nesta variável são analisadas as categorias de reportagem, notícia, grande reportagem, *OFF* (entendido como uma forma de relato de informação que molda e constrói uma narrativa, sem atribuí-las diretamente a alguma fonte) e *Talking Head* (entendido como segmentos de entrevistas em *close-up*);
- **Duração da peça:** pretende analisar o tempo de duração de cada conteúdo jornalístico;
- **Duração da emissão:** pretende analisar o tempo de duração da emissão jornalística;
- **Dia do mês:** indica o dia do mês de março que está a ser analisado;
- **Dia da semana:** indica o dia da semana que está a ser analisado;

- **Assinatura do profissional:** indica o nome do profissional que desenvolveu o conteúdo jornalístico;
- **Serviço noticioso:** esta variável identifica o programa informativo que está a ser analisado e está dividida nas categorias de Telejornal (RTP) e Jornal da Noite (SIC).

No que diz respeito ao Conteúdo, as variáveis são as seguintes:

- **Temáticas de agenda:** esta variável analisa as categorias de política, economia, sociedade, justiça e segurança, educação, saúde, desporto, ambiente e sustentabilidade, cultura e entretenimento, tecnologia e inovação;
- **Estatuto do sujeito representado:** esta variável está dividida nas categorias de imigrante, refugiado, minoria étnica e exilado;
- **Identidade do sujeito representado:** esta variável refere-se à identidade do sujeito representado e analisa as seguintes categorias - comunidade cigana, comunidade indiana, comunidade afegã, Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), Europa do Leste, Médio Oriente, países árabes, outros;
- **Ocorrência:** descreve o acontecimento que está a ser analisado;
- **Papel do imigrante ou refugiado:** esta variável está dividida nas categorias de protagonista, subordinado, secundário/coadjuvante e figurante;
- **Intervenientes na ação:** esta variável identifica os intervenientes presentes, entre eles, instituições públicas, autoridades judiciais, autoridades policiais, representantes legais, tradutores, associações de apoio a imigrantes/refugiados, familiares e amigos, entidades de saúde e nenhum;
- **Palco da ação:** identifica o local onde se desenrola a ação e está dividida nas categorias: Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Açores, Madeira e Estrangeiro;
- **Tempo de narrativa:** identifica se a narrativa é recente ou de longa duração;
- **Temáticas agregadas:** à semelhança do trabalho de investigação de Isabel Ferin (2009), esta variável está dividida nas categorias de transgressão social, Estado/Governo, sociografia, políticas inclusivas, rotinas dos média.

As variáveis relativas ao Discurso são:

- **Tom e linguagem:** esta variável pretende aferir a forma como o conteúdo jornalístico é apresentado e está dividida nas categorias de positivo, neutro e negativo;
- **Tipo de representação do imigrante ou refugiado:** esta variável refere-se à forma como o sujeito é representado e está dividida nas categorias de imagem (*feeds* e *arquivo*), *voice over*, *banner* e *entrevistado*;

Acreditamos que a análise destas variáveis permitirá atingir os objetivos estipulados para este trabalho de investigação. Através dessa análise iremos perceber como é que os media constroem e apresentam as informações sobre a imigração, podendo influenciar a perceção do público. Ao estudarmos estas variáveis, compreenderemos melhor o poder dos media na formação de opinião, na construção de realidades sociais e na influência sobre o comportamento das pessoas.

#### 5.4.2 Análise qualitativa

Como já foi mencionado anteriormente, este estudo também adota uma abordagem qualitativa. Optámos por realizar entrevistas a imigrantes e refugiados de forma a explorar as perceções e experiências destes grupos em relação à sua representação nos meios de comunicação portugueses. A escolha deste método justifica-se pela necessidade de obter uma compreensão aprofundada e contextualizada das narrativas, dos sentimentos e dos pontos de vista dos imigrantes e refugiados. Optámos por realizar entrevistas semiestruturadas pois esse tipo de entrevista permite que se explore de forma mais aprofundada o tema de interesse. De acordo com Bryman (2016), a técnica é eficaz para explorar perceções, experiências e significados que os entrevistados atribuem a fenómenos específicos. (Bryman, 2016) As entrevistas semiestruturadas são norteadas por um conjunto de perguntas pré-definidas pelo entrevistador, mas permite também que se explorem tópicos que possam surgir durante a conversa. (Patton, 2002) O entrevistador e o entrevistado não estão, portanto, limitados estritamente às perguntas iniciais, conferindo maior flexibilidade. Além disso, esta técnica também permite que a conversa seja fluída e aconteça de forma natural, o que estabelece uma relação de confiança entre as duas partes (Minayo, 2008). De forma a facilitar o processo de recolha de informação,

recorremos à gravação das entrevistas. Este procedimento faz com que consigamos recolher o registo oral dos interlocutores sem que se perca informação (Ribeiro, 2003).

As entrevistas decorreram entre os dias 18 de julho de 2024 e 31 de julho de 2024, de forma presencial e através de plataformas digitais. As novas tecnologias, nomeadamente o computador e a plataforma ZOOM, tornaram possível o contacto com imigrantes e refugiados que se encontravam em diferentes pontos do país – Lisboa, Porto e Algarve. As entrevistas realizadas presencialmente tiveram lugar na Universidade Católica Portuguesa de Lisboa. Numa primeira instância, adotámos uma amostragem por conveniência uma vez que entrevistámos membros da Plataforma de Apoio aos Refugiados, um programa de acolhimento de estudantes refugiados da Universidade Católica Portuguesa. É de salientar o contributo da Professora Inês Espada Vieira, docente da Universidade Católica e membro da Comissão Executiva dessa plataforma, que articulou e permitiu o contacto célere entre entrevistador e entrevistados. Por considerarmos a amostra reduzida, numa segunda instância, sentimos a necessidade de contactar novos entrevistados. Para isso, recorremos ao contacto por intermédio dos refugiados já entrevistados, sendo essa uma amostragem por bola de neve. Este tipo de amostragem revelou-se uma estratégia útil e eficaz uma vez que estamos a trabalhar com populações que não são facilmente acessíveis. Uma das limitações na realização desta investigação foi precisamente a dificuldade em encontrar imigrantes e refugiados que se sentissem confortáveis a falar sobre este tema, ainda que garantíssemos o total anonimato. Estabelecemos contacto com diferentes associações de apoio a imigrantes e refugiados, mas nenhuma instituição nos conseguiu auxiliar nesse sentido. Todas as entrevistas decorreram de forma serena e organizada, com a presença somente do entrevistador e do entrevistado. Alguns dos entrevistados optaram por falar em inglês de forma a se conseguirem expressar melhor. Essas entrevistas foram posteriormente traduzidas para português. Durante as duas semanas de entrevistas foi possível reunir mais de uma dezena de testemunhos de imigrantes e refugiados. No entanto, face à adversidade de alguns dos entrevistados não verem televisão nem assistirem notícias e, por isso, fornecerem poucos dados para a investigação, optámos por excluí-los da amostra. Dessa forma, este trabalho de investigação totaliza oito entrevistas a imigrantes e refugiados que veem notícias de forma regular e que são capazes de partilhar ideias quanto à sua representação na televisão portuguesa – fornecendo assim material empírico para responder à problemática de partida. A nossa amostra é então composta por cinco imigrantes provenientes da Ucrânia,

Brasil e França, e três refugiados com nacionalidades iraniana, paquistanesa e síria. Os primeiros justificaram a migração por motivos profissionais ou pela procura de melhores condições de vida, enquanto os segundos relataram que fogem de conflitos armados nos seus países de origem. No que diz respeito à proficiência linguística, observámos que os imigrantes dominam o português, tendo as entrevistas sido realizadas em português. Já os refugiados demonstraram algum desconforto e solicitaram que as entrevistas fossem conduzidas a inglês. No caso dos refugiados, destacamos o reduzido tempo de permanência em Portugal como a principal razão para o fraco domínio da língua portuguesa. Os entrevistados estão inseridos em diferentes faixas etárias, sendo que as idades estão compreendidas entre os 22 e os 67 anos. A nossa amostra é composta por seis mulheres – quatro imigrantes e duas refugiadas - e 2 homens – um imigrante e um refugiado - com diferentes níveis de escolaridade (ensino secundário, licenciatura, mestrado e doutoramento). Os entrevistados têm em comum a experiência de adaptação à cultura portuguesa, com diferentes testemunhos sobre as dificuldades e oportunidades encontradas num novo país. A diversidade das suas histórias contribui para uma compreensão mais ampla da representação mediática da migração e da integração social de imigrantes e refugiados em Portugal. Optámos por realizar uma análise temática das entrevistas nos seguintes moldes:

- Transcrição do material de forma completa para que houvesse uma familiarização com o conteúdo e contexto;
- Implementação de uma abordagem indutiva através da qual começámos a codificação das informações sem preconceitos, permitindo que os temas emergissem naturalmente dos dados em vez de impor categorias pré-existentes;
- Identificação, agrupamento e formulação de temas que representassem as ideias centrais desta investigação e que permitissem dar resposta às questões de partida.

Foi elaborado um guião de entrevista com 13 perguntas pré-estabelecidas sobre o tema em questão que visava aferir e explorar os conhecimentos e experiências de cada um dos entrevistados. No decorrer desse processo, e por se tratar de entrevistas

semiestruturadas, surgiram, em alguns momentos, outras questões pertinentes que contribuíram com dados relevantes para a análise e conclusão deste trabalho. O guião revelou-se uma ferramenta extremamente importante uma vez que serviu de linha orientadora para as entrevistas, evitando desvios que possam distanciar a discussão do tema principal e dos objetivos de pesquisa, facilitando a exploração de diferentes perspectivas e assegurando a consistência nas perguntas. Os principais objetivos do guião de entrevista foram investigar a perceção dos entrevistados sobre a representação mediática de imigrantes e refugiados, identificando eventuais estereótipos e padrões narrativos, explorar o impacto da cobertura mediática na formação de opinião pública, avaliar o papel dos meios de comunicação na integração social dos participantes e analisar as experiências pessoais e profissionais de imigrantes e refugiados em Portugal. Para dar resposta à nossa questão e subquestão de partida, procurámos aferir a regularidade com que estes grupos assistem notícias, a frequência e o tom com que são noticiados nos canais portugueses, o impacto dessas representações na integração social de imigrantes e refugiados, bem como o papel e os efeitos da cobertura mediática da migração na opinião pública, por exemplo.

## **CAPÍTULO 6: Análise e discussão de resultados**

Tendo em conta os objetivos e as questões de investigação do presente estudo, pretendemos agora expor e analisar os dados obtidos através da análise de conteúdo de notícias e das entrevistas aos imigrantes e refugiados que se encontram a viver em Portugal.

### **6.1 Análise de notícias**

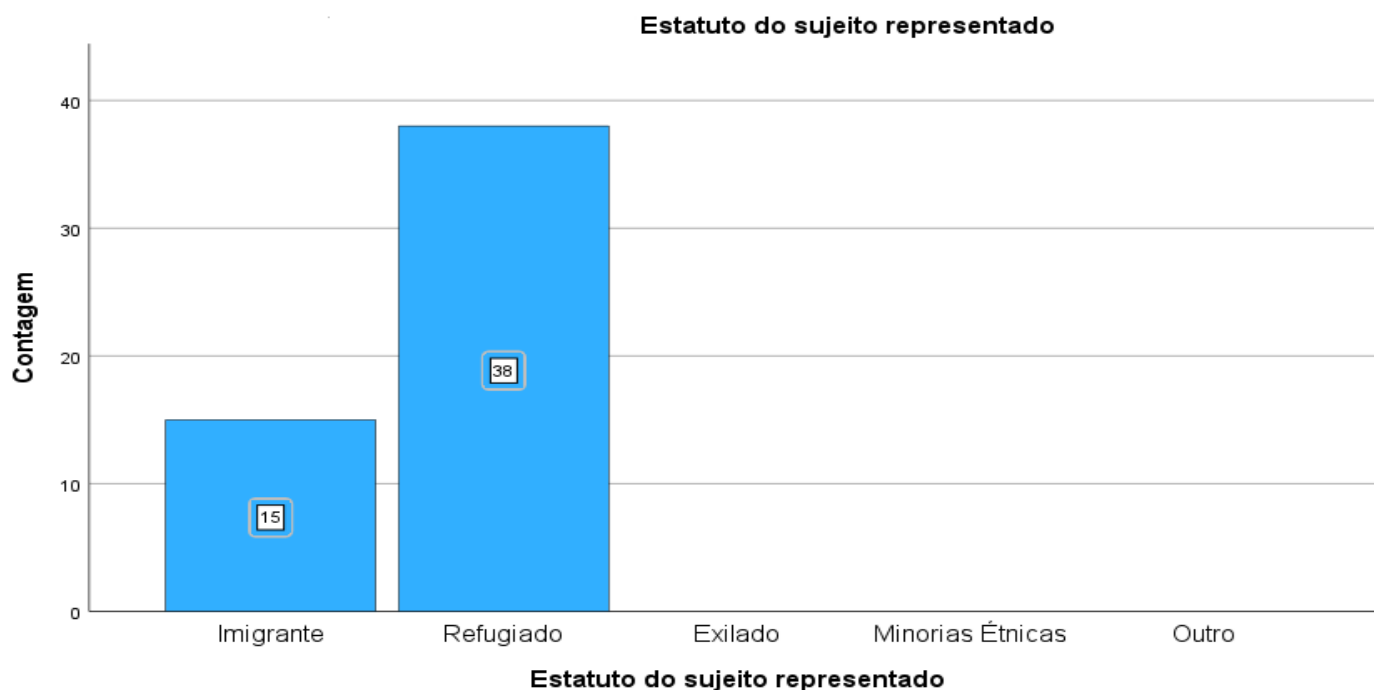
O estudo dos dados inicia-se pela abordagem quantitativa, com utilização das variáveis de análise descritas no ponto 5.4.1.

#### **a) Variável: Estatuto do sujeito representado**

O universo temporal deste estudo deu-se entre os dias 1 de março de 2023 e 31 de março de 2023 e compreende uma análise dos conteúdos informativos veiculados pelos canais portugueses de sinal aberto RTP e SIC, mais especificamente pelo Telejornal e Jornal da Noite, transmitidos em horário nobre. Durante esse período, analisámos cerca de 47 horas de conteúdo jornalístico, sendo que só a SIC foi responsável por uma transmissão de mais de 30 horas. Dos conteúdos jornalísticos veiculados pelos dois canais, verificámos que 53 abordavam a temática da imigração, o que corresponde a um total de 1 hora e 20 minutos.

Numa primeira análise, focámo-nos em compreender que tipo de sujeitos são representados com maior frequência na televisão portuguesa. Essa análise serviu de fio condutor para a elaboração deste trabalho de investigação uma vez que nos indicou que grupos seriam objetos de estudo desta pesquisa. O gráfico de barras abaixo demonstra como os imigrantes e os refugiados foram os únicos sujeitos representados durante o período de análise estipulado, observando-se uma predominância de narrativas que refletem preocupações sociais atuais.

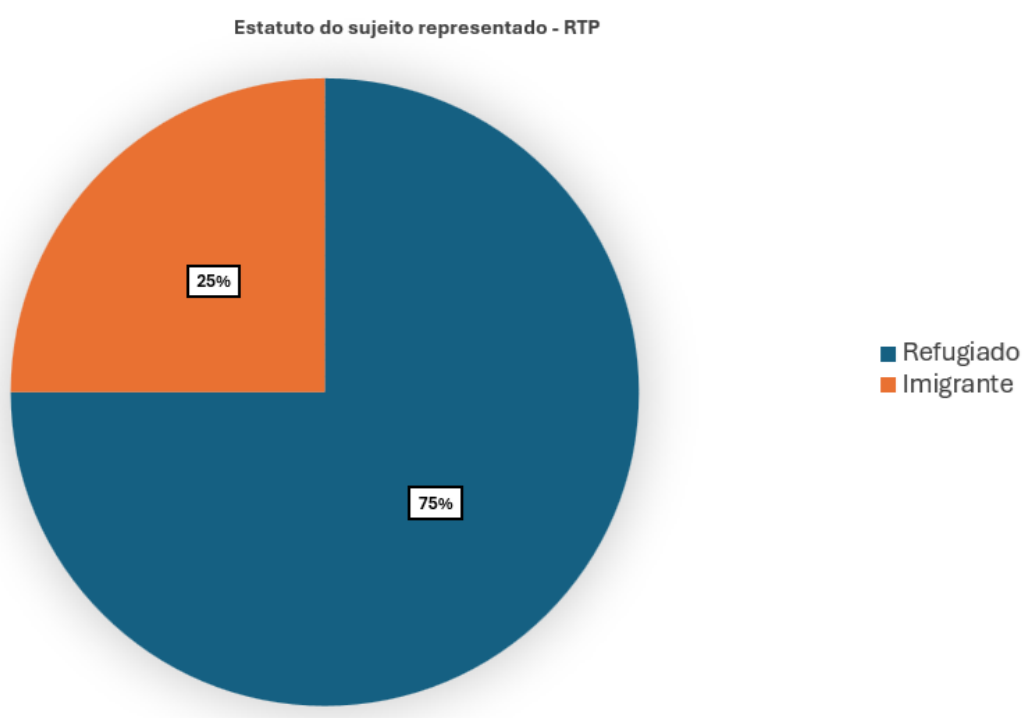
**Gráfico 7-** Estatuto do sujeito representado no Telejornal e Jornal da Noite



Tal como é possível observar no gráfico, apenas os imigrantes e os refugiados tiveram representação na televisão portuguesa durante o mês de março de 2023. Dos mais de 50 conteúdos veiculados pelo Telejornal da RTP e pelo Jornal da Noite da SIC, 15 dizem respeito a imigrantes. Ainda assim, o sujeito mais representado é o refugiado, surgindo em 38 conteúdos informativos ao longo da nossa análise. Essa representatividade do refugiado justifica-se, em grande parte, pelo número de conteúdos alusivos ao ataque ao Centro Ismaili de Lisboa a 28 de março de 2023. Para além disso, também as crises humanitárias e os conflitos armados em países como a Síria, o Afeganistão e a Ucrânia nos últimos anos podem explicar a frequência com que o sujeito refugiado é mencionado na televisão portuguesa. A título de exemplo, durante o período analisado, registámos conteúdo informativo sobre as travessias de refugiados sírios e afegãos no Mar Mediterrâneo, que comportam riscos como naufrágios, condições climáticas adversas e diversos tipos de tráfico e exploração. No caso dos refugiados ucranianos, foram maioritariamente referência a histórias de vida e de superação.

Propusemo-nos também a compreender a representação do sujeito “imigrante” e do sujeito “refugiado” por canal. Para isso, elaborámos um gráfico circular que facilita a interpretação dos dados: 75% dos conteúdos informativos transmitidos pelo Telejornal da RTP dizem respeito a refugiados, enquanto os imigrantes tiveram uma representação de 25%. Vejamos o gráfico abaixo:

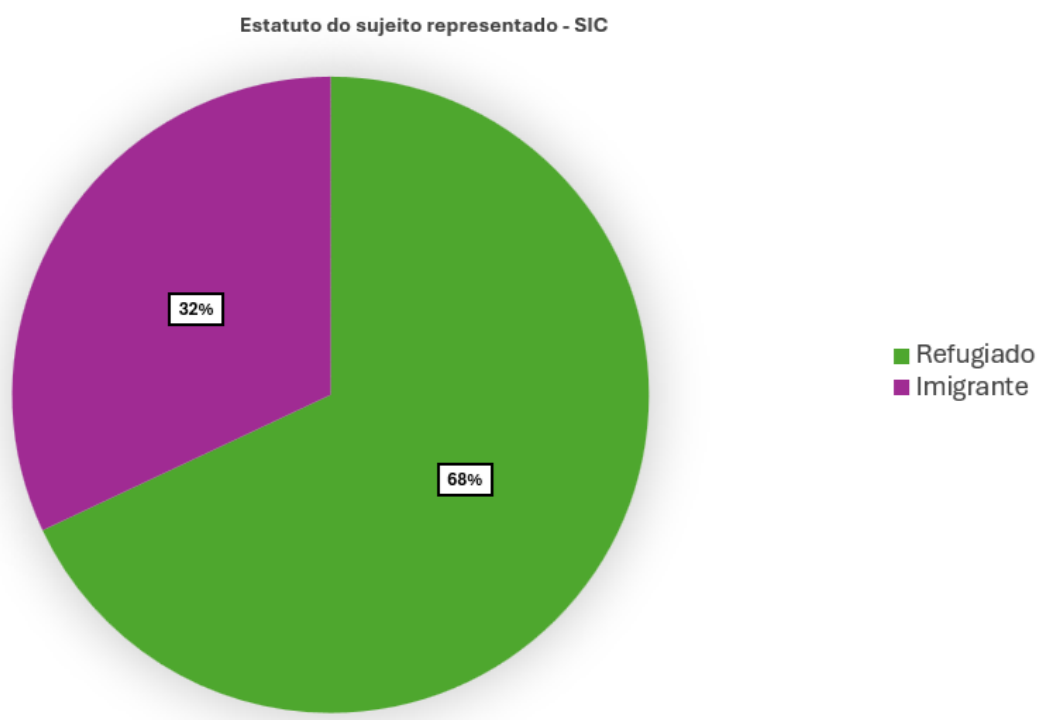
**Gráfico 8** – Estatuto do sujeito representado por canal – Telejornal da RTP



Isto significa que, dos 53 conteúdos informativos veiculados pelos dois canais, 28 foram transmitidos pela RTP. Desses 28 conteúdos, 21 tinham como sujeito representado o refugiado, e os outros sete, o imigrante.

Se fizermos a mesma análise para a SIC, observamos os seguintes dados: 68% dos conteúdos informativos veiculados pelo canal têm como sujeito representado o refugiado. O imigrante é sujeito representado em 32% dos conteúdos transmitidos pelo Jornal da Noite da SIC, como ilustra o gráfico:

**Gráfico 9** - Estatuto do sujeito representado por canal – Jornal da Noite da SIC

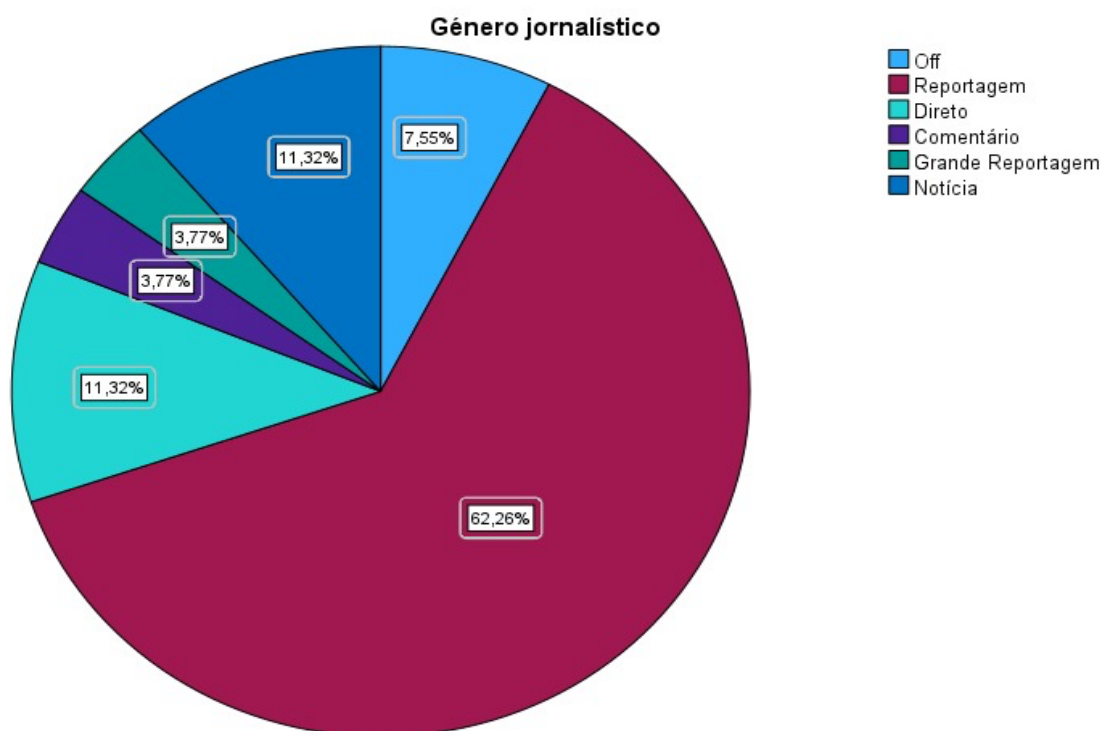


Por outras palavras, do universo de 53 conteúdos informativos analisados referentes à nossa temática de estudo, 25 foram veiculados pelo Jornal da Noite (SIC), sendo que 17 têm como sujeito representado o refugiado, e os outros oito, o imigrante. Estes dados demonstram que, em ambos os canais, o sujeito mais representado foi o refugiado.

### **b) Variável: Género jornalístico**

De seguida, pretendemos compreender qual o género jornalístico mais apresentado pelos dois canais. Como é possível observar no gráfico abaixo, a reportagem é o género jornalístico mais utilizado.

**Gráfico 10** – Géneros jornalísticos apresentados pelo Telejornal e Jornal da Noite



Mais de 62% dos conteúdos informativos apresentados pelos dois canais durante o mês de março de 2023 são reportagens. Ou seja, num universo de 53 conteúdos informativos, 33 são reportagens. Nota-se assim uma clara predominância desse género jornalístico face aos demais. Em segundo lugar, com apenas 11,32%, encontramos o direto e a notícia. A notícia diferencia-se da reportagem uma vez que a primeira é geralmente mais curta, não recorre a entrevistas ou testemunhos e utiliza apenas imagens de arquivo ou de agências de notícias estrangeiras. Num universo de 53 conteúdos informativos, seis são direto e outros seis são notícia. A nossa análise permitiu-nos observar que ambos os serviços noticiosos apenas recorreram ao género jornalístico direto aquando do ataque ao Centro Ismaili de Lisboa. O ataque, ocorrido na manhã de 28 de março de 2023, foi executado por um refugiado afegão e fez duas vítimas mortais e um ferido ligeiro. Tanto o Telejornal como o Jornal da Noite apenas exploraram a temática da imigração através do direto quando se deu este ataque mortal em Lisboa. Ambos os canais abriram as emissões de horário nobre fazendo referência ao ataque. O género jornalístico *OFF* representa 7,55% do universo de conteúdos informativos apresentados durante este mês. As menores fatias são ocupadas pelos géneros jornalísticos grande

reportagem e comentário, que registam apenas 3,77%. A tabela abaixo deixa expressa de forma pormenorizada a relação entre o género jornalístico e o serviço noticioso.

**Tabela 1-** Relação entre género jornalístico e serviço noticioso

		Género jornalístico						Total	
		Off	Reportagem	Direto	Comentário	Grande Reportagem	Notícia	Total	
Serviço noticioso	Telejornal	Contagem	4	18	4	2	0	0	28
		% do Total	7,5%	34,0%	7,5%	3,8%	0,0%	0,0%	52,8%
	Jornal da Noite	Contagem	0	15	2	0	2	6	25
		% do Total	0,0%	28,3%	3,8%	0,0%	3,8%	11,3%	47,2%
Total	Contagem	4	33	6	2	2	6	53	
	% do Total	7,5%	62,3%	11,3%	3,8%	3,8%	11,3%	100,0%	

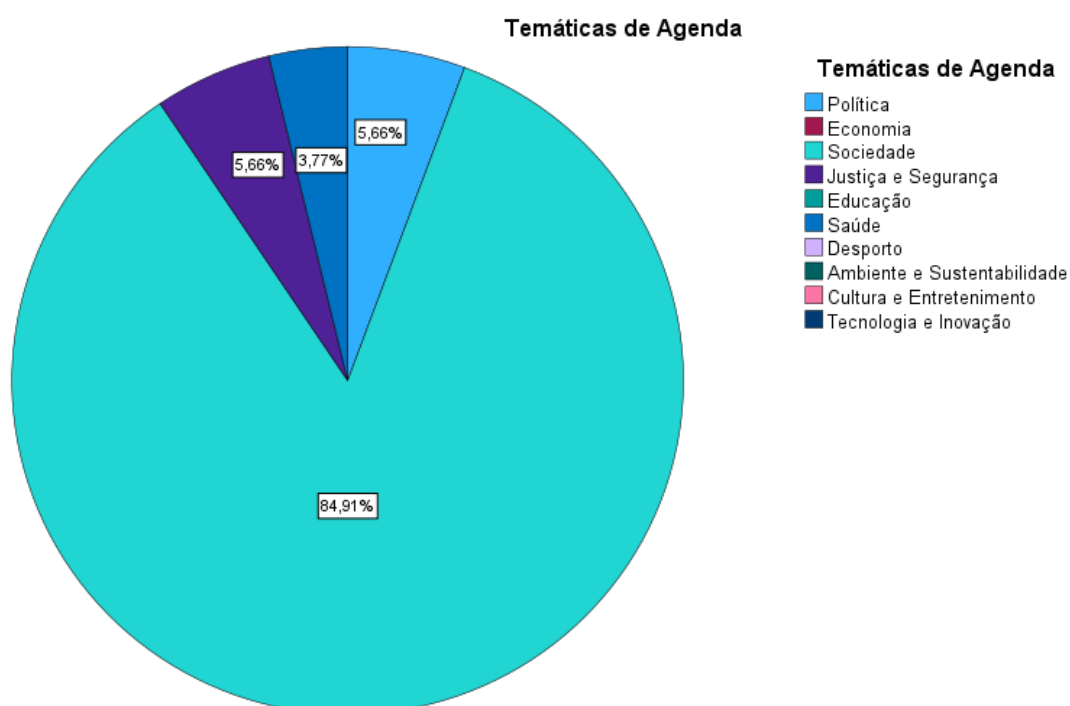
Conseguimos observar que em ambos os serviços noticiosos a reportagem é o género jornalístico mais utilizado. John Hohenberg destaca esse género jornalístico pela sua profundidade bem como pela sua análise crítica dos eventos. De acordo com o autor, a reportagem permite uma cobertura mais completa e detalhada, contrastando por exemplo com o formato mais curto e imediato da notícia (Hohenberg, 1976). A mesma tabela permite-nos também verificar que apenas o Telejornal da RTP apostou, durante o mês de março de 2023, em géneros jornalísticos como o *OFF* e o comentário. Os dois espaços de comentário proporcionados pela RTP foram dedicados ao ataque ao Centro Ismaili. Já a grande reportagem e a notícia foram apenas apostas do Jornal da Noite da SIC durante o mesmo período.

Através da tabela observamos também outro dado importante para a nossa investigação. O Telejornal da RTP registou mais reportagens (18) referentes a esta temática que o Jornal da Noite (15). A RTP, enquanto canal público, tem a responsabilidade de servir o interesse público e, por isso, fazer uma cobertura mediática abrangente sobre este tipo de questões sociais. O género jornalístico “reportagem” está alinhado com a missão do canal, que não se limita a informar, mas também a promover o debate público, permitindo que diferentes vozes e perspetivas sejam ouvidas. Por outro lado, a missão da SIC é mais voltada para objetivos comerciais, o que pode levar a que o canal não aborde as questões sociais da mesma maneira. A concorrência de outros canais privados portugueses pode influenciar a programação do Jornal da Noite da SIC, levando o canal a explorar outros tipos de conteúdos que incrementem maior audiência.

### c) Variável: Temáticas de Agenda

Neste estudo, torna-se também relevante aferir as temáticas de agenda associadas aos imigrantes e refugiados. Elaborámos um gráfico circular que demonstra a percentagem de cada uma das temáticas.

**Gráfico 11-** Temáticas de Agenda apresentadas pelo Telejornal e Jornal da Noite

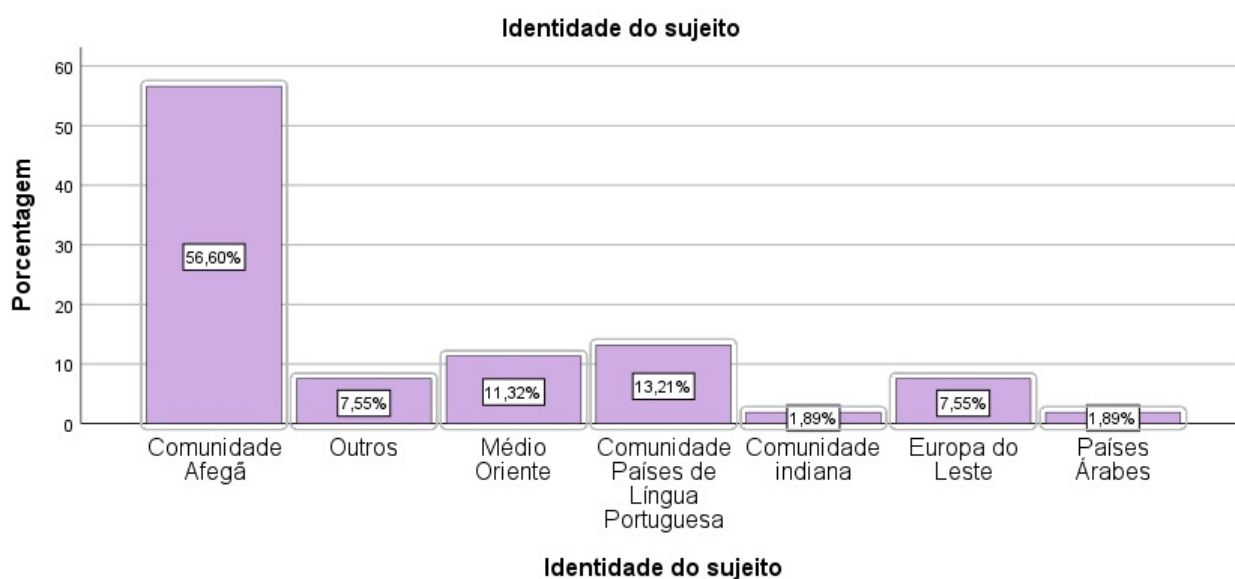


Quase 85% dos conteúdos informativos sobre imigrantes e refugiados insere-se na temática de sociedade uma vez que abordam questões relacionadas com a integração destes grupos, bem como a diversidade cultural e os desafios associados à convivência de diferentes comunidades. As temáticas de política e justiça e segurança ocupam a segunda posição com 5,66%. Estes dados estão associados essencialmente à implementação da lei de combate à imigração ilegal no Reino Unido e a novas acusações no caso da morte de Ihor Homeniuk. A saúde é a temática de agenda que ocupa a porção mais reduzida. Durante o mês de março de 2023 nenhum dos canais apresentou qualquer conteúdo informativo que se inserisse nas temáticas de agenda de economia, educação, desporto, ambiente e sustentabilidade, cultura e entretenimento e tecnologia e inovação.

#### d) Variável: Identidade do sujeito representado

Cabe-nos agora analisar as nacionalidades que mais prevalecem na televisão portuguesa (serviços noticiosos do horário nobre da RTP e SIC) durante o período em análise.

**Gráfico 12-** Identidade do sujeito representado no Telejornal e Jornal da Noite



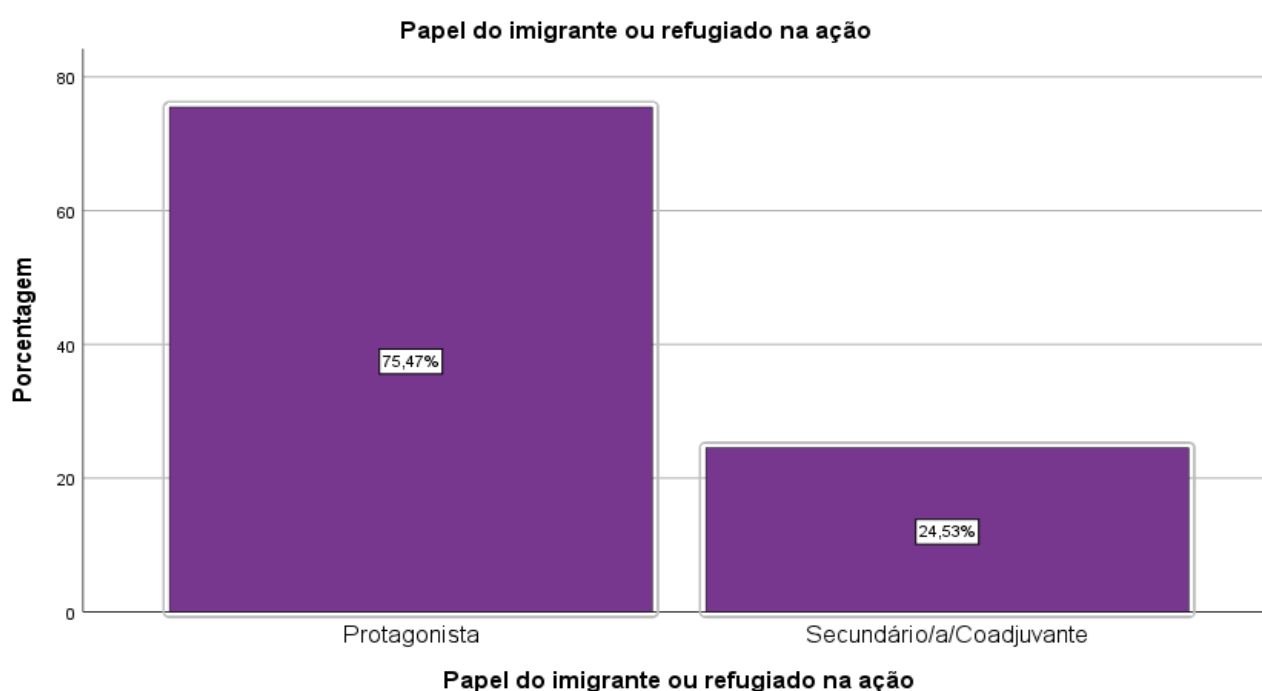
A comunidade afegã é a que tem maior visibilidade na televisão portuguesa. A representação dessa comunidade, que ultrapassa os 56%, é motivada essencialmente pelo ataque do refugiado afegão Abdul Bashir ao centro ismaili, em Lisboa. O acontecimento, que ocorreu a 28 de março de 2023, levou a um aumento do número de peças que abordam a nacionalidade afegã, tornando essa comunidade mais visível nos dias que se sucederam ao ataque. Para compreendermos melhor a cobertura desse acontecimento, optámos por representar a comunidade afegã de forma individual ao invés de a agrupar com os restantes países do Médio Oriente. O ataque ao centro motivou os dois canais a não só cobrirem o acontecimento, como também a desenvolverem outras peças focadas, por exemplo, na comunidade afegã em Portugal, na saúde psicológica e emocional dos refugiados. A segunda comunidade com maior representação na televisão portuguesa é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), com 13,21%. Face à fraca representatividade da nacionalidade brasileira, com apenas um (1) conteúdo informativo durante o período analisado – o que não está em consonância com a realidade demográfica

dos brasileiros imigrantes em Portugal - optámos por criar o código “Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa”, ao invés de representar os brasileiros de forma individual. Algumas das peças jornalísticas que abordam esta comunidade dizem respeito a imigrantes/refugiados desalojados em Portugal ou a viver em condições precárias e a protestos contra despejos. A seguir, encontramos outras nacionalidades provenientes do Médio Oriente, nomeadamente refugiados que fogem da guerra na Síria. Os países do Médio Oriente, excluindo a comunidade afegã por razões já enunciadas, atingem uma representação de 11,32%. Em março de 2023 a Europa do Leste também tem uma representação considerável, de 7,55%, motivada essencialmente pelo número de peças alusivas à invasão russa à Ucrânia e aos refugiados ucranianos. As comunidades com menos representação foram os países árabes (1,89%) e a comunidade indiana (1,89%).

### e) Variável: Papel do imigrante ou refugiado

Ao longo da nossa análise fomos identificando algumas frequências, nomeadamente no que diz respeito ao papel do imigrante/refugiado na ação. Num universo de 53 conteúdos jornalísticos, todos eles apresentavam o imigrante/refugiado como protagonista ou como secundário na ação. O gráfico abaixo ilustra as percentagens.

**Gráfico 13-** Papel do imigrante ou refugiado na ação

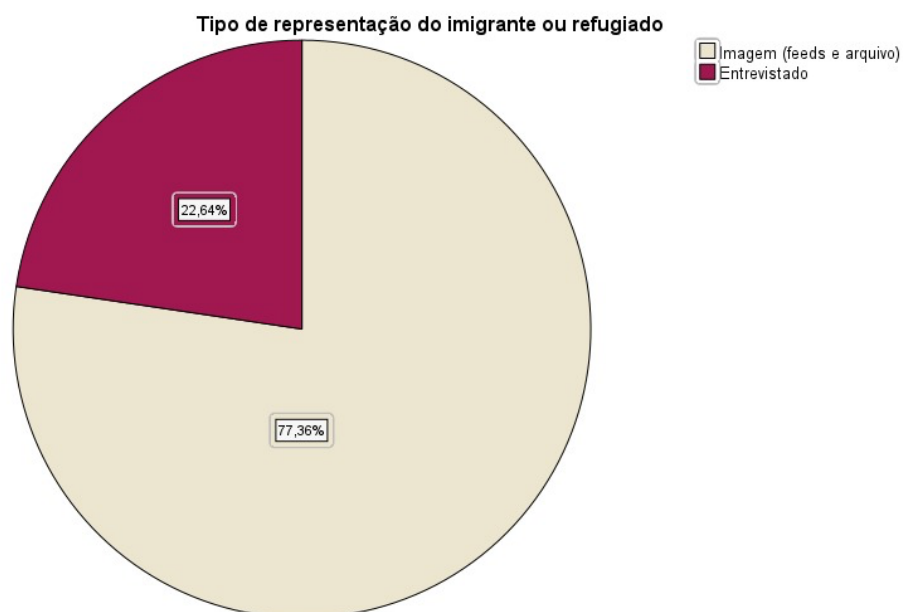


Ainda que esta variável esteja dividida nas categorias de protagonista, secundário/coadjuvante, subordinado e figurante, apenas as primeiras duas têm representação. O imigrante/refugiado é tido como protagonista da história em 75,47% dos conteúdos analisados, o que corresponde a 40 peças jornalísticas. Nas restantes treze, 24,53% dos casos, o imigrante/refugiado é representado como secundário/coadjuvante.

#### f) Variável: Tipo de representação do imigrante ou refugiado

Para compreendermos a representação dos imigrantes e refugiados na televisão portuguesa não nos podemos cingir somente ao papel que estes sujeitos têm na ação. É necessário também fazer um levantamento do tipo de representação. O *European Monitoring Centre on Racism and Xenophobia* (EUMC) alerta para o peso que a televisão exerce na formação de opinião pública. De acordo com Isabel Ferin, “os conteúdos veiculados pelos canais televisivos contribuem, em grande parte, para a construção das identidades dos imigrantes” (Ferin, 2009). Nesse sentido, torna-se imperativo aferir quais os tipos de representação mais utilizados pelo Telejornal e pelo Jornal da Noite.

**Gráfico 14-** Tipo de representação do imigrante ou refugiado no Telejornal e Jornal da Noite

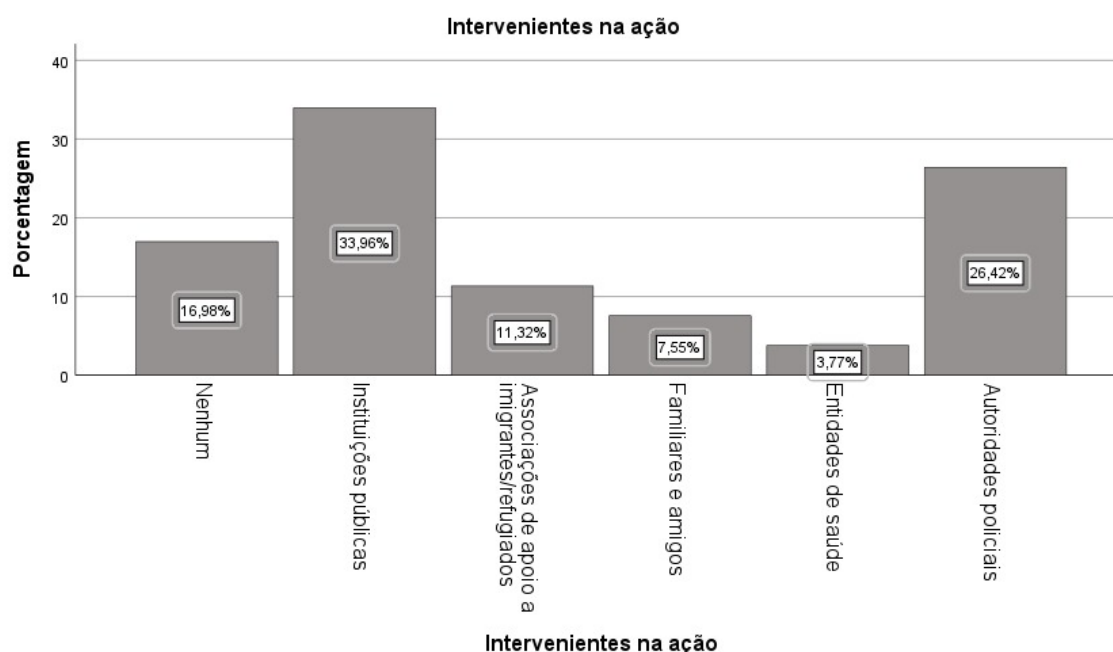


Através do gráfico circular acima verificamos que em 77,36% das peças os imigrantes e refugiados são apenas representados através de imagens de *feeds* de agências internacionais e de arquivo. Apenas em 22,64% dos casos os sujeitos são entrevistados e têm voz nas peças. Nesse sentido, podemos afirmar que na maioria das vezes os imigrantes e refugiados são silenciados, ou seja, não têm oportunidade de se fazerem ouvir e de partilhar as suas opiniões e pontos de vista.

### g) Variável: Intervenientes

Outra forma de averiguarmos quem participa e quem tem voz na cobertura mediática da imigração é analisarmos que tipo de intervenientes fazem parte da ação. Esta variável de análise divide-se nas categorias de: instituições públicas, autoridades judiciais, autoridades policiais, representantes legais, tradutores, associações de apoio a imigrantes/refugiados, familiares e amigos, entidades de saúde e nenhum.

**Gráfico 15-** Intervenientes na ação



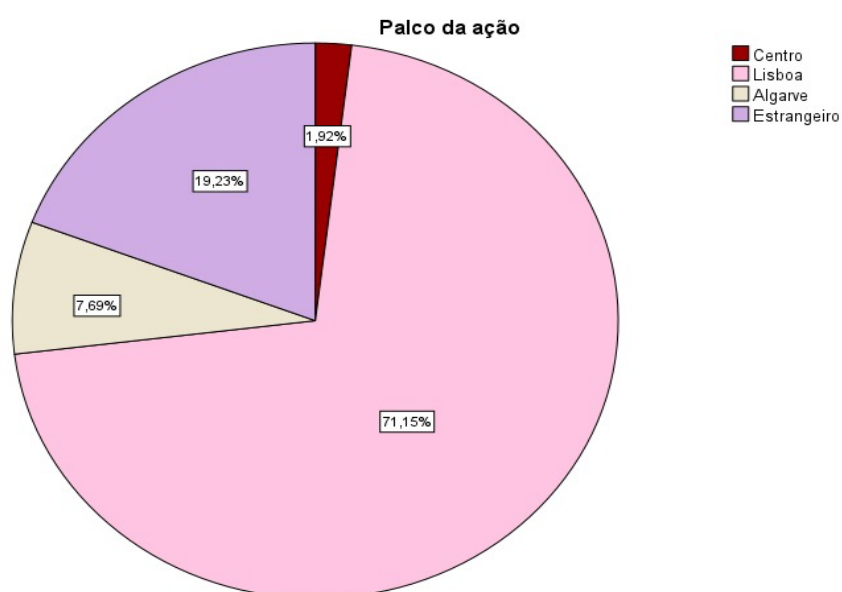
Este gráfico de barras revela que os principais intervenientes na cobertura mediática da imigração em Portugal durante o mês de março de 2023 foram as instituições públicas (33,96%), que inclui membros do Governo como ministros e secretários de Estado

principalmente nas áreas de Administração Interna, Segurança Social e Negócios estrangeiros, e as autoridades policiais (26,42%), frequentemente associadas a operações de controlo e fiscalização. Com menos representação encontramos as associações de apoio a imigrantes/refugiados (11,32%) e os familiares e amigos (7,55%). Estes dados demonstram que as vozes destes intervenientes – que falam em nome dos imigrantes e dos refugiados - não têm muito espaço na cobertura mediática da imigração. Posto isto, quando as instituições públicas e as autoridades policiais dominam a cobertura mediática, o foco das peças está geralmente relacionado com questões de segurança, controlo de fronteiras, criminalidade e fiscalização, reduzindo assim a voz dos próprios imigrantes e refugiados. Por fim, a parcela mais pequena destina-se às entidades de saúde que registam 3,77%.

#### **h) Variável: Palco da ação**

Esta variável refere-se ao local onde os eventos relacionados com imigrantes e refugiados foram apresentados na televisão portuguesa. De forma a simplificar a nossa análise, definimos oito categorias que nos ajudaram a identificar o palco da ação de cada peça. São elas: «Norte», «Centro», «Lisboa», «Alentejo», «Algarve», «Açores», «Madeira» e «Estrangeiro», sendo esta última destinada às peças que não aconteceram em território nacional, mas que ainda assim foram retratadas na televisão portuguesa.

**Gráfico 16- Palco da ação das peças**



O gráfico circular demonstra o evidente domínio da categoria «Lisboa». Essa região geográfica dá origem a 38 peças durante o período da nossa pesquisa, sendo 31 delas são alusivas ao ataque ao Centro Ismaili de Lisboa. A concentração de conteúdos informativos sobre imigrantes e refugiados nessa área também se justifica pela significativa densidade populacional que se encontra na capital do país. É lá que muitos dos imigrantes se tendem a estabelecer uma vez que têm várias oportunidades de emprego e acesso a diferentes infraestruturas e serviços essenciais. O segundo grupo com maior presença é a categoria «Estrangeiro», com quase 20% de representação, e inclui peças como o encontro entre refugiados e Papa Francisco no Vaticano a 18 de março de 2023, naufrágios de embarcações no Mar Mediterrâneo e o incêndio num centro de migrantes na Ciudad Juarez, no México, a 28 de março de 2023. Esta categoria totaliza 10 peças. O «Algarve» tem uma representação de 7,69%, o que corresponde a quatro peças, e dizem respeito às histórias de vida e de superação de imigrantes europeus que vivem nessa região e a uma operação de fiscalização do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) a um armazém em Faro a 3 de março de 2023. O «Centro» é a categoria com menos representação, registando apenas uma peça.

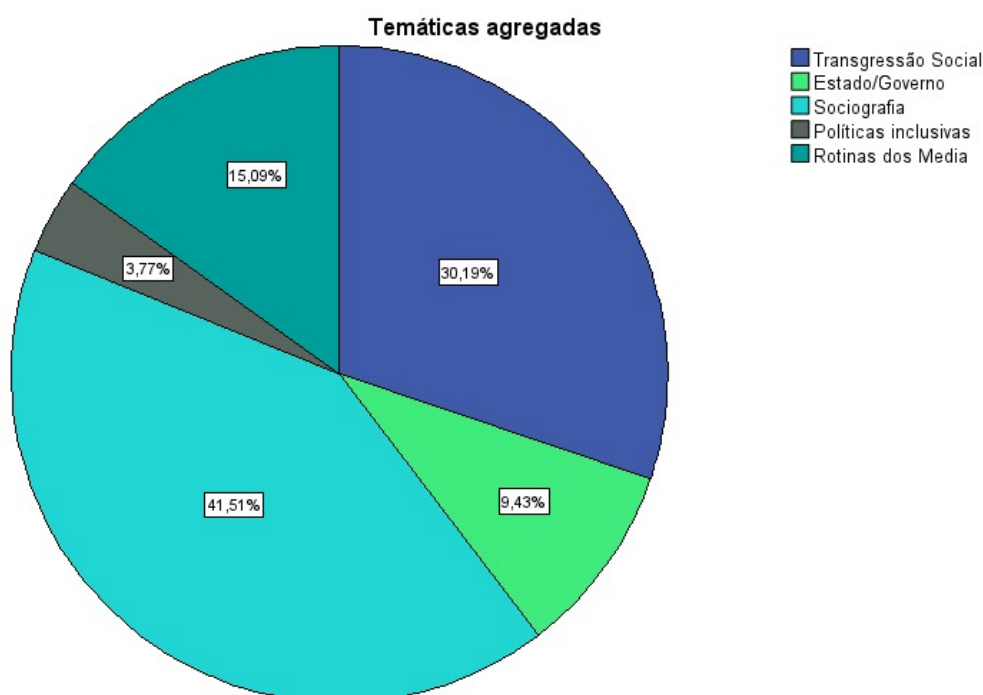
Podemos relacionar estes dados com o relatório *The Media Pluralism Monitor 2024*, divulgado pelo *Centre for Media Pluralism and Media Freedom*, que relata a ocorrência de “desertos de notícias” em Portugal. O relatório destaca que a cobertura mediática é extremamente escassa e insuficiente em áreas rurais e suburbanas, resultando nesses “desertos de notícias”, enquanto as informações referentes aos grandes centros urbanos são priorizadas e apresentadas de forma mais robusta. O mesmo relatório avança ainda que tanto os meios de comunicação públicos como privados em Portugal carecem de uma representação adequada de grupos minoritários.

### **i) Variável: Temáticas agregadas**

Nesta parte do trabalho pretendemos analisar as temáticas agregadas às peças jornalísticas que foram apresentadas pelos dois programas informativos durante o mês de março de 2023. À semelhança do artigo de Isabel Ferin, *A cobertura jornalística da imigração*, agregámos as temáticas em cinco vertentes diferentes: «Transgressão Social» (Crime, Exploração, Máfia, Prostituição e Violência); Estado/Governo (Expulsão,

Legalização, Legislação, Naturalização, SEF, Segurança e Terrorismo); «Sociografia» (Clandestinidade, Condições Sociais, Desemprego, Discriminação, Educação, Economia, Família, Habitação, Refugiados, Trabalho, Sem-abrigo e Saúde); «Políticas inclusivas» (Cultura, Integração, Reagrupamento, Religião); «Rotinas dos Media» (Acidentes/Incidentes, Agendas, Estatísticas e Estudos sobre a Imigração) (Ferin, 2009).

**Gráfico 17** – Agregação das temáticas principais das peças do Telejornal e Jornal da Noite



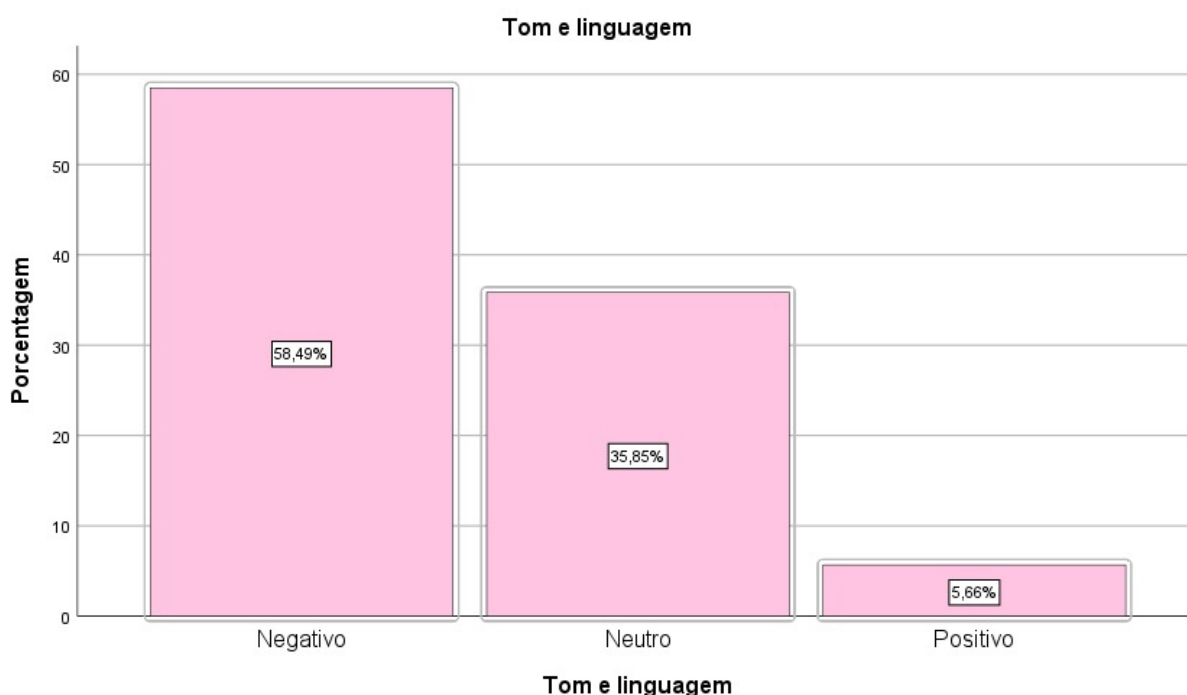
O gráfico acima demonstra que há uma maior representatividade das peças agregadas em «Sociografia». Peças que retratam as condições degradantes do bairro Terras da Costa, em Almada, ou operações de salvamento de refugiados representam quase 42% do total. O grupo «Transgressão social» apresenta um menor número de peças, contabilizando pouco mais de 30%. É importante salientar que o valor desse indicador inclui peças sobre o ataque ao centro ismaili em Lisboa no fim do mês de março, o que poderá indicar um aumento do número de peças nessa categoria. «Rotinas dos Media» agrega pouco mais de 15% e inclui peças como o incêndio a um centro de migrantes na cidade mexicana de Juárez a 27 de março de 2023. O grupo «Estado/Governo» tem uma representação de

9,43% e compreende peças que abordam, por exemplo, a lei de combate à imigração ilegal no Reino Unido ou o Acordo para a mobilidade dos cidadãos dos Estados-Membros da CPLP. A fatia mais pequena é detida pelo grupo «Políticas inclusivas», uma representação de apenas 3,77%.

## j) Variável: Tom e linguagem por peça

Embora o jornalismo deva manter um tom imparcial, a escolha de palavras, a organização da narrativa e a seleção dos factos podem influenciar a interpretação do telespectador. De acordo com Nelson Traquina, a linguagem e o tom são ferramentas que, conscientemente ou não, moldam a opinião pública e a compreensão da realidade (TRAQUINA, 2001) O gráfico de barras ilustra o tom e linguagem por peça.

Gráfico 18 – Tom e linguagem por peça



Ao analisarmos uma série de elementos - como a estrutura da peça, o contexto e a escolha de palavras - aferimos que quase 59% das peças emitidas no mês de março de 2023 têm um tom e linguagem negativos. A título de exemplo, algumas dessas peças dizem respeito ao ataque ao Centro Ismaili e a “acampamentos” ilegais de imigrantes e

refugiados em Portugal. Cerca de 36% das peças revelam tom e linguagem neutros, apresentando os factos de forma descritiva e precisa, sem emitir juízos de valor. Apenas uma pequena porção das peças analisadas, 5,66%, regista um tom e linguagem positivos. Algumas das peças com tom e linguagem positivos referem-se aos imigrantes franceses que vivem no Algarve e às histórias de superação de refugiados ucranianos que estão a viver atualmente em Portugal.

## 6.2 Entrevistas

Nesta parte do estudo iremos proceder à análise qualitativa tal foi referido no ponto 4.2.2. Foram realizadas doze entrevistas a imigrantes e refugiados no âmbito deste trabalho de investigação. No entanto, decidimos excluir da nossa amostra quatro dessas entrevistas uma vez que os entrevistados não assistem notícias e dessa forma não fornecem dados relevantes para o estudo. Do universo de oito entrevistados que assistem notícias de forma regular, entrevistámos cinco imigrantes e três refugiados. Os imigrantes são provenientes de países como Brasil, Ucrânia e França. Já os refugiados entrevistados têm nacionalidades paquistanesa, síria e iraniana. Os primeiros justificaram a migração por motivos profissionais ou pela procura de melhores condições de vida, enquanto os segundos relatam a fuga de conflitos armados como principal razão para deixarem os países de origem. Os entrevistados vivem em Lisboa, no Porto e no Algarve e têm idades compreendidas entre os 22 e os 67 anos, com diferentes níveis de escolaridade (ensino secundário, licenciatura, mestrado e doutoramento). Ao nível da proficiência na língua, observámos que os imigrantes dominam e conseguem falar fluentemente português. Por outro lado, os refugiados demonstraram algum desconforto com a língua portuguesa, pelo que solicitaram que as entrevistas fossem conduzidas a inglês. No caso dos refugiados, destacamos o reduzido tempo de permanência em Portugal como a principal razão para o fraco domínio da língua portuguesa. Os entrevistados têm em comum a experiência de adaptação à cultura portuguesa, com diferentes testemunhos sobre as dificuldades e oportunidades encontradas num novo país. A variedade das suas histórias enriqueceu a compreensão da representação mediática da migração e da integração social de imigrantes e refugiados em Portugal.

## **a) Integração de imigrantes e refugiados na sociedade portuguesa**

Através das entrevistas conseguimos aferir um padrão interessante: enquanto os imigrantes entrevistados afirmam que não recebem nem nunca receberam qualquer tipo de ajuda de instituições ou associações de apoio a imigrantes, os refugiados referiram necessitar ou ter necessitado de apoio, bem como mencionam o papel importante destas associações na sua integração na sociedade portuguesa.

*E6 – “Já recebi e continuo a receber apoio de algumas associações. Quando me mudei para Portugal precisei de ajuda para encontrar um sítio onde ficar pois já não tinha mais poupanças. A associação que me ajudou foi a JRS Portugal (...) também recebi muito apoio da Cáritas. Foi lá que conheci uma assistente social chamada Maria Loureiro. A Maria é uma pessoa muito generosa e sempre me ajudou em tudo. Aliás, ainda hoje me dá muito apoio e fico muito feliz pela ajuda que tenho recebido.”*

*E8 - “Recebi apoio da Plataforma Global para Estudantes Sírios apenas enquanto ainda estava a estudar. Atribuíram-me uma bolsa de estudos que me permitiu aceder ao ensino universitário e terminar a licenciatura. Também recebi apoio do Conselho Português para os Refugiados (CPR) e isso foi crucial para mim porque quando cheguei não tinha sítio onde ficar e foram eles que me ajudaram.”*

Numa altura em que os conflitos armados são a principal razão para o aumento de deslocados em todo o mundo, a grande maioria dos refugiados procura ajuda em associações que providenciem assistência jurídica, apoio psicológico, acesso a serviços essenciais como saúde e educação e regularização de documentos, por exemplo. No caso dos imigrantes, estes não recorrem às associações por razões de autossuficiência e de redes de apoio alternativas, como familiares.

*E3 – “Apenas me mantive com a ajuda dos meus pais, minhas economias e trabalhos que ia fazendo paralelos aos estudos.”*

*E7 – “No meu caso, nunca me pareceu necessário procurar ajuda. A minha mudança para Portugal foi planeada e estruturada de forma a não me faltar nada.”*

O homem de 67 anos de nacionalidade francesa que tem o 12º ano e é fluente em português (E7) foi o único entrevistado que não relatou dificuldades de integração ao chegar a Portugal. Todos os outros afirmam ter sentido obstáculos à sua integração. A maioria das dificuldades prende-se com a barreira linguística, mas também com a questão financeira, a diversidade cultural e a obtenção de documentos que regularizam a situação do imigrante e do refugiado no país.

*E4 – “Senti algumas dificuldades. Além das diferenças culturais, o convívio com pessoas de diversos países foi algo completamente novo para mim. Acho que parte da dificuldade também foi financeira... ter de começar uma vida nova do zero e sozinha em Portugal não foi fácil.”*

*E5 – “esperava que a atribuição de título de residência fosse mais célere, mas demorou cerca de seis meses. Em comparação com outros países europeus onde já estive, demorou bastante tempo. Foram muito difíceis para mim porque eu não tinha provas que era residente em Portugal, não podia abrir uma conta no banco, não podia inscrever-me numa faculdade, não podia fazer nada. Não podia sequer ter aulas de português e isso dificultou um bocado a minha integração aqui.”*

*E6 – “senti dificuldades ao nível da língua. É difícil para mim aprender novas línguas e aprender português tem sido um grande desafio. Eu estou a tirar medicina cá em Portugal e o curso é todo em português, por isso, é muito difícil me integrar. Aprender uma nova língua pode causar muito stress e ansiedade.”*

*E8 – “A primeira dificuldade foi a diferença de culturas. Foi um grande choque para mim quando cheguei. Depois, a barreira da língua que também foi complicado de ultrapassar.”; “Não sei se mais algum entrevistado lhe disse isto, mas sinto que causamos uma certa sensação de insegurança nas pessoas. Ficam desconfiados e assustados quando falam e lidam connosco e isso dificultou a minha integração.”*

A integração de imigrantes e refugiados na sociedade de acolhimento não significa apenas estar presente fisicamente, mas também poder participar plenamente em todas as áreas importantes da sociedade. É essencial que tenham acesso às instituições e recursos do país, incluindo o mercado de trabalho, a saúde, a habitação, a educação, a participação política e o reagrupamento familiar. O imigrante francês, o único que referiu não ter sentido dificuldades de integração ao chegar a Portugal, reconhece que saber falar português é uma ferramenta essencial para uma integração bem-sucedida.

*E7 – “Não, nunca senti dificuldades. Acho que saber falar português foi uma grande ajuda quando me mudei. Nunca tive dificuldades em comunicar e por isso os portugueses sempre me receberam muito bem e senti-me “em casa” muito rapidamente. Saber falar português pode fazer a diferença.”*

De acordo com Alejandro Portes, essa integração plena na sociedade de acolhimento é muitas vezes dificultada por práticas discriminatórias que marginalizam tanto imigrantes como refugiados, perpetuando assim a exclusão social dos mesmos (PORTES, 2015). Quando confrontados com essa questão, a maioria dos entrevistados afirma já ter sido alvo de discriminação.

*E6 – “eu sinto-me discriminada muitas vezes. Sinto-me muito mal nas aulas quando ninguém quer trabalhar comigo. Os meus colegas não me querem nos*

*trabalhos de grupo ou nas apresentações orais. Eles fazem-me sentir que não sou boa o suficiente ou que não tenho as mesmas capacidades que o resto da turma.”*

*E8 - “Eu sou muçulmana e uso hijab por motivos religiosos. Há quem me olhe muito mal e faça comentários em pleno século XXI (...) Aqui ao lado de casa há uma pequena mercearia de rua onde vou muitas vezes quando me faz falta alguma coisa. Um dia estava a comprar fruta e ouvi dois rapazes falarem sobre mim. Diziam que devia voltar para casa [Síria] e que Portugal já estava cheio de pessoas como eu [refugiados]”*

No caso dos entrevistados de nacionalidade brasileira, todos referem já ter sido alvo de discriminação e afirmam que pertencer a um país da América Latina traz algum preconceito associado.

*E2 – “Pessoalmente, já fui vítima de discriminação em Portugal muitas vezes (...) O nosso problema começa quando abrimos a boca, quando percebem a nossa nacionalidade. As pessoas assumem que somos do leste europeu e até aí está tudo bem. Mas quando eu abro a boca e falo português do brasil, cria-se uma barreira.”; “(...) Se eu e a minha filha fossemos do norte da europa, esse comentário e outros nunca aconteceriam. Mas somos brasileiras... “*

*E3- “Algumas situações aconteceram na residência da minha universidade. A diretora era uma pessoa muito rude e era perceptível a distinção de tratamento entre as moradoras europeias e latino-americanas. Houve momentos em que pela mesma ação levei “broncas” enquanto as europeias eram tratadas com preocupação, por motivos que não cabia a direção interferir. Também teve casos onde eu estava doente e a direção me acusou de estar com dengue ou febre amarela, mesmo quando os meus sintomas não condiziam com as doenças.*

*E4- “(...) acho que já existe uma ideia pré-formada acerca dos imigrantes brasileiros. Os portugueses acham que somos sempre pobres porque vimos de um país pobre. Há um preconceito europeu para com os brasileiros e outros países da América Latina.”*

Os entrevistados 2 e 3 mencionaram que a imigração coloca em evidência estereótipos negativos como a hipersexualização, nomeadamente de mulheres brasileiras:

*E2 – “Brasileiro será sempre colónia de Portugal. Aquela primeira imagem do indígena ou das prostitutas que vêm roubar os maridos não desaparece. As mulheres brasileiras são constantemente associadas a esse estereótipo. Com os anos pode sofrer alterações, mas não vai desaparecer.”*

*E3 – “Cheguei a sofrer com assédio sexual e físico no trabalho pelos clientes. O assédio sexual veio de clientes me convidando para ter relações sexuais, tratavam-me com linguagem imprópria, falavam sobre o meu corpo e me olhavam muito.”*

Por sua vez, os entrevistados 7 e 8, de nacionalidade francesa e síria correspondentemente, corroboram essa ideia de que os imigrantes brasileiros sofrem discriminação ao se mudarem para países europeus:

*E7 – “(...) conheço brasileiros que sofrem diariamente com isso. Acho que quando se é europeu, é mais fácil. Seria de julgar que eles [brasileiros] tivessem alguma facilidade em se integrar por causa da língua, mas acho que isso quase nunca acontece. Os brasileiros sofrem muita discriminação aqui.”*

*E8 – “Penso que imigrantes dos países lusófonos geralmente enfrentam muito racismo e questões de discriminação nas notícias, ainda que falem português.”*

*Vejo muitas notícias sobre brasileiros e nunca são boas, geralmente associadas a questões de segurança e justiça.”*

Apenas os entrevistados 1 e 7, ambos imigrantes e provenientes de países europeus, revelam nunca ter sido alvo de discriminação.

*E1 – “Não me lembro de alguma vez ter sofrido com isso. Acho que termos vindo de um país do leste da europa também ajuda.”*

*E7 – “Não me lembro de alguma vez ter sido. Lembro-me sim de algumas brincadeiras inocentes sobre o meu sotaque, mas não foi nada de grave. Faz parte do processo e consigo perceber que seja engraçado ouvir um francês a falar português.”*

Os entrevistados 1, 4 e 7 referem a importância de ter ligação aos países de origem, principalmente através das redes sociais, como forma de preservar os laços afetivos, culturais e sociais, mas também para se manterem informados.

*E1 – “(...) costume é estar atenta às redes sociais para saber o que se passa lá fora. Foi a maneira que arranjei de estar próxima da Ucrânia e dos acontecimentos do meu país.”*

*E4 – “Eu acho que as plataformas digitais, principalmente as redes sociais, têm uma importância muito grande para as comunidades de imigrantes de hoje. Por vezes há falta de esclarecimento na televisão e nos outros meios e é nas redes sociais que vamos buscar ajuda. O acesso é rápido e não nos falta nada. Essa é uma qualidade das novas tecnologias. Além disso, é por lá que mantenho contacto com a minha família e amigos do Brasil.”*

*E7 – “Eu gosto de estar informado e estar a par do que se passa em França. Acho que é importante nos mantermos conectados ao nosso país de origem (...)”*

## **b) A representação dos imigrantes e refugiados na televisão portuguesa**

Todos os entrevistados assistem notícias através da televisão de forma regular, todos os dias ou várias vezes ao longo da semana. Por privilegiarem a televisão em relação a outros meios de comunicação, foram questionados quanto à forma de representação dos imigrantes e refugiados na televisão portuguesa. Procurámos explorar de que forma são mencionados nas notícias, bem como se a representação é feita de forma idêntica (ou não) no universo de imigrantes e refugiados.

Todos os entrevistados começaram por afirmar que a temática da imigração deveria ser mencionada com mais regularidade na televisão portuguesa.

*E4 – “Deviam ser mencionados mais vezes. Só falam em nós quando acontece um evento muito grande ou algo chocante que valha a pena falar.”*

*E7 – “Aqui em Portugal até são mencionados algumas vezes, mas acho que podiam ser mais ainda. O fluxo de migrantes e de refugiados é uma realidade que está a crescer cada vez mais em todo o mundo. Acho que esse tema merece não só ser abordado nos media mais vezes, como deve ser feito de forma cuidadosa...”*

*E8 – “Como estudante de relações internacionais, gostava que fossem mencionados mais vezes. (...) A maioria das pessoas deslocadas no mundo foge de conflitos armados e há que educar as pessoas sobre crises humanitárias e alertar para questões como a violação dos Direitos Humanos, segurança, terrorismo e saúde. É preciso que os meios de comunicação transmitam estes assuntos para que a opinião pública faça pressão sobre as potências mundiais e sobre os Governos para que se tomem medidas e se resolvam os conflitos.”*

O entrevistado 7 fez uma observação relevante para a elaboração deste trabalho de investigação, mencionando a importância da televisão na captação da atenção do telespetador face aos restantes meios de comunicação.

*E7 – “(...) a televisão tem um maior impacto devido aos diferentes estímulos. As imagens e os sons chamam a nossa atenção e fazem com que fiquemos mais ligados, mais próximos à notícia, e que tomemos atenção do início ao fim. Além disso, tem um grande alcance. Quem é que não tem acesso a uma televisão hoje em dia?!”*

Do ponto de vista dos entrevistados, todos eles deixaram evidente que sentem que a cobertura da imigração em Portugal tem uma conotação negativa. Os oito entrevistados referem que se sentem associados, de uma forma geral, à pobreza, à delinquência, ao crime e a atividades ilícitas. Todos eles alegam que essa associação não é feita só na televisão, mas também noutros meios de comunicação.

*E1- “De que serve sermos mencionados muitas ou poucas vezes se sempre que o fazem é para dizer algo negativo?”*

*E3 – “Na minha opinião, os meios de comunicação em Portugal discutem mais tragédias do que notícias com cunho positivo ao se tratar de imigrantes e refugiados.”*

*E4 – “No geral acho que são mencionados de uma forma sempre ruim, sabe? Parece que só vale a pena cobrir o assunto se o assunto for relacionado com pobreza, violência, agressões e tudo o que é mau.”*

*E5- “Todos eles [meios de comunicação] querem demonstrar algo “entusiasmante” porque a sua audiência só os vai seguir por um curto período. Às vezes vejo vídeos de 15 segundos [na internet] sobre refugiados a circular e sei que essas imagens não contam a história verdadeira, não demonstram nada. Demonstra apenas caos, e não a realidade.”; “não nos representa de forma*

*genuína (...) Os jornalistas dirigem-se com as suas câmaras até às filas de imigrantes que estão em frente aos centros à espera das suas autorizações de residência e retratam-nos como pessoas hostis e que estão a discutir e a lutar uns com os outros.”*

*E6 – “quando falo com alguém sobre o Paquistão, as pessoas só conhecem as coisas más. Sabem que um paquistanês matou outra pessoa. Acho que os media são muito específicos nas notícias. Eles só escolhem mostrar o que é mau sobre o meu país e isso leva a que as massas pensem errado sobre nós.”*

*E7 – “Parece-me, de uma forma geral, que os imigrantes e os refugiados costumam ser mencionados nas notícias quase sempre de forma negativa. São quase sempre mencionados porque houve uma desgraça ou porque foram violentos. Acho que há uma valorização da tragédia face a outros assuntos.”*

*E8 – “Normalmente as notícias sobre imigrantes ou refugiados são negativas, associadas quase sempre à criminalidade, delinquência e ao terrorismo, por exemplo.”*

Partindo do dado observado pela nossa análise de que a televisão portuguesa representa a imigração - e os temas a ela associados – maioritariamente de forma negativa, pretendemos compreender se os entrevistados sentem que a sua integração na sociedade já foi ou possa ainda ser afetada por tal representação. Esta questão foi abordada de forma diferente pelos oito entrevistados. Conseguimos encontrar um padrão nas respostas que nos foram dadas. Os imigrantes europeus nunca sentiram que a sua integração em Portugal tenha sido afetada pela forma como a televisão os representa. No entanto, reconhecem a influência que essa representação pode ter na integração de outros imigrantes ou refugiados.

*E1 – “Não, pessoalmente, a minha integração nunca foi afetada pelas notícias sobre imigrantes ucranianos, em específico. Mas em relação a outros imigrantes, que vêm de outros países menos desenvolvidos, acredito que a sua integração possa ser mais complicada. A maneira como os jornalistas falam de imigrantes e*

*descrevem os acontecimentos hoje em dia de certeza que afeta a forma como são vistos pela sociedade. Isso pode ser muito perigoso na hora da integração.”*

*E7 – “De uma forma geral, não tive qualquer dificuldade de integração e nunca me senti discriminado. Mas conheço pessoas que não tiveram uma experiência tão positiva como a minha e a forma como são abordados na televisão certamente também não ajuda. Esses casos são todos de pessoas que não são de países europeus como lhe disse e acho que é com essas pessoas que existe maior preconceito.”*

Os entrevistados 3 e 4, que são imigrantes de nacionalidade brasileira, referem sentir ou já ter sentido a sua integração na sociedade portuguesa condicionada pela forma como são representados na televisão.

*E3 – “Sim, já senti. Na minha opinião, os meios de comunicação podem interferir na forma como um grupo social é visto. Se só assuntos trágicos e assustadores forem mostrados, isso pode se refletir na forma como um determinado grupo é visto pela sociedade e dificultar a sua integração.”*

*E4 – “Sim, eu vejo muitas notícias sobre brasileiros que me deixam desconfortável. Algumas me deixam muito triste, mas eu tento ignorar e seguir a minha vida (...) Acho que há muito preconceito das pessoas que é resultado daquilo que elas veem nas notícias. É preciso realmente ter mais atenção naquilo que é postado e partilhado nos meios de comunicação (...)”*

Ainda no mesmo tópico, o entrevistado 2, também de nacionalidade brasileira, destaca a importância da representação dos imigrantes e dos refugiados na televisão portuguesa, alertando para a necessidade de instruir a sociedade civil.

*E2 – “Eu acredito que essas representações moldem as pessoas (...) atualmente vivemos uma agenda europeia de direita e a verdade é que essa agenda é a de ver o refugiado numa situação de necessitar do Estado para sobreviver. Os media têm essa agenda e influenciam dentro dessa perspetiva. Quem tem um pouco mais de senso crítico consegue ver as imagens transmitidas pelos media, absorver e rebater interiormente. Mas quem não tem, assume a notícia como verdade.”*

Por último, os refugiados entrevistados demonstraram preocupação na forma como são representados pela televisão portuguesa e afirmam que a sua integração na sociedade foi afetada pela forma como são abordados nos media.

*E5 – “Definitivamente acredito que a minha integração aqui pudesse ter sido facilitada se a representação de imigrantes e refugiados nos meios de comunicação fosse feita de outra forma (...) Acredito que os media desempenham um papel importante na questão da nossa integração, mas podiam e deviam fazer mais.”*

*E6 – “Sim, senti muitas vezes desde que cheguei. Tudo o que os cidadãos portugueses ouvem nas notícias sobre os paquistaneses é sobre violência e o nosso envolvimento em atividades ilegais. Sinto que a perceção das pessoas sobre nós está de acordo com aquilo que veem na televisão. Os portugueses acham que somos criminosos, violentos e más pessoas.”*

*E8 – “Essas representações influenciam claramente o modo de pensar de cada um e criam estereótipos sobre nós (...)\_Devido à minha nacionalidade, foi muito difícil conseguir certos documentos para regularizar a minha situação em Portugal. Também foi difícil arranjar quem me disponibilizasse casa. Negaram-me casa por várias vezes...”*

Para além de referirem que as notícias sobre imigração têm uma conotação negativa e que isso pode influenciar a sua integração na sociedade portuguesa, alguns dos

entrevistados também mencionaram que se sentem silenciados pelos meios de comunicação.

*E1 – “O que mais me aborrece por vezes nem é a forma negativa como nos representam, mas sim a fraca palavra que temos a dizer. É comum [os meios de comunicação] retratarem os imigrantes e os refugiados, mas são raros aqueles que são entrevistados e que se podem defender.”*

*E2 – “Teve um movimento grande no Brasil sobre o “local de fala”. Usamos esse conceito quando queremos referir que este é o meu lugar e por isso eu devo falar. Deixa eu dar o exemplo: se eu sou da periferia, vivo numa favela e sou uma pessoa negra, eu não quero um branco na televisão a falar sobre mim. Ele não sabe, ele pode ter estudado, mas ele não sabe sobre mim. Esse é o meu lugar de fala, por isso, eu devo falar. E isso nem sempre acontece nos media em Portugal. Não seria maravilhoso se quando chamam um especialista para falar sobre refugiados, chamassem também um refugiado afegão para dar outro ponto de vista?!”*

*E5 – “No caso da televisão, a cobertura da notícia não é feita como deve de ser porque acho que o relato é feito de forma muito rápida e não sinto que tenhamos uma palavra a dizer, que tenhamos voz. Assim não conseguimos ser ouvidos.”*

Há um entendimento geral entre os entrevistados de que existem diferenças na forma como imigrantes e refugiados são abordados nos meios de comunicação. Os entrevistados 2 ,3, 7 e 8 sublinharam uma “distinção clara” entre refugiados europeus – no caso, os ucranianos - e refugiados não-europeus. A guerra na Ucrânia, desencadeada em fevereiro de 2022, causou uma das maiores crises humanitárias na Europa e o deslocamento de ucranianos que fogem da guerra continua a gerar milhões de refugiados em todo o mundo. Os entrevistados enfatizam assim a desigualdade no modo de representação de refugiados ucranianos e refugiados provenientes de países da Ásia ou do Médio Oriente.

E2 – “No caso dos ucranianos já é diferente. Eles são refugiados, mas não têm estigma de refugiados, têm estigma de imigrantes. São trabalhadores qualificados, principalmente na área hoteleira e de restauração, e por isso não se coloca os ucranianos na mesma caixa que os afegãos, por exemplo. Eu lembro-me de ter visto uma reportagem assim que começou a guerra na Ucrânia e os entrevistados afirmavam que eles eram muito bem-vindos para Portugal porque eles eram a mão-de-obra que era necessária para o país (...) Lembro-me muito claramente desta notícia e deixou claro como os media fazem diferenciação entre um refugiado europeu e outro refugiado.”

E3- “Nas notícias há claramente diferença conforme a origem e o motivo de imigração. Por exemplo, um refugiado da Ucrânia e um refugiado da Síria não são vistos ou apresentados nas notícias da mesma forma e são ambos refugiados a fugir da guerra.”

E7 – “Há uma clara distinção entre refugiados sírios e refugiados ucranianos (...) Os ucranianos são um povo europeu que foge da guerra há 2 anos e todo o mundo está sensibilizado com a situação dos ucranianos. Mas ali no Médio Oriente [na Síria] há uma guerra civil que dura desde a década passada e que faz milhões de refugiados todos os anos e ninguém se parece preocupar da mesma maneira.”

E8 – “(...) acho que quem sofre menos com questões de discriminação nas notícias e no dia-a-dia são os refugiados ucranianos. Os refugiados que chegam do Paquistão, Síria, Afeganistão e Bangladesh sofrem bastante.”

Os entrevistados 2, 4, 7 e 8 afirmam haver também distinção na representação de imigrantes lusófonos – brasileiros e imigrantes dos PALOP - e os imigrantes europeus na televisão portuguesa.

E2 – *“Existe aquele imigrante de turismo, o alemão, o francês... Ele é representado como o imigrante que vem com dinheiro, o chamado imigrante “VIP” ou imigrante visigodo que é sempre muito bem visto. E existe um imigrante que vem de países mais pobres, como é o caso do meu [Brasil]. Esse imigrante vem atrás da qualidade de vida e de uma vida europeia. Na verdade, eles não vêm por Portugal, mas sim atrás de uma vida na Europa e Portugal faz parte disso. E cada vez que os media falam na relação desse imigrante com o Estado, ele é visto como um pedinte. O imigrante vem e utiliza dos serviços do Estado sem ser nacional.”*

E4 – *“Um brasileiro que venha para Portugal não passa de mão-de-obra barata, mas um imigrante que venha de um país mais rico é sempre bem-vindo, ele é visto e tratado como superior. Assim, nas notícias quando falam de nós nunca é coisa boa, mas um imigrante alemão ou inglês é diferente. São pessoas com dinheiro que vêm viver para o Algarve ou ali para Cascais.”*

E7 – *“Ainda que tenham o mesmo status, de imigrante ou refugiado, são representados de maneira diferente (...) Os brasileiros sofrem muita discriminação aqui na televisão. No caso dos africanos também noto o mesmo, até aqueles que vêm de antigas colónias portuguesas. Acho que quando se é europeu, é mais fácil. Somos vistos de outra forma e a nossa integração aqui também é mais fácil.”*

E8 – *“Penso que imigrantes dos países lusófonos geralmente enfrentam muito racismo e questões de discriminação nas notícias, ainda que falem português.”*

### **c) O papel do Governo e do Estado português**

Ainda que não tenham sido questionados diretamente sobre o papel do Governo e do Estado português na satisfação das necessidades dos imigrantes e dos refugiados, alguns dos entrevistados consideraram importante mencionar que estes organismos poderiam ter tido um papel mais ativo na resposta às carências destas comunidades.

*E4 – “Há muito brasileiro que quer trabalhar, mas os serviços aqui em Portugal são muito lentos e com muita burocracia e ficamos meses à espera de uma autorização e de um emprego.”*

*E5 – “Se falarmos ao nível do Governo e dos processos do Estado, penso que tudo poderia ter sido gerido de forma mais organizada. Há falta de respostas e de esclarecimento.”; “Há pessoas nessas filas que estão à espera da autorização de residência há anos. Não há esclarecimentos, apenas nos dão um número para o qual ligar cem vezes por dia para fazer uma marcação”*

Dois dos entrevistados demonstraram estar sensibilizados pela elaboração deste trabalho. O entrevistado 5 agradece a participação no estudo e manifesta preocupação quanto à sua representação nos meios de comunicação portugueses. O entrevistado 8 também reconhece a importância da presente investigação e aproveita para mencionar a falta de resposta por parte dos organismos competentes.

*E5- “Por fim, gostava de agradecer a oportunidade de me deixar partilhar a minha história e por se preocupar com a nossa situação. É importante explicarmos quem somos, de onde vimos e qual a nossa história de vida.”*

*E8 – “Por isso fico tão feliz que se dedique a este assunto na sua tese e se preocupe com coisas que realmente importam. Este tema merece cada vez mais a nossa atenção e por vezes as pessoas e as entidades competentes parecem se esquecer disso.”*

## Conclusão

Por fim, sistematizaremos os resultados com o objetivo de tornar mais fácil a compreensão do presente trabalho de investigação. Nesta parte final importa também responder às questões iniciais formuladas e às quais a presente dissertação procurou dar explicações: 1) “Como é que os canais de sinal aberto RTP e SIC representam os imigrantes e os refugiados?” e 2) “Como é que a integração destes grupos na sociedade portuguesa vai ser influenciada por tais representações?”. É o que ambicionamos nesta reflexão final.

A análise das variáveis mencionadas anteriormente permitiu-nos perceber que o ataque executado por um refugiado afegão ao Centro Ismaili de Lisboa veio alterar a dinâmica dos dois canais portugueses, não só na forma como as informações foram apresentadas, mas também ao nível da organização dos programas informativos em horário nobre. O acontecimento de 28 de março de 2023, marcado pela morte de duas mulheres portuguesas, deixou clara a alteração na estrutura dos dois programas. Ambos os canais abriram as emissões de horário nobre com a notícia do ataque e alocaram diferentes recursos para cobrir o tema. No caso da RTP, o canal dedicou dois espaços de comentário ao ataque, sendo que durante todos os outros dias do mês de março não o fez com nenhuma outra peça sobre imigração. A utilização desse género jornalístico proporciona a discussão do tema e oferece interpretações e opiniões que esclarecem o público sobre o acontecimento. O mesmo se verificou com o género jornalístico direto que apenas foi utilizado para cobrir este acontecimento durante os dias 28 e 29 de março de 2023. Dos 53 conteúdos informativos analisados, 31 foram dedicados ao ataque ou surgiram devido ao ataque. A título de exemplo, ambos os canais se propuseram a abordar a resposta das autoridades a este acontecimento, bem como a situação dos refugiados afegãos em Portugal e as reações da comunidade Ismaili à morte das duas mulheres portuguesas. Esta análise permite-nos compreender que eventos de grande impacto como o ataque ao Centro Ismaili, que são cobertos de forma extensa e intensiva, têm potencial para transformar a dinâmica dos programas informativos e assim moldar a narrativa pública sobre o tema. A interpretação e a análise deste acontecimento permitem-nos compreender de forma autêntica a aplicabilidade dos modelos teóricos *Agent-Setting*, *Framming* e Tematização no campo da comunicação. Tal como afirmam Maxwell McCombs e Donald Shaw (2000), através da televisão, os telespetadores ficam a conhecer

um determinado assunto e também a importância a atribuir a esse mesmo assunto, consoante a quantidade de informação transmitida na notícia e a posição por ela ocupada.

O ataque ao centro ismaili levou também a que a comunidade afegã fosse representada mais vezes nos dois canais portugueses no mês de março de 2023 em relação a outras nacionalidades que seriam expectáveis de ter maior representação. A segunda comunidade com maior representação é a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Também os países do Médio Oriente e da Europa do Leste tiveram alguma representação na televisão portuguesa durante o mês de março de 2023. Essa visibilidade poderá ser justificada com o número de peças alusivas a refugiados sírios e refugiados ucranianos que fogem dos conflitos armados nos respetivos países.

De acordo com a nossa observação, há uma maior representatividade das peças agregadas em «Sociografia» e, só depois, em «Transgressão social». Reportagens sobre as condições precárias do bairro Terras da Costa, em Almada, ou o aumento de pessoas em situação de sem-abrigo em Lisboa contribuíram para a representatividade das peças agregadas em «Sociografia». As peças agregadas a essas duas temáticas - «Sociografia» e «Transgressão social» - constituem mais de 70% do total das peças analisadas. Essa tendência vai ao encontro de alguns dos testemunhos que recolhemos dos entrevistados de que a televisão em Portugal associa os imigrantes e refugiados à criminalidade e à delinquência. Além disso, verificámos que a maioria das peças apresentadas pelos dois canais em horário nobre tem um tom e linguagem negativos, podendo não só influenciar a opinião pública, como também criar alarmismo e gerar desconfiança face aos imigrantes e refugiados. Essa conclusão vai de encontro com o pensamento de Stuart Hall (2017) que defende que os media podem, muitas vezes, reduzir imigrantes e refugiados a estereótipos simplistas, retratando-os como uma ameaça à ordem social. Esses impactos são inclusivamente mencionados pelos nossos entrevistados como questões que dificultam a sua integração na sociedade portuguesa. Alguns dos entrevistados demonstraram necessidade de se manterem conectados aos países de origem, o que está em conformidade com a teoria de Myria Georgiou (2006) de que os imigrantes e refugiados são identidades híbridas que mantêm um vínculo com as suas culturas de origem enquanto se adaptam e interagem com a cultura do país de acolhimento. Esse contacto ocorre num contexto de meios de comunicação transnacionais, principalmente através das redes sociais, como forma de preservação dos laços afetivos, culturais e sociais, mas também para que os imigrantes e refugiados se mantenham informados.

Durante o mês de março foram os refugiados que tiveram maior representação nos programas informativos da RTP e da SIC em horário nobre. Acreditamos que isso se deve não só ao ataque ao Centro ismaili, mas também à cobertura de assuntos como a guerra na Ucrânia, despoletada a 24 de fevereiro de 2022, e à guerra civil síria que dura há mais de uma década. A grande maioria das peças jornalísticas apresentadas pelos dois canais portugueses no mesmo período insere-se na temática de «sociedade» uma vez que aborda questões relacionadas com a integração dos imigrantes/refugiados, a diversidade cultural e os desafios associados à convivência de diferentes grupos. Ainda que o papel da maioria dos imigrantes e refugiados representados seja de protagonista na ação, observámos que a representação destes grupos na televisão portuguesa em horário nobre é feita essencialmente através de imagens. São poucas as vezes que os dois canais recorrerem a entrevistas a imigrantes e refugiados, silenciando assim as suas vozes e os seus pontos de vista. Esta conclusão, retirada da análise de notícias, está em consonância com os contributos de Kevin Smets e Çiqğdem Bozdağ em *Mediated representations of immigrants and refugees: news coverage, public opinion and media literacy* (2017). Ainda que não tenham sido questionados diretamente sobre esse assunto, alguns dos entrevistados mencionaram que os meios de comunicação portugueses raramente partilham os testemunhos de imigrantes e refugiados e que por isso se sentem, nas suas palavras, “pouco ouvidos” e “sem voz”. Os principais intervenientes nas peças analisadas foram as instituições públicas, que inclui membros do Governo como ministros e secretários de Estado principalmente nas áreas de Administração Interna, Segurança Social e Negócios estrangeiros, e as autoridades policiais, frequentemente associadas a operações de controlo e fiscalização. Já as associações de apoio a imigrantes/refugiados e os familiares e amigos – que falam em nome dos imigrantes e refugiados - têm menor representação, comprovando que as vozes destes intervenientes não têm muito espaço na cobertura mediática da imigração. Este tipo de narrativa, onde há predominância das vozes institucionais, cria a perceção da imigração mais como uma questão de segurança nacional e menos como um fenómeno social. Assim, há frequentemente uma associação dos imigrantes e refugiados como potenciais ameaças que devem ser controladas e monitorizadas pelas autoridades. Os imigrantes e refugiados entrevistados relatam dificuldades de integração ao chegar a Portugal, nomeadamente a barreira linguística, mas também a questão financeira, a diversidade cultural, a falta de resposta por parte do Estado e do Governo e situações de discriminação.

De uma forma geral, os entrevistados sentem que a televisão em Portugal tende a representar os imigrantes e refugiados de uma forma desfavorável, com uma conotação negativa, e defendem que a sua integração na sociedade poderia ter sido facilitada se esses conteúdos não fossem tão pessimistas. Ainda assim, há um claro entendimento de que os imigrantes e refugiados não são todos representados da mesma forma. Uma das diferenças sublinhadas diz respeito ao facto dos imigrantes e refugiados provenientes de países europeus serem os que menos sofrem com questões de discriminação e de representação na televisão portuguesa. Os entrevistados argumentam que há uma distinção na forma como se representa refugiados ucranianos em relação aos refugiados sírios ou a outros países do Médio Oriente, alegando que os primeiros têm uma representação mais positiva na televisão. De forma semelhante, há também o consenso de que a representação de imigrantes da Europa - como Inglaterra, França, Alemanha, entre outros - é diferente da representação de imigrantes lusófonos, nomeadamente brasileiros e imigrantes dos PALOP. A perspetiva dos entrevistados é a de que os imigrantes europeus tendem a ser representados de forma mais favorável na televisão que os imigrantes lusófonos. Esses testemunhos dos entrevistados vão ao encontro daquilo que analisámos nas peças do mês de março de 2023 no que ao tom e linguagem diz respeito. Se por um lado o tom positivo refere-se, por exemplo, a peças sobre imigrantes franceses que vivem no Algarve e às histórias de superação de refugiados ucranianos, por outro, o tom negativo refere-se a peças como o ataque do refugiado afegão ao centro ismaili e a “acampamentos” ilegais de imigrantes brasileiros, por exemplo. Os entrevistados de nacionalidade brasileira também colocaram em evidência a hipersexualização de mulheres imigrantes e a forma como isso impacta as suas interações sociais e profissionais. À semelhança do trabalho desenvolvido por Catarina Valdigem (2006), as mulheres brasileiras argumentam que a hipersexualização é um estereótipo amplamente difundido em diferentes países, nomeadamente em Portugal. Se olharmos para o palco de ação das peças analisadas, a maioria teve lugar na área de Lisboa. Isso justifica-se não só pela quantidade de conteúdos produzidos sobre o ataque ao centro ismaili de Lisboa, mas também pela forte concentração de imigrantes e refugiados nessa zona que procuram oportunidades de emprego e acesso a diferentes infraestruturas e serviços essenciais.

A realização desta investigação não foi isenta de limitações. Em primeiro lugar, tivemos dificuldade em contactar imigrantes e refugiados que se sentissem confortáveis em falar sobre este tema, mesmo garantindo total anonimato dos entrevistados. Face a essa

limitação, depois de inúmeras tentativas junto de associações de apoio a imigrantes e refugiados, decidimos optar por outras vias. Conseguimos contactar os entrevistados através da Professora Inês Espada Vieira, docente da Universidade Católica e membro da Comissão Executiva da Plataforma de Apoio aos Refugiados, que estabeleceu e facilitou o diálogo entre as duas partes e também através de recomendações dos entrevistados. Além disso, é também importante mencionar que, das doze entrevistas realizadas, apenas oito estavam elegíveis para análise pois quatro dos entrevistados não assistiam notícias nem televisão. Uma vez que esses entrevistados forneciam poucos dados para a investigação, optámos por excluí-los da amostra. A segunda limitação prendeu-se com o facto da TVI não ter respondido a qualquer tentativa de contacto da nossa parte. Numa primeira instância, o nosso trabalho propunha analisar os três canais de sinal aberto em Portugal – RTP, SIC e TVI – no entanto, vimo-nos obrigados a excluir a TVI da nossa análise. Dessa forma, acreditamos que seria importante, em estudos futuros, procurar incluir a análise dos três canais televisivos portugueses de forma a obter resultados mais holísticos e tentar compreender melhor esta temática. É também de destacar a importância de realizar uma análise a longo prazo, não só pela evolução das narrativas da imigração ao longo do tempo, mas também pelo impacto que determinadas políticas de imigração e eventos - como crises económicas e conflitos armados, por exemplo - podem ter na representação da imigração. Uma análise a longo prazo permite perceber transformações e impactos que podem não ser visíveis numa análise a curto prazo, oferecendo dados mais robustos e conclusões mais consistentes. Esse será o principal objetivo a cumprir numa tese de doutoramento, através da qual tentaremos oferecer uma visão mais abrangente e precisa de como as sociedades interpretam e reagem à imigração.

Terminamos este trabalho salientando a importância de promover uma sociedade justa e inclusiva que permita a participação de imigrantes e refugiados na vida social, cultural e política. É necessário desenvolver políticas de inclusão eficazes e combater a discriminação e os preconceitos latentes na nossa sociedade. A inclusão destes grupos não se trata apenas de uma questão moral, mas também uma estratégia inteligente para o desenvolvimento de uma sociedade mais forte, coesa, diversa e próspera.

## Bibliografia

Abdo, C., Cabecinhas, R. Brites, M. J. (2019). Crise migratória na Europa: os media e a construção da imagem dos refugiados. In Z. Pinto-Coelho, S. Marinho & T. Ruão (Eds.), *Comunidades, participação e regulação*. VI Jornadas Doutorais, Comunicação & Estudos Culturais. Braga: CECS.

Aguiar e Silva, V. (2008) “Genealogias, lógicas e horizontes dos estudos culturais”, in R. Goulart, M. Fraga, & P. Meneses, *O Trabalho da Teoria – Colóquio em Homenagem*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Alasuutari, P. (1999) “Rethinking the Media Audience”. London: Sage.

Appadurai, A. (1996). *Modernity at Large: Cultural Dimensions of Globalization*. University of Minnesota Press.

Barbosa, M. (2012). Nós e eles: responsabilidade social dos media na construção de uma cidadania inclusiva. (Z. Pinto-Coelho, & S. Mota-Ribeiro, Eds.) *Comunicação e Sociedade*, 21. Disponível em <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1562/1542>

Bauer, R. (1958) “The Communicator and the Audience”, *Journal of Conflict Resolution*, vol. 2, n.º 1.

Bauman, Z. (1999). *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. Tradução de Marcus Penchel.

Bhabha, H. (2001). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

Bisquerra, R. (1989), *Métodos de investigación educativa*, Guia prática, Barcelona: Ediciones CEAC.

Braham, P. [1998 (1982)], “How the media report race”, em Michael Gurevitch, Tony Bennet, James Curran e Janet Woollacott (orgs.), *Culture, Society and the Media*, Londres, Routledge.

Bryman, A. (2016). *Social Research Methods* (5th ed.). Oxford University Press.

Cabo, I. (2021). *Análise de Receção de Conteúdos de Entretenimento. As diferenças geracionais da série Friends em Portugal*. [Tese de Mestrado, ESCS].

Disponível

em:

[https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/14160/1/MAM\\_Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_IsabelCabo\\_12098-vf.pdf](https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/14160/1/MAM_Disserta%C3%A7%C3%A3o_IsabelCabo_12098-vf.pdf)

Canclini, N.G. (2011). *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4ª Ed. 5ª Reimpressão. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Cardoso, J. L. C. F. (2007) “Cultivo mediático e suas consequências: um problema e duas propostas para análise dos efeitos dos media” Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3504/2559>

Carvalho, M.D. (2007) *A construção da imagem dos imigrantes e das minorias étnicas pela imprensa portuguesa*. [Tese de Mestrado, ISCTE] Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/675/1/Margarida%20Domingues%20de%20Carvalho.pdf>

Castells, M. (2011) *Comunicación y Poder*. Alianza Editorial. Cultura Libre.

Castles, S. Miller, M.J. (1998). *The Age of Migration International Population Movements in the Modern World*. Guilford Press.

Cierco, T. (2017). *Esclarecendo conceitos: refugiados, asilados políticos, imigrantes ilegais*. Em J. Woischnik (Ed.), *Fluxos migratórios e refugiados na atualidade*. Fundação Konrad Adenauer.

Convey, J. A. Kupiszewski, M. (1996). *Migration and Policy in the EU, Population Migration in the EU*. Em: Philip Rees e outros, Ed. John Wiley Sons.

Correia, F., & Martins, C. (2024). *Country report: Portugal*. In *Media landscapes. Expert analysis of the state of media*: European Journalism Centre.

Cunha, M.I. (2007). *Vicinalidade e parentesco: limites, categorias e práticas*, Universidade do Minho: IDEMEC.

DeFleur, M. L. (2010). *Mass communication theories: Explaining origins, processes, and effects*. Boston, MA: Allyn & Bacon (an imprint of Pearson).

Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/141094/2/524320.pdf>

Douglas, M. (2002). *Purity and Danger: An Analysis of Concepts of Pollution and Taboo*. TAYLOR & FRANCIS LTD.

Dyer, R. (1993) *The Matter of Images: Essays on Representations*. London: Routledge.

Esteves, J. P. (Ed.). (2009). *Comunicação e sociedade* (2ª ed., *Media e Jornalismo*). Lisboa: Livros Horizonte, Centro de Investigação Média e Jornalismo.

Esteves, J.P. (2002) "O Estudo dos Meios de Comunicação e a Problemática dos Efeitos", in João Pissarra Esteves (org.), *Comunicação e Sociedade*, Lisboa, Centro de Investigação Média e Jornalismo.

Ferin, I. (2002) "Imigração E Racismo: 10 Anos Nos Media" In *A Imigração Em Portugal*, edited by SOS Racismo. Lisboa: SOS Racismo.

Ferin, I. (2005). *Teorias da Comunicação*. Edições 70.

Ferin, I. (coord.), Policarpo, V.M. Monteiro, T.L. Felgueiras, R. (2002). *Media e discriminação: um estudo exploratório do caso português*. Observatório, nº 5.

Ferin, I. Santos, C.A. (2006) *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*, Lisboa, Observatório da Imigração, Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME).

Ferin, I. Santos, C.A. Silveirinha, M.J. Peixinho, A.T. (2004). *Media, Imigração e minorias étnicas*. Alto-comissariado para a imigração e minorias étnicas (ACIME). Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/imprensa.pdf/c34795b7-a08a-4907-9bd8-5451db144225>

Ferin, I., Santos, C. A. Filho, W. Fortes, I. (2008). *Media, imigração e minorias étnicas*. Observatório da Imigração. Lisboa: Alto-comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).

Fernandes, D. de Castro, M. C. G. (2013). *Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal*. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7769105>

Fernandes, D., Peixoto, J., & Oltramari, A. P. (2021). *A imigração em Portugal e os seus territórios: dinâmicas e políticas migratórias em tempos de pandemia*.

Ferrés, J. (1998). *Televisão subliminar: socializando através de Comunicações Despercebidas*. Trad. Ernani Rosa e Beatriz A. Neves. Porto Alegre: Artmed.

Filho, J. F. (2004). Media, estereótipo e representação das minorias. *Revista EcoPós*, 7(2).

França, T. Padilla, B. (2018). Imigração brasileira para Portugal: entre o surgimento e a construção mediática de uma nova vaga. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v.33, n. 2.

Freire, J. F. (2004). Mídia, estereótipo e representação das minorias. *ECO-PÓS*, vol.7, nº2.

Georgiou, M. (2006) *Diaspora, Identity and the Media: Diasporic Transnationalism and Mediated Spatialities*. Hampton Press.

Gerbner, G., Gross, L., Morgan, M., Signorielli, N., & Shanahan, J. (2002) "Growing up with television: Cultivation processes", in J. Bryant & D. Zillmann (Eds.), *Media effects: Advances in theory and research*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers.

Giddens, A. (2008). *Sociologia*. Polity Press.

Gilberto Gomes, P. (2018) "From the media to mediations: Jesús Martín-Barbero in the Unisinos communication theory". *Matrizes*, V. 12 - Nº 1.

Góis, P. Marques, J.C. (2018) Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. e-Cadernos CES [Online] Disponível em: <https://journals.openedition.org/eces/3307>

Goulart, P. (2015). *A Imigração Africana em Portugal: Entre a Adaptação e a Integração*. Lisboa: Edições Cosmos.

Grohmann, R.; Mauro, R. (2015) "O Potencial Teórico do Conceito de Mídia e os Estudos sobre Classes Sociais na Comunicação", in Universidade de São Paulo, V. 4, Nr 1.

Hall, S. (1980) *Encoding/Decoding*. In: Hall, Stuart, et al. *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies*. Routledge.

Hall, S. (1990) *Cultural Identity and Diaspora*. In: Rutherford, Jonathan (Org.). *Identity: Community, Culture, Difference*. Lawrence & Wishart.

Hall, S. (1995) "The Whites of Their Eyes: Racist Ideologies and the Media." In *Gender, Race, and Class in Media: A Text-Reader*, edited by Gail Dines and Jean M. Humez. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Hall, S. (1996) "Cultural Studies: Two paradigms" in STOREY, John (org.), *What is Cultural Studies? A Reader*, London: Arnold.

Hall, S. (1997) *Doing Cultural Studies*. Londres: Sage/The Open University.

Hall, S. (1997) *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. Sage Publications.

Hall, S. (1997). *The Spectacle of the "Other"*. In S. Hall (Ed.), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: Sage Publications.

Hall, S. (2006) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A.

Hall, S. (2014) *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; Petrópolis - Rj: Editora Vozes.

Hall, S. (2016) *Cultura e Representação*. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri.

Hall, S. (2017) *The Fateful Triangle: Race, Ethnicity, Nation*. Harvard University Press.

Hall, S.; Hobson, D.; Lowe, D ; Willis, P. (1980) "1980: Culture, Media, Language" London/New York: Routledge/CCCS.

Hall, S., du Gay, P., Janes, L., et al. (Eds.). (1999). *Formations of modernity*. Open University.

Hanson, R. E. (2014) "Living in a Media World" in Thousand Oaks.

Held, D. Moore, H. L. (2017). *The essential Stuart Hall*. Yale University Press.

Herzog, H. (1944). What do we really want to know about the audience? In *The communication of ideas: A series of addresses*. Columbia University Press.

Hoggart, R. (1957) “The Uses of Literacy: Aspects of Working-Class Life” Londres, Chatto and Windus.

Hohenberg, J. (1976). *The Press and the Modern Presidency*. University of Chicago Press.

Jensen, K. B. (2002) “Media effects: quantitative traditions”, in K. B. Jensen (Ed.), *Handbook of media and communication research: qualitative and quantitative methodologies*. Londres: Routledge.

Jiménez, A. G., López, M. C., & Pisionero, C. G. (2012). A vision of uses and gratifications applied to the study of internet use by adolescents. *Communication and Society*.

Katz, E., Blumler, J. G., & Gurevitch, M. (Eds.). (1974). *The Uses of Mass Communications: Current Perspectives on Gratifications Research*. Sage Publications.

King, R; Wood, N. (Eds.). (2019). *Media and Migration: Constructions of Mobility and Difference*. Routledge.

Kitzinger, J. (1999). The Role of the Media in the Construction of Public Understanding of Science and Technology. In *Science and the Media: An Overview of Current Research*.

Klapper, J. (1960) “The Effects of Mass Communication”. New York: *European Journal of Communication*.

Krippendorff, K. (2013). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology* (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications.

Lázaro, A. (1999) “Processamento de Informação Proveniente dos Mass Media. Comunicação e Sociedade”, in *Cadernos do Noroeste, Série Comunicação*, Vol. 12.

Lazarsfeld, P.; Merton, R. (2000) “Comunicação de Massa, Gosto Popular e Organização da Ação Social”. *Teoria da Cultura de Massa*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Lima, J. (2000). *Comunicação e Sociedade: Perspectivas Teóricas*. Editora Horizonte.

Lippmann, W. (1998) *Opinião Pública*. Editores de transações. New Brunswick. 2ª Edição.

Lopes, F. (2012), *Vinte Anos de Televisão Privada em Portugal*, Lisboa: Editora Guerra & Paz.

Machado, I. J. R. (2007). Reflexões sobre a imigração brasileira em Portugal, *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.5889>

Magalhães, C.F.M. (2022). A representação de imigrantes e minorias étnicas em pandemia. [Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra] Disponível em: [https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/104111/1/CatarinaMagalh%C3%A3es\\_versaofinal.pdf](https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/104111/1/CatarinaMagalh%C3%A3es_versaofinal.pdf)

Mamman, A. Richard, D. (1996). Perceções e possibilidade de ajustamento intercultural. *Internacional Bussiness Review Elsevier*. Vol. 5.

Martín-Barbero, J. (1997) “Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia”. Rio de Janeiro, Editora UFRJ.

Martín-Barbero, J.; MIER VEGA, L. J. (1993) “De la filosofía a la comunicación”. *Revista Comunicación*, Caracas, v. 18, n. 82.

Martins, G. S. (2014). *Migrações e Cidadania*. FFMS.

McCombs, M. (2004). *Setting the Agenda: The Mass Media and Public Opinion*. Cambridge, UK: Polity Press.

Mccombs, M. E. SHAW, D. L. (2000). A Função do Agendamento dos Media. Em N. Traquina, *O poder do jornalismo - Análise e Textos da Teoria do Agendamento*. Minerva Editora.

McCombs, M. E. Shaw, D. L. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, 36(2).

McQuail, D. (2000) “*Mass Communication Theory*” Sage Publications, London.

McQuail, D. (2003) “Teoria da comunicação de massas” Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Minayo, M. C. S. (2008). O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde (12ª ed.). Hucitec.

Morley, D. & Silverstone, R. (1990) “Domestic communication – technologies and meanings”. Media Culture Society.

Morley, D. (1980). “The «Nationwide » Audience”. Londres: BFI.

Neves, A. M. C. S. (2020). Análise Qualitativa: Fundamentos e práticas (2ª ed.). Edições Sílabo.

Nobre Anastácio, J.F. (2019). O fenómeno migratório, a imigração em Portugal e o impacto no desenvolvimento dos países de origem - os casos das comunidades Cabo-Verdiana e Ucraniana [Tese de Mestrado, Universidade Lusíada de Lisboa]. Repositório da Universidade Lusíada. <http://repositorio.ulusiada.pt/>

Noelle-Neumann, E; Peterson, T. (2004) “The spiral of silence and the social nature of man”, in L. E. Kaid (Ed.), Handbook of political communication research.

Noelle-Neumann, E. (1973). Return to the concept of powerful mass media. Studies of Broadcasting.

Noelle-Neumann, E. (1974). “The spiral of silence: a theory of public opinion”. Journal of Communication.

Noelle-Neumann, E. (1979) “Public opinion and the classical tradition: a re-evaluation”. Public Opinion Quarterly.

Oliveira, C.R, Gomes, N. (2014). *Comunidades de Imigrantes em Portugal: Perfis e Contextos de Integração*. Lisboa: Observatório das Migrações, Alto Comissariado para as Migrações.

Oliveira, C.R. (2023) Imigração em números. Indicadores de Integração de Imigrantes: Relatório estatístico anual 2023. 1ª ed. Observatório das Migrações. Disponível em: <https://migrant-integration.ec.europa.eu/system/files/2023-12/Relatorio%20Estatistico%20Anual%20-%20Indicadores%20de%20Integracao%20de%20Imigrantes%202023.pdf>

Palácio de Azevedo, F. (2017) “O Conceito de Cultura em Raymond Williams”. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade. Vol.3.

Patarra, N. L. (2006). Migrações internacionais: teorias, políticas. Estudos avançados, 20(57). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200002>

Patton, M. Q. (2002). Qualitative Research & Evaluation Methods (3rd ed.). SAGE Publications.

Pequito, J.P.F.L. (2009). Políticas de Imigração, estado de bem-estar e população imigrante em Portugal [Tese de Mestrado, Universidade Técnica de Lisboa]. Disponível em:

<https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1149/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Mestrado%20Jos%C3%A9%20Pedro%20Pequito.pdf>

Portela, P. (2019) “Introdução aos Estudos de Audiência”. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.

Portes, A. (1998). Social Capital: its origins and applications in Modern Sociology- In Annual Review of Sociology.

Portes, A; Fernandez-Kelly, P. (2015) "The State and the Grassroots: Immigrant Transnational Organizations in Four Continents." Berghahn Books.

Quivy, R; Campenhoudt, L. V. (2008). Manual de investigação em ciências sociais. Gradiva.

Ribeiro, J. C. (2003). A Entrevista: Teoria e Prática (1ª ed.). Edições Universidade do Porto.

Rodrigues, D. Correia, T. Pinto, I. Pinto, R. Cruz, C. (2013). Um Portugal de Imigrantes: exercício de reflexão sobre a diversidade cultural e as políticas de integração.

Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3424/1/Um%20Portugal%20de%20Imigrantes.pdf>

Rosa, M. J., Seabra, H., & Sanrtos, T. (2003). Contributos dos "imigrantes" na demografia portuguesa. Alto-Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas (ACIME). Disponível em:

<https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/177157/Estudos+OI+4.pdf/5615ff5f-bcca-4035-a2fb-37fcba964c9b>

Ruggiero, V. (2000). "Uses and Gratifications Theory in the 21st Century." *Mass Communication & Society*.

Sánchez-Montijano, E. Ayuso, A. (2012). Migrações entre Brasil e Europa. Oportunidades para uma agenda renovada. Economia, parlamentos, desenvolvimento e migrações.

Santos, A. C. (2021). Imigração e Representações Mediáticas: O Caso Português. *Revista Portuguesa de Comunicação e Media*, 15(2).

Santos, C.L.M (2021). *Profiling Racial* – um estudo preliminar. [Tese de Mestrado, Universidade do Porto] Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/141094>

Saperas, E. (1993) “Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas: As Recentes Investigações em Torno dos Efeitos da Comunicação de Massas: 1970-1986” Publicação Porto: Asa.

Saperas, E. (2000) “Os Efeitos Cognitivos da Comunicação de Massas” Lisboa: Edições Asa.

Sassen, S (1998) *Globalization and Its Discontents: Essays on the New Mobility of People and Money*. New Press.

Sassen, S. (1996). “Losing Control?”, New York, Columbia University Press.

Sassen, S. (1999). *Guests and aliens*. The New Press.

Sayad, A. (1991) *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. Edusp- Editora da Universidade de São Paulo.

Seale, C. (2018). *Researching Society and Culture* (4th ed.). SAGE Publications.

Shrum, J. (2002) “Media Consumption and Perceptions of Social Reality: Effects and Underlying Processes”, in BRYANT, J; ZILLMAN, D. (org.) *Media Effects: advances in Theory and Research*.

Silva, J.C.J. Góis, P. (2017) *A imigração e a mídia. Entre a utopia da invisibilidade social e os direitos humanos universais*. *Revista de Estudos Internacionais*.

Silveirinha, M.J. Peixinho de Castro, A.T. (2004) A construção discursiva dos imigrantes na imprensa, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 69.

Silverstone, R. (2002) “Por que estudar a mídia”. São Paulo: Loyola.

Smets, K., Bozdağ, Ç. (2021). Editorial introduction. Representations of immigrants and refugees: News coverage, public opinion and media literacy. *Media, Culture & Society*, 43(2).

Souza, M.C. Santos, B, M. (2014). A União Europeia e sua perspectiva multiculturalista: reafirmação de respeito aos Direitos Humanos. *Themis. Revista da ESMEC*.

Suess, P. (2001) Contextualidade, gratuidade, universalidade: discernimentos, tarefas e respostas da comunidade missionária no mundo global. Brasília: CSEM.

Tefertiller, A; Sheehan, K. (2019). TV in the Streaming Age: Motivations, Behaviors, and Satisfaction of Post-Network Television. *Journal of Broadcasting and Electronic Media*, 63(4).

Teixeira, N.S. (2010). Breve Ensaio sobre a Política Externa Portuguesa. *Relações Internacionais*, 28.

Thomas, S. (1977). The Relationship between Daytime Serials and Their Viewers. *Dissertations (ASC)*.

Traquina, N. (2001) *Jornalismo: Questões, Teorias e 'Estórias'*. Lisboa: Veja.

Vala, J. (1999) “A análise de conteúdo”, em Augusto Santos Silva e José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento.

Valdigem, C. (2005) "Brasileiros e Ciganos no Prime-Time Português: Estudo De Caso." *Comunicação & Cultura* 1: p. 99-115.

Vianna, F. A. F. (2015). Criminalização, Teoria do Etiquetamento e Racismo Institucional na Polícia: Autorrealização de uma amarga profecia. *Revista Jurídica da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo*.

Williams, R. (1989). *Culture is ordinary*. Verso.

Williams, R. (1992) “Cultura”. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Wolf, M. (2003) The uses and gratifications approach: An assessment of the state of the art. In Media psychology. Routledge.

Wolf, M. (2005) “Teorias da Comunicação de Massa” 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

Woodward, K. (2000) Identidade e Diferença: Uma Introdução Teórica e Conceitual. Editora Brasiliense.

Woodward, K. (2014) Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; Petrópolis - Rj: Editora Vozes.

## Outros documentos

Definição de “Migrante” de acordo com a Organização Internacional para a Migração. Disponível em: <https://www.retornovoluntario.pt/index.php>

Definição de “Refugiado” de acordo com a Convenção de Genebra. 1951. ACNUR. Disponível em: [https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao\\_relativa\\_ao\\_Estatuto\\_dos\\_Refugiados.pdf](https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf)

Estudo Eurobarómetro Especial 469 – Observatório das Migrações (OM) – Imigração em Números - Relatório Estatístico Anual. Disponível em: <https://migrant-integration.ec.europa.eu/system/files/2023-12/Relatorio%20Estatistico%20Anual%20-%20Indicadores%20de%20Integracao%20de%20Imigrantes%202023.pdf>

*The Media Pluralism Monitor 2024*. Centre for Media Pluralism and Media Freedom. Disponível em: <https://cmpf.eui.eu/local-media-for-democracy-country-focus-portugal/>

“O que são os Estudos Culturais?” Por Angela McRobbie. Disponível em: <https://www.thebritishacademy.ac.uk/blog/what-is-cultural-studies/>

População estrangeira e fluxos migratórios em Portugal. Relatório do INE, PORDATA. Disponível em: <https://pmf-sef.pt/wp-content/uploads/2023/12/PORDATA-dia-Internacional-dos-Migrantes-2023-12-12.pdf>

Portal de Dados de Migração Global - Centro de Análise de Dados de Migração Global da Organização Internacional para as Migrações (OIM). Disponível em: [https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine?\\_gl=1\\*\\_1vnv1q6\\*\\_rup\\_ga\\*MTU0ODkzMTUxMy4xNzE5MzM5OTA1\\*\\_rup\\_ga\\_EVDQTJ4LMY\\*MTcyNDg1NTE4Mi41LjEuMTcyNDg1NzIzNC42MC4wLjA.\\*\\_gcl\\_au\\*OTk0NTEzMDQ5LjE3MTkzMzk5MDU.\\*\\_ga\\*MTU0ODkzMTUxMy4xNzE5MzM5OTA1\\*\\_ga\\_1NY8H8HC5P\\*MTcyNDg1NTE4Mi41LjEuMTcyNDg1NzIzNC42MC4wLjA](https://data.unhcr.org/en/situations/ukraine?_gl=1*_1vnv1q6*_rup_ga*MTU0ODkzMTUxMy4xNzE5MzM5OTA1*_rup_ga_EVDQTJ4LMY*MTcyNDg1NTE4Mi41LjEuMTcyNDg1NzIzNC42MC4wLjA.*_gcl_au*OTk0NTEzMDQ5LjE3MTkzMzk5MDU.*_ga*MTU0ODkzMTUxMy4xNzE5MzM5OTA1*_ga_1NY8H8HC5P*MTcyNDg1NTE4Mi41LjEuMTcyNDg1NzIzNC42MC4wLjA).

Relatório Estatístico Anual de Integração de Imigrantes (2023). Observatório das Migrações. Disponível em: <https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/383402/Relatorio+Estatistico+Anual+-+Indicadores+de+Integracao+de+Imigrantes+2023.pdf/a9a05525-889e-4171-8066-6d7217416664>

Relatório Pordata 2022. Disponível em: <https://pmf-sef.pt/wp-content/uploads/2023/12/PORDATA-dia-Internacional-dos-Migrantes-2023-12-12.pdf>

Site oficial da Agência da Organização das Nações Unidas para os Refugiados(ACNUR):[https://pacnur.org/pt?utm\\_source=gads&utm\\_medium=cpc&utm\\_campaign=sem&gad\\_source=1&gclid=CjwKCAjwlbU2BhA3EiwA3yXyu-tYA9Z7cwvlSgodM7mk5a9Mk0VqyIfUbdHZUWgjOya2A2\\_DT0xPqRoCN4oQAvD\\_BwE](https://pacnur.org/pt?utm_source=gads&utm_medium=cpc&utm_campaign=sem&gad_source=1&gclid=CjwKCAjwlbU2BhA3EiwA3yXyu-tYA9Z7cwvlSgodM7mk5a9Mk0VqyIfUbdHZUWgjOya2A2_DT0xPqRoCN4oQAvD_BwE)

Site oficial da Agência para a Integração Migrações e Asilo: <https://aima.gov.pt/pt>

# **ANEXOS**

## **Entrevistas**

*Os nomes dos entrevistados são fictícios para garantir a proteção das suas identidades e preservar a sua privacidade ao longo do estudo.*

## Entrevista 1 - imigrante

**Nome:** Nadiya

**Idade:** 48 anos

**Sexo:** feminino

**Nacionalidade:** ucraniana

**Estado civil:** divorciada

**Habilitações:** licenciatura

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Cheguei a Portugal em 2014. Já lá vão 10 anos.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R - Na altura, ainda era uma mulher casada. Tínhamos acabado de ser pais pela primeira vez e procurávamos proporcionar as melhores condições para o nosso filho. Desde a educação, ao sistema de saúde... e Portugal pareceu-nos a escolha certa.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R - Quando cheguei em 2014 tinha apenas a companhia do meu ex-marido e do meu filho pequeno. Hoje já tenho vários amigos e colegas de trabalho. Sou enfermeira, conhecemos muitas pessoas nesse ramo.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - Não, não recebo qualquer apoio.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R - Ao início senti alguma dificuldade, sim. Ainda me recordo. A principal dificuldade prendia-se com a língua. Acho a língua portuguesa uma língua muito difícil e não conseguia comunicar com as outras pessoas. Hoje já falo muito bem como pode ver... Para o meu filho, por exemplo, já foi mais fácil. Como chegou muito novo, teve mais facilidade em aprender português na escola com os amigos e com os professores.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - Não me lembro de alguma vez ter sofrido com isso. Acho que termos vindo de um país do leste da europa também ajuda. Tanto eu como o meu filho somos loiros e temos os olhos claros... isso faz diferença.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Sim.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R - Praticamente todos os dias da semana.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R - Acho que a questão aqui deveria ser a forma como são mencionados e não a regularidade [com que são mencionados]. De que serve sermos mencionados muitas ou poucas vezes se sempre que o fazem é para dizer algo negativo?

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R - Acho que há algumas diferenças. No meu caso, que venho da Ucrânia, só se ouve falar de notícias sobre a guerra. Desde 2022 que só se fala nisso. Até somos vistos como “os coitadinhos” que foram obrigados a deixar o país por causa do Putin. Atualmente somos a segunda maior comunidade estrangeira em Portugal logo a seguir aos brasileiros. Perguntam-me muitas vezes se vim para Portugal para fugir da guerra, mas a verdade é que já cá estou há vários anos. Acho que atualmente há muito essa ideia... de que todos os ucranianos imigrantes em Portugal estão a fugir da guerra e que é uma tendência recente. No caso dos refugiados que vêm do [Médio] Oriente, é só desgraças. Uma embarcação que se afundou aqui, um terrorista que matou não sei quantas pessoas ali... esse modo de representação leva à criação de estereótipos na cabeça das pessoas e é muito difícil contrariar isso.

Além disso, ainda há outra coisa... O que mais me aborrece por vezes nem é a forma negativa como nos representam, mas sim a fraca palavra que temos a dizer. É comum [os meios de comunicação] retratarem os imigrantes e os refugiados, mas são raros aqueles

que são entrevistados e que se podem defender. Acho que se estão a falar de nós, no mínimo, deveríamos ter uma palavra a dizer.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R - Na televisão, a última que me lembro de ter visto foi sobre a reeleição de Donald Trump, se não me falha a memória... que se for reeleito, vai continuar a construir aquele muro entre os Estados Unidos e o México para acabar com a imigração ilegal.

Mas sem ser na televisão, ainda esta semana li uma notícia sobre uma operação da GNR que detetou 60 e tal imigrantes irregulares em Odemira. A maioria das notícias são todas assim...se me perguntar qual foi a última vez que li ou vi uma notícia positiva sobre imigrantes, eu não lhe sei dizer. E não é só um ou outro canal, são todos.

Não me senti identificada porque felizmente a minha situação sempre esteve regularizada desde que cheguei a Portugal..., mas acho que também era importante os jornalistas falarem sobre aqueles que estão cá de forma legal e o quanto ajudamos o país.

No ano passado contribuímos mais para a segurança social do que aquilo que usufruímos, por exemplo.

**P - Considera que os diferentes media abordam os refugiados e imigrantes da mesma maneira?**

R - Sinceramente não tenho bem perceção da realidade noutros meios. Cá em Portugal não ouço rádio nem costumo ler jornais em papel, só vejo televisão. Depois costumo é estar atenta às redes sociais para saber o que se passa lá fora. Foi a maneira que arranjei de estar próxima da Ucrânia e dos acontecimentos do meu país.

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R - Não, pessoalmente, a minha integração nunca foi afetada pelas notícias sobre imigrantes ucranianos, em específico. Mas em relação a outros imigrantes, que vêm de outros países menos desenvolvidos, acredito que a sua integração possa ser mais complicada. A maneira como os jornalistas falam de imigrantes e descrevem os acontecimentos hoje em dia de certeza que afeta a forma como são vistos pela sociedade. Isso pode ser muito perigoso na hora da integração.

## Entrevista 2 - imigrante

**Nome:** Camila

**Idade:** 41 anos

**Sexo:** feminino

**Nacionalidade:** brasileiro-italiana

**Estado civil:** casada

**Habilitações:** doutoramento

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Cheguei com o meu marido pouco tempo antes da pandemia começar. Em 2019.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R - O meu marido teve um convite para vir trabalhar para a Universidade Católica e veio com Visto de Profissional Altamente Qualificado. Agora vivo com ele e com a nossa filha de quatro anos.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - Não estou nem nunca estive. Nem a minha família.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - O meu caso é muito específico. Eu sou brasileira, mas também tenho passaporte italiano. A nível documental, nunca tive qualquer problema. Sou branca, doutora, com uma filha loira de olho azul... e isso dá-me a mim e ao meu marido alguma margem. Somos bem recebidos. O nosso problema começa quando abrimos a boca, quando percebem a nossa nacionalidade. As pessoas assumem que somos do leste europeu e até aí está tudo bem.

Mas quando eu abro a boca e falo português do brasil, cria-se uma barreira. Nós até tentamos ao máximo copiar o vosso sotaque para que isso não aconteça. E até lhe dou um exemplo que aconteceu com o meu marido, não comigo. O meu marido fez várias reuniões com o vice-reitor para Pesquisa e Investigação cá na Universidade Católica,

Petter Hanenberg, que é alemão. E um dia o meu marido chegou a casa e falou para mim: “o Peter está cá há décadas e ainda fala com sotaque alemão.” E é realmente interessante como isso acontece com uma pessoa alemã e nós, brasileiros, esforçamo-nos para falar “casa-de-banho” em vez de “banheiro” ou “frigorífico” em vez de “geladeira”. Tudo isso para que não nos critiquem. E aí o meu marido falou para mim: “eu vou falar português de Portugal quando o Peter também falar português de Portugal” – isto porque o Peter não deixou o sotaque dele e todo o mundo acha um máximo, ninguém julga o sotaque alemão. Mas se o meu marido falar português do Brasil todo o mundo vai criticar. O meu marido falou até isso para o Peter numa reunião e foi um alívio para nós. Atualmente o que fazemos é falar com o nosso sotaque brasileiro, mas usamos as palavras portuguesas por causa da nossa filha que nasceu aqui.

Pessoalmente, já fui vítima de discriminação em Portugal muitas vezes e tenho outro exemplo que posso partilhar. Quando fui tirar o meu número de segurança social e o da minha filha cá em Portugal, achei o processo muito demorado. Eu cheguei e preenchi um formulário com todos os nossos dados, a senhora que me atendeu teve de passar toda essa informação uma a uma para o computador, imprimir e dar-me para confirmar. Eu fui muito educada e fiz o seguinte comentário: “seria interessante e ajudaria se eu escrevesse os dados em casa e quando eu viesse cá você confirmava se os dados batiam”. Um homem que estava atrás na fila manifestou-se e disse: “vêm para o nosso país e ainda nos quer ensinar a trabalhar”. Eu saí dali muito mal e chorei muito. Se eu e a minha filha fossemos do norte da europa, esse comentário e outros nunca aconteceriam. Mas somos brasileiras... E eu acho que isso acontece porque nós seremos sempre colónia. Brasileiro será sempre colónia de Portugal. Aquela primeira imagem do indígena ou das prostitutas que vêm roubar os maridos não desaparece. As mulheres brasileiras são constantemente associadas a esse estereótipo. Com os anos pode sofrer alterações, mas não vai desaparecer. Eu não sinto a discriminação que sinto em Portugal quando vou a Espanha, por exemplo. É uma relação colónia-metrópole que é feita lá em 1500 e que se mantém até hoje e acho que ela não vai mudar. Não vai mudar, mas pode ser trabalhada...

**P - E como é que essa imagem pode vir a ser trabalhada? Será que os meios de comunicação poderão ter um papel importante nesse aspeto?**

R - Eu sou da área de Educação para a Cidadania e para os Direitos Humanos por isso essa questão é muito interessante. Você não muda uma cultura falando com adultos. Se

você tiver uma mediação cultural dentro das escolas, dentro das instituições públicas, essa é a verdadeira receita da transformação. Em relação aos meios de comunicação, essa não é a minha área, mas a minha grande dor é saber que o que está a acontecer agora não é traduzido de forma humanitária pelos media, sabe!? É traduzido em forma de mercado, de sensacionalismo, de populismo. Essa imagem incomoda-me muito. Além disso, tem uma outra questão... e está relacionada com a nossa voz nos meios de comunicação. Teve um movimento grande no Brasil sobre o “local de fala”. Usamos esse conceito quando queremos referir que este é o meu lugar e por isso eu devo falar. Deixa eu dar o exemplo: se eu sou da periferia, vivo numa favela e sou uma pessoa negra, eu não quero um branco na televisão a falar sobre mim. Ele não sabe, ele pode ter estudado, mas ele não sabe sobre mim. Esse é o meu lugar de fala, por isso, eu devo falar. E isso nem sempre acontece nos media em Portugal. Não seria maravilhoso se quando chamam um especialista para falar sobre refugiados, chamassem também um refugiado afegão para dar outro ponto de vista?! Eu acho que isto acontece porque, primeiro, os meios de comunicação não têm interesse que seja dado outro ponto de vista se não a agenda deles e, em segundo, porque não têm respeito pelos imigrantes. Isso tem de ser trabalhado.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Tenho. E vejo muito televisão. Gosto muito da televisão e das notícias portuguesas. O meu marido nem tanto... também é imigrante, mas ainda não se habituou. Eu assisto todos os canais de notícias portuguesas.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R - Vejo notícias duas a três vezes por semana. Acho muito interessante que aqui em Portugal as notícias mostram coisas sobre Portugal, mas também sobre o resto da Europa e do mundo. No Brasil, por exemplo, as notícias são perspectivas muito locais e focadas no que se passa no país ou num Estado em específico. Só temos uma perspectiva internacional quando há assim um evento muito grande.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R – Existem diferentes formas de representação nos media portugueses. Existe aquele imigrante de turismo, o alemão, o francês... Ele é representado como o imigrante que

vem com dinheiro, o chamado imigrante “VIP” ou imigrante visigodo que é sempre muito bem visto. E existe um imigrante que vem de países mais pobres, como é o caso do meu. Esse imigrante vem atrás da qualidade de vida e de uma vida europeia. Na verdade, eles não vêm por Portugal, mas sim atrás de uma vida na Europa e Portugal faz parte disso. E cada vez que os media falam na relação desse imigrante com o Estado, ele é visto como um pedinte. O imigrante vem e utiliza dos serviços do Estado sem ser nacional. Agora quando falam em refugiados, e isto não acontece necessariamente só nas notícias, falam em refugiados que se beneficiam de alguma coisa... seja de uma ONG, seja de um programa de governo, seja de trabalho de comunidade. Acho que esse é o *label* que os refugiados têm no mundo todo. Temos um exemplo de refugiado que foge completamente desse padrão, mas que não deixa de ser refugiado: o ex-ministro dos negócios estrangeiros do Afeganistão que vive no Cacém. Altamente qualificado, com família, com os costumes dele - é muçulmano – e precisa de ajuda do Estado. Na minha perspetiva, os imigrantes vêm atrás da experiência e da vida da Europa e os refugiados têm dificuldade em consegui-la. No caso dos ucranianos já é diferente. Eles são refugiados, mas não têm estigma de refugiados, têm estigma de imigrantes. São trabalhadores qualificados, principalmente na área hoteleira e de restauração, e por isso não se coloca os ucranianos na mesma caixa que os afegãos, por exemplo. Eu lembro-me de ter visto uma reportagem assim que começou a guerra na Ucrânia e os entrevistados afirmavam que eles eram muito bem-vindos para Portugal porque eles eram a mão-de-obra que era necessária para o país. É muito fácil querer ter empregados de hotel e rececionistas que sejam brancos, loiros de olhos azuis, cristãos, europeus que sabem falar inglês e que não precisam de fazer adaptação praticamente nenhuma a não ser a língua. Lembro-me muito claramente desta notícia e deixou claro como os media fazem diferenciação entre um refugiado europeu e outro refugiado.

**P- Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R- Eu acredito que essas representações moldem as pessoas. Eu lembro-me de estudar os media como quarto poder na minha formação e, de acordo com a minha análise, acho que atualmente vivemos uma agenda europeia de direita e a verdade é que essa agenda é a de ver o refugiado numa situação de necessitar do Estado para sobreviver. Os media têm essa agenda e influenciam dentro dessa perspetiva. Quem tem um pouco mais de senso

crítico consegue ver as imagens transmitidas pelos media, absorver e rebater interiormente.

Mas quem não tem, assume a notícia como verdade. O sensacionalismo e a popularização assustam, mas fazem parte da cultura de massas. Na minha opinião, a agenda positiva para os refugiados nunca foi muito trabalhada em Portugal e fazer notícia positiva sobre os refugiados ou imigrantes é um trabalho que a sociedade civil deveria ter de começar a fazer.

## Entrevista 3 - imigrante

**Nome:** Tatiane

**Idade:** 26 anos

**Sexo:** feminino

**Nacionalidade:** brasileira

**Estado civil:** solteira

**Habilitações:** a completar mestrado

**P-Há quanto tempo está em Portugal?**

R- Há dois anos.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R - Vim para Portugal para dar continuidade aos meus estudos. Portugal possui excelentes programas de mestrado. Apesar do meu país também ser forte na área da Comunicação, eu quis ampliar os meus horizontes e não me limitar apenas à formação no Brasil.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R- Sim. Quando me mudei não conhecia ninguém. Vim sozinha para Portugal. Não conhecia sequer a minha família mais distante. Só tive o primeiro contacto com a minha família portuguesa após vários meses... e mesmo assim não era algo frequente. Já as amizades, formei ao longo destes dois anos.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - Não. Apenas me mantive com a ajuda dos meus pais, minhas economias e trabalhos que ia fazendo paralelos aos estudos.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R – Senti algumas dificuldades. A universidade foi um ambiente fácil de me integrar, porém eu morava numa residência estudantil. Além das diferenças culturais, o convívio com pessoas de diversos países foi algo completamente novo para mim. Tinha coisas

positivas e coisas negativas. Acho que parte da dificuldade também foi financeira... ter de começar uma vida nova do zero e sozinha em Portugal não foi fácil.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - Sim, diversas vezes. Eu trabalhei num restaurante. Mesmo sendo estudante, quando você trabalha num emprego considerado como “sub-emprego”, a forma como te tratam e olham é diferente. Não eram todos, mas havia clientes que me tratavam mal, seja pelo meu sotaque ou pela minha origem. Cheguei a sofrer com assédio sexual e físico no trabalho pelos clientes. O assédio sexual veio de clientes me convidando para ter relações sexuais, tratavam-me com linguagem imprópria, falavam sobre o meu corpo e me olhavam muito. A parte física sofri com clientes que me sacudiram, gritaram comigo e até deram um tapa na minha mão. Algumas situações aconteceram na residência da minha universidade. A diretora era uma pessoa muito rude e era perceptível a distinção de tratamento entre as moradoras europeias e latino-americanas. Houve momentos em que pela mesma ação levei “broncas” enquanto as europeias eram tratadas com preocupação, por motivos que não cabia a direção interferir. Também teve casos onde eu estava doente e a direção me acusou de estar com dengue ou febre amarela, mesmo quando os meus sintomas não condiziam com as doenças. A febre amarela foi erradicada da região sudeste onde eu morava no Brasil desde a década de 1980...

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Sim, nas áreas de convívio comum.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R - Todas as manhãs quando tomo o pequeno-almoço.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R- Sim, são mencionados com frequência. Porém acho que a maior parte das vezes é com conotação negativa e muito raramente com conotação positiva. Normalmente a minha impressão é que as notícias em Portugal são repetitivas e um assunto é discutido até se esgotar.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R - Nas notícias há claramente diferença conforme a origem e o motivo de imigração. Por exemplo, um refugiado da Ucrânia e um refugiado da Síria não são vistos ou apresentados nas notícias da mesma forma e são ambos refugiados a fugir da guerra. Na minha opinião, os meios de comunicação em Portugal discutem mais tragédias do que notícias com cunho positivo ao se tratar de imigrantes e refugiados.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R - A última notícia que me recorde foi sobre uma briga num bar em que um brasileiro morreu. De certa forma me identifiquei, porque a segurança é sempre uma preocupação quando você está num país diferente do seu e sozinha.

**P - Considera que os diferentes media abordam os refugiados e imigrantes da mesma maneira?**

R - Não. Os veículos tradicionais, a imprensa, a televisão e a rádio, parecem mais engessados no mesmo discurso, quase sempre abordando tragédias. Porém o ambiente digital costuma ter mais diversidade, sendo mais aberto a discussão de problemas e até mesmo assuntos positivos, como cultura, estilo de vida, contribuição a sociedade, entre outros tópicos que também fazem parte da vida dos refugiados e imigrantes.

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R - Sim, já senti. Na minha opinião, os meios de comunicação podem interferir na forma como um grupo social é visto. Se só assuntos trágicos e assustadores forem mostrados, isso pode se refletir na forma como um determinado grupo é visto pela sociedade e dificultar a sua integração.

## Entrevista 4 - imigrante

**Nome:** Bianca

**Idade:** 33 anos

**Sexo:** feminino

**Nacionalidade:** brasileira

**Estado civil:** casada

**Habilitações:** Mestrado

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Há seis anos.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R- A razão foi laboral. O meu marido recebeu uma boa proposta de trabalho e decidimos nos mudar do Brasil para cá.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R- Vivo só com o meu marido, também imigrante brasileiro, e com as minhas duas filhas nascidas cá. Os amigos que tenho fiz depois de chegar.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - Não.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R - Sim, senti. Senti dificuldades porque acho que já existe uma ideia pré-formada acerca dos imigrantes brasileiros. Os portugueses acham que somos sempre pobres porque vimos de um país pobre. Há um preconceito europeu para com os brasileiros e outros países da América Latina. Eu e o meu marido ouvimos uma vez um português dizer que todos os brasileiros em Portugal não têm casa e que não temos o que comer. Inclusivamente essa pessoa ficou surpreendida quando dissemos que nós temos a nossa casa própria. Ele achou isso uma coisa absurda porque para ele todos os brasileiros em Portugal estão a passar

dificuldade. Todo esse conceito já formado na cabeça da maioria dos portugueses afeta o nosso dia-a-dia. Por exemplo, uma vez nós fomos ao banco assinar qualquer coisa e acharam que não tínhamos condições de pagar. Isso mexe comigo.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - Sim, já fui alvo. Quando me mudei para Portugal pensei que fosse mais fácil. Já falei com outros imigrantes brasileiros que escolheram Portugal porque achavam que seria uma mudança fácil por causa da língua e da ligação entre os dois países. Mas na verdade, não é tão simples assim. Fiquei muito triste uma vez que estava numa estação de metro conversando com algumas pessoas e perguntaram-me se tinha vindo para cá trabalhar na faxina [limpezas]. Eu fiz mestrado em comunicação e estudei toda a minha vida. Algumas pessoas assumem que os brasileiros são todos pobres e que vêm para Portugal fazer os trabalhos que os portugueses não querem fazer.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Sim.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R - Diariamente.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R - Não acho que sejam mencionados com regularidade. Deviam ser mencionados mais vezes. Só falam em nós quando acontece um evento muito grande ou algo chocante que valha a pena falar. Poderia ser interessante os média falarem sobre esses grupos de forma mais variada e não só sobre as violências e as coisas más que são hábito.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R - No geral acho que são mencionados de uma forma sempre ruim, sabe? Parece que só vale a pena cobrir o assunto se o assunto for relacionado com pobreza, violência, agressões e tudo o que é mau. Gostava que os brasileiros não fossem vistos aqui em Portugal como gente má e pobre porque nós somos mais que isso. E é claro que há

diferenças na maneira como os imigrantes são representados. Um brasileiro que venha para Portugal não passa de mão-de-obra barata, mas um imigrante que venha de um país mais rico é sempre bem-vindo, ele é visto e tratado como superior. Assim, nas notícias quando falam de nós nunca é coisa boa, mas um imigrante alemão ou inglês é diferente. São pessoas com dinheiro que vêm viver para o Algarve ou ali para Cascais. Há muito preconceito com os brasileiros, seja na rua ou na televisão.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R - Eu gosto muito de ver CNN porque vejo lá algumas notícias sobre o Brasil e sobre brasileiros. No outro dia estava na minha sala a ver CNN e passou uma notícia sobre os imigrantes em Portugal que esperam por um trabalho. A notícia chamou a minha atenção porque a maioria eram brasileiros e a jornalista falava que muitos eram pouco qualificados e por isso tinham mais dificuldade em arranjar emprego. A notícia estava muito bem feita, não era muito longa e era esclarecedora. Lembro-me que apresentava as percentagens dos desempregados e as nacionalidades de cada um e também as grandes filas de imigrantes à espera para serem atendidos no IEFP. Mas eu não vi ninguém a falar com os imigrantes e eu acho isso importante. Era bom falarem connosco e perceber o nosso lado se não vai parecer sempre que o brasileiro é preguiçoso e não tem trabalho. Há muito brasileiro que quer trabalhar, mas os serviços aqui em Portugal são muito lentos e com muita burocracia e ficamos meses à espera de uma autorização e de um emprego. É preciso mostrar isso também.

**P - Considera que os diferentes media abordam os refugiados e imigrantes da mesma maneira?**

R - Eu acho que as plataformas digitais, principalmente as redes sociais, têm uma importância muito grande para as comunidades de imigrantes de hoje. Por vezes há falta de esclarecimento na televisão e nos outros meios e é nas redes sociais que vamos buscar ajuda. O acesso é rápido e não nos falta nada. Essa é uma qualidade das novas tecnologias. Além disso, é por lá que mantenho contacto com a minha família e amigos do Brasil.

Eu acho que a televisão em especial tem um papel muito importante nas nossas vidas e na forma como pensamos porque atualmente qualquer pessoa vê televisão. Se as notícias na televisão transmitem e dão a entender que o brasileiro é pobre e agressivo então é normal que as pessoas julguem isso de nós. Acho que deveria haver alguma cautela na

forma como as notícias abordam os imigrantes. No caso dos jornais de imprensa ou da rádio, eu acho que não é tão preocupante assim pois não estamos constantemente a ser “bombardeados” com imagens e vídeos de tragédias e miséria.

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R – Sim, eu vejo muitas notícias sobre brasileiros que me deixam desconfortável. Algumas me deixam muito triste, mas eu tento ignorar e seguir a minha vida. Acho que isso é uma característica boa do brasileiro, tentar não ligar para o que dizem ou acham de você. Acho que há muito preconceito das pessoas que é resultado daquilo que elas veem nas notícias. É preciso realmente ter mais atenção naquilo que é postado e partilhado nos meios de comunicação porque nem toda a gente tem a capacidade de analisar e refletir sobre o que acabou de ver nas notícias.

## Entrevista 5 - refugiado

**Nome:** Navid

**Idade:** 25 anos

**Sexo:** masculino

**Nacionalidade:** iraniana

**Estado civil:** solteiro

**Habilitações:** a completar mestrado integrado

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Há cerca de 1 ano e meio.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R - Eu estava a estudar medicina na Ucrânia e quando a guerra começou tive de sair do país por causa da guerra e por outras razões políticas. Inicialmente mudei-me para outros países europeus, mas era importante para mim residir num país onde conseguisse continuar os meus estudos. Já tinha ouvido dizer que Portugal recebia refugiados estudantes e aqui sei que consigo continuar a estudar na minha área.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R - Não, não tenho.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - Recebo apoio da Segurança Social e tenho Bolsa da Universidade Católica para estudantes em emergências humanitárias.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R - Eu acho que, de uma forma geral, a minha experiência em Portugal até tem sido positiva. No entanto, também houve algumas coisas negativas que dificultaram a minha integração. Quero contar alguns detalhes sobre a minha experiência quando me mudei para que perceba melhor. Quando cá cheguei, cheguei de forma legal porque abriram as

fronteiras para refugiados que vinham da Ucrânia. Tendo em conta a minha situação [um cidadão iraniano a estudar medicina na Ucrânia], esperava que a atribuição de título de residência fosse mais célere, mas demorou cerca de seis meses. Em comparação com outros países europeus onde já estive, demorou bastante tempo. Foram muito difíceis para mim porque eu não tinha provas que era residente em Portugal, não podia abrir uma conta no banco, não podia inscrever-me numa faculdade, não podia fazer nada. Não podia sequer ter aulas de português e isso dificultou um bocado a minha integração aqui.

Claro que esta foi a minha experiência pessoal, nem todos aqueles que vieram da Ucrânia tiveram a mesma experiência. Conheço pessoas que chegaram a Portugal assim que a guerra começou e receberam as autorizações e os títulos de residência muito mais rapidamente, numa semana ou até mesmo em poucos dias. Como eu só vim uns meses mais tarde, foi um processo muito mais longo para mim. No entanto, tentei sempre fazer tudo o que estava ao meu alcance para facilitar e acelerar o processo. Outra situação complicada para mim diz respeito à minha área de estudos. Em Portugal apenas os cidadãos nacionais podem inscrever-se em cursos de medicina. Por alguma razão, não é permitido que cidadãos estrangeiros estudem medicina. Mas tendo em conta a situação, abriram-se vagas especiais para alunos de medicina que vinham de outros países e que pretendiam continuar os estudos. Essas vagas surgiram por volta de agosto de 2022 e eu só cheguei em setembro. Nessa altura havia alguma incerteza se voltariam a abrir novas vagas e quais as faculdades que o fariam. Voltei a sentir-me sem chão. Tinha vindo para Portugal para estudar medicina e nesse momento tudo era uma incógnita. No fim de contas, as faculdades públicas não voltaram a abrir vagas especiais para receberem alunos estrangeiros. No entanto, vim a saber que a Universidade Católica, mesmo antes da guerra na Ucrânia, tinha um programa através do qual aceitam anualmente um número limitado de estudantes estrangeiros para cada um dos cursos. Eu decidi inscrever-me e fui admitido à bolsa de estudos. Isso ajudou-me imenso pois podia finalmente seguir a minha paixão, o meu sonho, e continuar os meus estudos. Tornei-me mais positivo e o processo de integração começou a correr melhor. Sentia que era útil e que podia contribuir para a sociedade. Além disso, a universidade facultava aulas de português, o que foi uma grande ajuda. É de salientar a importância que a Universidade Católica teve no meu processo de integração. Se falarmos ao nível do Governo e dos processos do Estado, penso que tudo poderia ter sido gerido de forma mais organizada. Há falta de respostas e de esclarecimento.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - Antes de chegar a Portugal eu estive na Áustria. Lá senti uma grande discriminação. Rejeitaram completamente e não me quiseram dar autorização de residência permanente pois eu não tinha passaporte ucraniano. Quando estive na Alemanha, por exemplo, foi um bocado melhor. Em Portugal, também. O processo demorou e foi difícil, mas concederam-me a autorização. Penso que há apenas uma cláusula que exige que a pessoa tenha vivido na Ucrânia por mais de dois anos antes do início da guerra. E eu concordo, acho que faz sentido. Não sinto que seja uma lei discriminatória, acho que é bem aplicado para que as pessoas não tirem proveito da situação. Eu vivi na Ucrânia por mais de cinco anos, por exemplo.

Recordo-me de uma situação no departamento de imigração quando cá cheguei. Tenho um amigo marroquino que esteve a estudar na Ucrânia por cinco anos também. Ele veio para Portugal e senti um comportamento diferente para com ele. Perguntaram-lhe: “porque não voltas para o teu país? Lá é seguro. Porque não vais para tua casa?” Essa foi uma das diferenças que senti. Aliás, ainda hoje, o meu amigo não tem autorização de residência.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Não, não tenho.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R – De vez em quando.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R - Daquilo que tenho visto, esses grupos são mencionados algumas vezes na televisão portuguesa, sim. Mas deviam ser mencionados mais vezes. A imagem que as pessoas têm destes grupos é muito diferente da realidade, a representação não é autêntica. A televisão está apenas a tocar na superfície da questão e não informam as pessoas da forma que deviam. Sinto que os meios de comunicação mostram o passado e mostram o presente dos refugiados, mas não demonstram o processo no meio, o processo pelo qual passamos. A televisão não demonstra o nosso lado e acho que as pessoas não compreendem o que significa ser um refugiado ou um imigrante.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R - Eu acho que a televisão em Portugal está a tentar demonstrar os desafios pelos quais passamos e o enredo da história de cada um de nós. No entanto, não nos representa de forma genuína. Sei que tem havido problemas com as autoridades e com as agências de imigração e que isso é mencionado na televisão. Os jornalistas dirigem-se com as suas câmaras até às filas de imigrantes que estão em frente aos centros à espera das suas autorizações de residência e retratam-nos como pessoas hostis e que estão a discutir e a lutar uns com os outros. Há pessoas nessas filas que estão à espera da autorização de residência há anos. Não há esclarecimentos, apenas nos dão um número para o qual ligar cem vezes por dia para fazer uma marcação. É claro que as pessoas ficam frustradas e chateadas. Eu acho que os meios de comunicação não olham para o cerne da questão, não demonstram o verdadeiro problema.

As pessoas passam em frente ao AIMA e veem estas filas enormes de indianos e outras pessoas mais escuras e pensam logo: “o nosso país está a ficar arruinado por imigrantes”. Já ouvi cidadãos portugueses dizerem que têm medo de que os imigrantes mudem a cultura do país. Eu acho que isso deve ser trabalhado através dos media. Percebo o receio dos portugueses, mas gostava que os media demonstrassem que a imigração é um processo natural e que está a acontecer em todo o lado. Da minha experiência, Portugal até recebe menos refugiados que outros países onde já estive.

Eu acho que estas coisas têm de ser mencionadas para que as pessoas tenham uma noção realista deste fenómeno que está a acontecer não só em Portugal, mas também no resto do mundo.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R - Aqui gostava de mencionar uma notícia que me recordo de ter visto já há algum tempo, mas que vai de encontro com aquilo que disse anteriormente. Era uma reportagem sobre o encontro entre o Papa e um grupo de refugiados estudantes da Universidade Católica. Consegui rever-me em algumas partes, no entanto, senti que não foram mencionados os desafios que experienciamos durante a nossa jornada. É novamente aquela imagem de “onde estivemos e onde estamos agora” e nunca “o processo pelo qual passámos”. Os meios de comunicação não abordam o nosso lado, o quão perdidos

estamos e como precisamos de ajuda. Acho que isso raramente é representado e não percebo qual é a razão para não ser representado... não será suficientemente interessante para o público?!!

**P - Considera que os diferentes media abordam os refugiados e imigrantes da mesma maneira?**

R - Eu acho que cada meio de comunicação representa estes grupos de forma diferente e acho que isso tem a ver com a audiência de cada um. Acredito que, no geral, todos eles querem demonstrar algo “entusiasmante” porque a sua audiência só os vai seguir por um curto período. Às vezes vejo vídeos de 15 segundos [na internet] sobre refugiados a circular e sei que essas imagens não contam a história verdadeira, não demonstram nada. Demonstra apenas caos, e não a realidade. Infelizmente, a maioria das pessoas vai julgar a situação apenas pelo que veem nesse vídeo de 15 segundos e isso pode ser perigoso. No caso da televisão, a cobertura da notícia não é feita como deve de ser porque acho que o relato é feito de forma muito rápida e não sinto que tenhamos uma palavra a dizer, que tenhamos voz. Assim não conseguimos ser ouvidos. Claro que não acho que seja necessário um programa de 1 hora para este assunto, mas era importante que os meios de comunicação se focassem em perguntas como: “Como foi o processo?”; “Pelo que passaram?”; “Quais foram os desafios?”. Acho que esses assuntos não são mencionados porque significaria colocar alguns partidos em causa. Talvez os media não queiram entrar em conflito, não sei.

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R - Definitivamente acredito que a minha integração aqui pudesse ter sido facilitada se a representação de imigrantes e refugiados nos meios de comunicação fosse feita de outra forma. Acho que as pessoas no geral estão pouco informadas. Os meus colegas da faculdade, por exemplo, não têm ideia do que eu passei e os desafios que tive de enfrentar. Acho que a imagem na cabeça das pessoas está demasiado simplificada e está muito longe da realidade. Acredito que os media desempenham um papel importante na questão da nossa integração, mas podiam e deviam fazer mais.

Por fim, gostava de agradecer a oportunidade de me deixar partilhar a minha história e por se preocupar com a nossa situação. É importante explicarmos quem somos, de onde vimos e qual a nossa história de vida.

## Entrevista 6 – refugiado

**Nome:** Saira

**Idade:** 25 anos

**Sexo:** feminino

**Nacionalidade:** paquistanesa

**Estado civil:** solteira

**Habilitações:** a completar mestrado integrado

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Cheguei a Portugal há quase dois anos e meio. Mudei-me a 7 de março de 2022.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R- Sinto que ter vindo para Portugal foi obra do destino. Eu sou do Paquistão, mas mudei-me para a Ucrânia para estudar medicina. Pouco tempo depois a Rússia atacou a Ucrânia e tive de deixar o país. Ao fugir da guerra passei por países como a Hungria e Espanha. Ter vindo para Portugal nunca foi uma decisão minha, foi destino. Vim para continuar os meus estudos.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R - Não tenho família em Portugal, estou cá sozinha. No entanto, tenho muito apoio dos docentes da Universidade Católica. Ter-me mudado sozinha para um país estrangeiro e ajustar-me a uma nova vida foi difícil, mas eu tenho sobrevivido graças a estas pessoas que me têm apoiado.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - Sim, já recebi e continuo a receber apoio de algumas associações. Quando me mudei para Portugal precisei de ajuda para encontrar um sítio onde ficar pois já não tinha mais poupanças. A associação que me ajudou foi a JRS Portugal. Arranjaram-me um apartamento na Amadora que era muito pacífico e confortável. A associação ajudou-me imenso porque me pagou a renda durante os 5/6 meses iniciais. Só quando recebi a bolsa

de estudos é que me tornei autónoma e capaz de pagar a renda sozinha. Para além dessa associação, também recebi muito apoio da Cáritas. Foi lá que conheci uma assistente social chamada Maria Loureiro. A Maria é uma pessoa muito generosa e sempre me ajudou em tudo. Aliás, ainda hoje me dá muito apoio e fico muito feliz pela ajuda que tenho recebido.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R - Acho que qualquer mudança causa dificuldades. Mas quando a mudança é feita de um continente para outro, as dificuldades são ainda maiores. Eu senti muitas dificuldades quando me mudei. Ao chegar a Portugal não me deixaram abrir uma conta bancária por causa da minha nacionalidade, por ser paquistanesa. Depois, felizmente, consegui um certificado de refugiado ucraniano e só por isso permitiram-me abrir a conta. Senti-me muito injustiçada na altura. Porque é que as pessoas não respeitam todas as nacionalidades da mesma forma? É muito triste e senti-me muito desiludida. Para além disto, também senti dificuldades ao nível da língua. É difícil para mim aprender novas línguas e aprender português tem sido um grande desafio. Eu estou a tirar medicina cá em Portugal e o curso é todo em português, por isso, é muito difícil me integrar. Aprender uma nova língua pode causar muito stress e ansiedade.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - Sim, eu sinto-me discriminada muitas vezes. Sinto-me muito mal nas aulas quando ninguém quer trabalhar comigo. Os meus colegas não me querem nos trabalhos de grupo ou nas apresentações orais. Eles fazem-me sentir que não sou boa o suficiente ou que não tenho as mesmas capacidades que o resto da turma.

Também me lembro de outra situação de clara discriminação. Quando eu me mudei da Ucrânia para cá, vim como refugiado ucraniano. Quando tentei integrar o curso de medicina disseram-me que não era possível porque só estavam a admitir refugiados que fossem nacionais da Ucrânia e não refugiados internacionais ucranianos. Senti-me muito mal. Como era possível que estivéssemos todos a passar as mesmas dificuldades e a tentar fugir da guerra, mas só alguns mereciam apoio? Não está certo dizerem-me: “só vamos ajudar os cidadãos nacionais ucranianos. Não ajudamos as outras nacionalidades que estavam a viver ou a estudar na Ucrânia.” E esta situação aconteceu comigo várias vezes. Tentei contactar algumas associações quando cheguei e diziam que não me iam ajudar porque não era ucraniana e não sabia falar ucraniano. Aparentemente, estar a fugir da

guerra e estar na mesma situação que os cidadãos nacionais ucranianos não era relevante. O que realmente importava era a minha nacionalidade, o facto de ser paquistanesa.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Não.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R – Algumas vezes ao longo da semana.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R- Daquilo que vejo nas notícias cá em Portugal, acho que são mencionados algumas vezes. No entanto, se mencionarem o meu país e o meu povo, é sempre de forma negativa. Nunca ouvi nada positivo na televisão sobre paquistaneses. Isso é uma grande desilusão.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R - Há claramente diferenças na forma como os media representam os imigrantes e os refugiados. Vou dar o exemplo do meu país: quando falo com alguém sobre o Paquistão, as pessoas só conhecem as coisas más. Sabem que um paquistanês matou outra pessoa. Mas essas coisas acontecem também em França ou na Itália, mas ninguém fala sobre isso. Acho que os media são muito específicos nas notícias. Eles só escolhem mostrar o que é mau sobre o meu país e isso leva a que as massas pensem errado sobre nós. Os media dizem que somos extremistas, que não seguimos regras nem leis. Não demonstram as coisas boas. Por exemplo, 60-70% das mulheres no Paquistão estão a estudar ou têm habilitações. É um país com muitas crises e muitos problemas, sim. Mas também temos muitas coisas boas e os media só destacam o que é negativo.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R – Uma das últimas notícias que me lembro de ter visto foi sobre um cidadão cristão que foi assassinado por blasfémia no meu país. É verdade que este tipo de incidentes acontece

no Paquistão, mas não acho correto que os media só decidam cobrir assuntos negativos quando se fala no meu país.

Dou-lhe o exemplo de uma injustiça: recentemente um grande amigo meu paquistanês que está a viver cá em Portugal foi atacado com uma faca na cara. Não ouvimos ninguém a falar disso na televisão. E também ainda não foram tomadas medidas quanto ao incidente. Se a situação fosse ao contrário, um cidadão paquistanês a atacar um cidadão português, não ouviríamos falar de outra coisa nos meios de comunicação...

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R – Sim, senti muitas vezes desde que cheguei. Tudo o que os cidadãos portugueses ouvem nas notícias sobre os paquistaneses é sobre violência e o nosso envolvimento em atividades ilegais. Sinto que a perceção das pessoas sobre nós está de acordo com aquilo que veem na televisão. Os portugueses acham que somos criminosos, violentos e más pessoas.

## Entrevista 7 - imigrante

**Nome:** Róger

**Idade:** 67 anos

**Sexo:** masculino

**Nacionalidade:** francesa

**Estado civil:** divorciado

**Habilitações:** 12º ano

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Há quatro anos.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R – Eu comecei a trabalhar aos 17 anos e quando me reformei da fábrica da Renault onde trabalhava tinha bem definido na minha cabeça que não queria passar a minha reforma e os meus últimos anos de vida em França. Estou divorciado e os meus dois filhos já são crescidos e têm as suas vidas encaminhadas, por isso, decidi arriscar-me numa aventura. Os meus pais viveram em Vila Real quando eram novos e em nossa casa falava-se francês e algum português. Acho que essa facilidade que tinha em comunicar em português e também a ligação dos meus pais a Portugal me fizeram tomar a decisão de vir viver para cá. Isto para não falar do clima, das paisagens, da gastronomia que só se tem aqui...

**P - E agora não pensa em voltar para França?**

R - Não! Não quero voltar! Só lá vou visitar os meus irmãos. Até brinco com eles quando lá vou e digo-lhes que têm de vir viver comigo para Portugal. Eu vivia numa pequena aldeia chamada Blaru com pouco mais de 900 habitantes e toda a gente se conhecia uns aos outros... tornou-se um pouco entediante. Vivi lá toda a minha vida e precisava de mudar de ares.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R - Os meus pais já não estão vivos, mas tenho outros familiares que também cá estão em Vila Real. Amigos, fui fazendo desde que me mudei. Não só portugueses, mas também americanos e ingleses que vivem aqui no condomínio.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R - No meu caso, nunca me pareceu necessário procurar ajuda. A minha mudança para Portugal foi planeada e estruturada de forma a não me faltar nada.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R - Não, nunca senti dificuldades. Acho que saber falar português foi uma grande ajuda quando me mudei. Nunca tive dificuldades em comunicar e por isso os portugueses sempre me receberam muito bem e senti-me “em casa” muito rapidamente. Saber falar português pode fazer a diferença. As pessoas são muito hospitaleiras, principalmente aqui no Algarve que estão habituados a conviver com imigrantes e pessoas estrangeiras. Além disso, talvez a minha experiência de integração tenha corrido bem por ser um “*middle class man*”, como dizem os meus vizinhos americanos. Vivo num condomínio moderno a menos de 5 kms das praias de Albufeira. Nunca senti que me olhassem de lado ou que fossem indelicados comigo. Sempre me senti bem-vindo.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R - Não me lembro de alguma vez ter sido. Lembro-me sim de algumas brincadeiras inocentes sobre o meu sotaque, mas não foi nada de grave. Faz parte do processo e consigo perceber que seja engraçado ouvir um francês a falar português.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Sim.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R - Todos os dias. Uma pessoa reformada passa muito tempo em frente à televisão.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R - Aqui em Portugal até são mencionados algumas vezes, mas acho que podiam ser mais ainda. O fluxo de migrantes e de refugiados é uma realidade que está a crescer cada vez

mais em todo o mundo. Acho que esse tema merece não só ser abordado nos media mais vezes, como deve ser feito de forma mais cuidadosa.

**P- Por curiosidade, como é que é feita essa representação nos meios de comunicação franceses?**

R- Atualmente a maioria das notícias na televisão francesa é sobre os imigrantes ilegais e refugiados que estão alojados no norte do país. Há uma grande quantidade alojada nessa zona porque eles depois tencionam fazer passagem para Inglaterra. Vêm quase todos de países africanos, sobem por Gibraltar ou por Itália e fixam-se no norte de França. É muito comum haver desacatos e confusões entre eles nessa zona e o que os media gostam de partilhar é exatamente isso. Acho que de uma forma geral a representação de imigrantes e refugiados não difere muito de um país para outro.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R - Acho essa questão muito interessante. E acho necessário que se pense sobre isso e se faça uma reflexão. Parece-me, de uma forma geral, que os imigrantes e os refugiados costumam ser mencionados nas notícias quase sempre de forma negativa. São quase sempre mencionados porque houve uma desgraça ou porque foram violentos. Acho que há uma valorização da tragédia face a outros assuntos. Mas acho que isso deve ser uma questão de agenda dos media porque já as notícias que chegam de França lá pelos enviados especiais são só sobre protestos e manifestações. Ora é o aumento da idade da reforma, ora são os agricultores. Deixa-me muito preocupado que os portugueses vejam estas notícias e achem que o meu país é só isso. Já me chegaram a dizer numa conversa: “mas o teu país está sempre em protestos? Nunca estão satisfeitos com nada?”. E como é que eu posso contrariar essa ideia que as pessoas têm? Não posso. Os media têm um poder muito forte no que à representação de cada um diz respeito. Eu gosto de estar informado e estar a par do que se passa em França. Acho que é importante nos mantermos conectados ao nosso país de origem, mas infelizmente não é fácil assistir a tantas notícias más e negativas. Não acho, no entanto, que o caso do meu país e do meu povo seja o mais preocupante... preocupa-me mais a forma como refugiados de guerra ou refugiados políticos são representados. Eu sou imigrante europeu e deixei o meu país porque quis e porque posso, não porque fui obrigado ou porque tive de fugir de algo. São essas pessoas

que realmente me preocupam. Eu acho que os media, mesmo de forma inconsciente, perpetuam muitas vezes questões de racismo e discriminação. Por exemplo, há uma clara distinção entre refugiados sírios e refugiados ucranianos, não sente isso!? Os ucranianos são um povo europeu que foge da guerra há 2 anos e todo o mundo está sensibilizado com a situação dos ucranianos. Mas ali no Médio Oriente [na Síria] há uma guerra civil que dura desde a década passada e que faz milhões de refugiados todos os anos e ninguém se parece preocupar da mesma maneira. Os ucranianos têm-se mudado para diferentes países europeus e foram sempre muito bem recebidos, têm casa digna, contratos de trabalho. Há claramente uma distinção na forma como refugiados europeus são recebidos e tratados em relação a outros refugiados não-europeus. E isso reflete-se nas notícias também. O mesmo acontece com os imigrantes. Como disse há pouco, eu nunca sofri discriminação, mas conheço imigrantes brasileiros que sofrem diariamente com isso. Seria de julgar que eles [brasileiros] tivessem alguma facilidade em se integrar por causa da língua, mas acho que isso quase nunca acontece. Os brasileiros sofrem muita discriminação aqui na televisão. No caso dos africanos também noto o mesmo, até aqueles que vêm de antigas colónias portuguesas. Acho que quando se é europeu, é mais fácil. Somos vistos de outra forma e a nossa integração aqui também é mais fácil. Quando falamos de pessoas que vêm de África, do Médio Oriente ou até da América Latina, a história já é diferente. Eu sou um privilegiado, na verdade.

Por isso, respondendo à sua pergunta: não acho que sejam todos representados da mesma forma. Ainda que tenham o mesmo *status*, de imigrante ou refugiado, são representados de maneira diferente.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R - Ainda esta semana vi uma notícia sobre a alteração que fizeram na Lei dos Estrangeiros. Agora os imigrantes que cheguem a Portugal precisam de um visto de trabalho. Consigo perceber a preocupação dos imigrantes e das associações que apoiam os imigrantes. Obrigar as pessoas a chegarem a Portugal com um visto de trabalho pode ser uma tentativa para controlar a imigração ilegal, mas ao mesmo tempo tenho receio que os sem-abrigo aumentem e que haja cada vez mais miséria e exclusão social.

**P - Considera que os diferentes media abordam os refugiados e imigrantes da mesma maneira?**

R - Eu vejo muita televisão e ouço alguma rádio. Foi assim que fui habituado em França. Acho que as notícias e os temas são mais ou menos os mesmos nos dois meios, mas acho que a televisão tem um maior impacto devido aos diferentes estímulos. As imagens e os sons chamam a nossa atenção e fazem com que fiquemos mais ligados, mais próximos à notícia, e que tomemos atenção do início ao fim. Quando o assunto são desgraças, ainda mais.

Em relação às redes sociais e aos jornais digitais, eu costumo dizer que não tenho idade para isso. Isso é bom para os mais novos que andam sempre de telemóvel na mão. Pelo que vejo, as notícias também são mais ou menos as mesmas e com o mesmo tipo de conteúdo. A particularidade interessante das redes sociais e dos jornais digitais é o facto de as pessoas poderem ver a informação as vezes que quiserem. Acho isso muito importante, conseguirmos aceder a toda a informação quando quisermos e onde quisermos.

Além disso, também são uma forma de partilha de informação e de espaço de comentário, acho que isso permite que as pessoas possam discutir e trocar ideias entre si... pelo menos num Estado democrático como Portugal. E isso é muito importante.

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R - A minha experiência e a minha integração em Portugal aconteceram de forma muito natural, como já lhe tinha dito. Não tenho razões para me queixar porque sempre fui bem tratado e bem recebido. De uma forma geral, não tive qualquer dificuldade de integração e nunca me senti discriminado. Mas conheço pessoas que não tiveram uma experiência tão positiva como a minha e a forma como são abordados na televisão certamente também não ajuda. Esses casos são todos de pessoas que não são de países europeus como lhe disse e acho que é com essas pessoas que existe maior preconceito. Porquê? Não sei. Mas acho que ainda há um longo caminho a percorrer.

**P- Que caminho é esse?**

R – É engraçado que me faça essa pergunta. Lá em França os exames nacionais de 12º ano chamam-se BAC [Baccalauréat] e é proposto que os alunos desenvolvam um de três temas à escolha. Acho essa abordagem muito interessante porque estimula o pensamento crítico dos jovens sobre um determinado assunto. Essa pergunta poderia facilmente sair

num exame de BAC. Acima de tudo, acho que o caminho devia ser educar e consciencializar as camadas mais jovens de que a imigração é um fenómeno que vai continuar a crescer nos próximos tempos. Isso é inevitável. A mudança de pensamento e de mentalidade deve começar pelos mais novos na escola porque eles é que são o futuro do país. Depois, propunha também uma mudança na forma como os meios de comunicação abordam estes temas sensíveis. Acho que às vezes falta um pouco de sensibilidade da parte dos jornalistas e de quem coordena os jornais. A maioria dos imigrantes e dos refugiados têm vidas muito complicadas...muitos vêm para cá fazer aquilo que os portugueses não querem fazer porque são trabalhos difíceis. Servem às mesas, trabalham nas obras ou nos campos de agricultura no Alentejo onde estão 40 graus à sombra. Até como cantoneiros! Não nos podemos esquecer disso nem do quanto contribuem para o país.

## Entrevista 8 - refugiado

**Nome:** Layla

**Idade:** 22 anos

**Sexo:** feminino

**Nacionalidade:** síria

**Estado civil:** solteira

**Habilitações:** licenciatura

**P - Há quanto tempo está em Portugal?**

R - Há sete anos.

**P - Por que razão se mudou para Portugal?**

R – Precisava de fugir da guerra e queria continuar os meus estudos. Estive na Jordânia pouco tempo, precisava de escapar ao conflito armado na Síria. Assim que tive oportunidade fui viver para França. Depois disso decidi mudar-me para Portugal para terminar a licenciatura em Relações Internacionais.

**P - Tem família/ amigos em Portugal?**

R – Quando cheguei não conhecia ninguém. Deixei tudo para trás. Ao longo destes sete anos fui conhecendo algumas pessoas e fazendo amizades aos poucos.

**P - Está integrado ou recebe apoio de alguma associação? Qual? De que forma?**

R – Recebi apoio da Plataforma Global para Estudantes Sírios apenas enquanto ainda estava a estudar. Atribuíram-me uma bolsa de estudos que me permitiu aceder ao ensino universitário e terminar a licenciatura. Também recebi apoio do Conselho Português para os Refugiados (CPR) e isso foi crucial para mim porque quando cheguei não tinha sítio onde ficar e foram eles que me ajudaram.

**P - Sentiu dificuldades de integração? Porquê?**

R – Sim. A primeira dificuldade foi a diferença de culturas. Foi um grande choque para mim quando cheguei. Depois, a barreira da língua que também foi complicado de ultrapassar. Mas acho que o mais difícil de tudo é ser aceite pela sociedade. Recebi muita ajuda das associações de apoio a imigrantes e refugiados, no entanto, a população no geral tem alguma falta de sensibilidade quanto à nossa situação.

**P - Alguma vez sentiu que foi alvo de discriminação desde que chegou?**

R – Sim, algumas vezes. Eu sou muçulmana e uso *hijab* por motivos religiosos. Há quem me olhe muito mal e faça comentários em pleno século XXI. Eu sei falar árabe, inglês, português, espanhol, russo e francês. Eu percebo os comentários que são feitos a meu respeito na rua. É muito doloroso que as pessoas ainda façam distinção entre nacionalidades, culturas e religiões.

**P – Recorda-se de algum episódio específico?**

R – Sim. Aqui ao lado de casa há uma pequena mercearia de rua onde vou muitas vezes quando me faz falta alguma coisa. Um dia estava a comprar fruta e ouvi dois rapazes falarem sobre mim. Diziam que devia voltar para casa [Síria] e que Portugal já estava cheio de pessoas como eu [refugiados]. Não sei se mais algum entrevistado lhe disse isto, mas sinto que causamos uma certa sensação de insegurança nas pessoas. Ficam desconfiados e assustados quando falam e lidam connosco e isso dificultou a minha integração.

**P - Tem televisão na sua residência?**

R - Sim.

**P - Com que regularidade assiste notícias através da televisão?**

R – Algumas vezes ao longo da semana.

**P - Considera que refugiados e imigrantes são mencionados nas notícias com regularidade ou é uma realidade que deveria ser abordada mais vezes?**

R – São mencionados de vez em quando. Como estudante de relações internacionais, gostava que fossem mencionados mais vezes. É uma temática muito importante e com o

crescimento da extrema-direita na Europa, preocupa-me o futuro dos refugiados e dos imigrantes ilegais. A maioria das pessoas deslocadas no mundo foge de conflitos armados e há que educar as pessoas sobre crises humanitárias e alertar para questões como a violação dos Direitos Humanos, segurança, terrorismo e saúde. É preciso que os meios de comunicação transmitam estes assuntos para que a opinião pública faça pressão sobre as potências mundiais e sobre os Governos para que se tomem medidas e se resolvam os conflitos. Por isso fico tão feliz que se dedique a este assunto na sua tese e se preocupe com coisas que realmente importam. Este tema merece cada vez mais a nossa atenção e por vezes as pessoas e as entidades competentes parecem se esquecer disso.

**P - Do seu ponto de vista, como é que imigrantes e refugiados são representados nos meios de comunicação portugueses? São todos representados da mesma forma ou há diferenças?**

R – Há diferenças na forma como são representados. Penso que imigrantes dos países lusófonos geralmente enfrentam muito racismo e questões de discriminação nas notícias, ainda que falem português. Vejo muitas notícias sobre brasileiros e nunca são boas, geralmente associadas a questões de segurança e justiça.

Em relação aos refugiados, acho que quem sofre menos com questões de discriminação nas notícias e no dia-a-dia são os refugiados ucranianos. Os refugiados que chegam do Paquistão, Síria, Afeganistão e Bangladesh sofrem bastante.

**P - Qual é a última notícia que se lembra de ter visto na TV sobre refugiados e imigrantes? Sentiu-se identificado/a?**

R – Não me lembro.

**P – Uma vez que já viveu noutros países antes de chegar a Portugal, sente diferença na forma como cada um dos países representa os imigrantes e os refugiados?**

R – É muito parecido. Emigrei para França e senti que as formas de representação eram idênticas. Normalmente as notícias sobre imigrantes ou refugiados são negativas, associadas quase sempre à criminalidade, delinquência e ao terrorismo, por exemplo. E isso é mais ou menos parecido em Portugal e em França. Essas representações influenciam claramente o modo de pensar de cada um e criam estereótipos sobre nós [refugiados].

**P - Alguma vez sentiu que a sua integração na sociedade pudesse ser afetada pela forma como os meios de comunicação representam imigrantes e refugiados?**

R – Com certeza. Especialmente em termos de burocracia.

**P- Consegue partilhar um exemplo específico?**

R- Sim. Devido à minha nacionalidade, foi muito difícil conseguir certos documentos para regularizar a minha situação em Portugal. Também foi difícil arranjar quem me disponibilizasse casa. Negaram-me casa por várias vezes e foi por isso que tive de pedir ajuda à CPR.